

Ludo Martens

O COLAPSO DA URSS E OUTROS ESCRITOS



Edições NOVA CULTURA



Proletários de todo o mundo, uni-vos!



Ludo Martens

Balanço do Colapso da URSS e outros escritos

Edições Nova Cultura

1ª edição

2018

© 2018 - NOVACULTURA.info

Autorizamos que o conteúdo deste livro seja utilizado ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja impresso, digital, áudio ou visual por movimentos de massas, organizações, sindicatos, associações, etc.

Edições NOVA CULTURA

www.novacultura.info/selo



O selo *Edições Nova Cultura* foi criado em julho de 2015, por iniciativa dos militantes da **UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA**, com o objetivo de promover e divulgar o marxismo-leninismo.

MARTENS, Ludo; Balanço do Colapso da URSS e outros escritos. 2ª Edição. 2018.

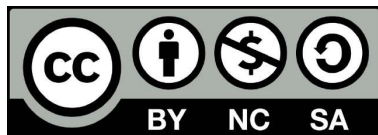
Conselho Editorial: União Reconstrução Comunista

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA *CREATIVE COMMONS*

Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil.

É permitido:

– Copiar, distribuir, exibir e executar a obra – criar obras derivadas



Sob as seguintes condições:

ATRIBUIÇÃO: Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante; **USO NÃO COMERCIAL:** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais; **COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA:** Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

– Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outro, os termos da licença desta obra.



Índice

Apresentação	13
Os anos de Brejnev: stalinismo ou revisionismo?	19
XXIII Congresso: Brejnev, fiel sucessor de Khrushchev	21
O ataque contra a China socialista	21
O irresistível avanço do comunismo.....	23
O marxismo esclerosado como falsa consciência	24
O economicismo	26
Os problemas econômicos e o perigo de restauração.....	28
A subestimação do imperialismo e o elogio da via reformista..	31
XXIV Congresso: Brejnev aprofunda a revisão do leninismo.....	33
Escalada contra a China socialista	34
O nascimento da tendência hegemônica.....	37
A aproximação de todas as classes e de todas as nacionalidades	40
Discursos moralizantes para “marginais”	41
Abordagem idealista do imperialismo, apoio ao reformismo....	42
Brejnev “analisa” a Polônia e a Tchecoslováquia.....	43
Um movimento comunista internacional que se pulveriza	46
XXV Congresso: o apogeu do hegemônismo	47
Vai tudo muito bem senhora Marquesa.....	48
Leste: o modelo para o hegemônismo	49
O eixo principal do progresso da humanidade.....	50
De onde vem a corrente hegemônica?	55
O desanuviamento	56
A degeneração crescente do Partido.....	58
Tranquilidade e estabilidade para os dignitários.....	60
A corrupção tranquila	61

XXVI Congresso: fuga em frente para o desmoronamento.....	64
Tudo vai bem, tudo está mal.....	64
Na comunidade socialista.....	65
A paridade militar.....	66
Exército soviético no Terceiro Mundo.....	67
A luta contra a corrida armamentista como prioridade	67
Presságio de um desmoronamento próximo.....	69
A crise no Leste anuncia-se	69
Mecanismos econômicos em decomposição	70
Balanco do colapso da URSS: sobre as causas de uma traição e as tarefas futuras dos comunistas.....	75
Lenin, Stalin e a ditadura do proletariado.....	76
Khrushchev: a primeira ruptura com a revolução	82
Brejnev: a degeneração acelera-se	85
Gorbachov: a restauração do capitalismo	90
As lições históricas da experiência da URSS e dos países do Leste da Europa: a liderança do Partido Comunista é decisiva na construção do socialismo.....	95
No socialismo, a luta de classes tem que seguir para consolidar a ditadura do proletariado.....	96
O socialismo consolida-se através da democracia socialista....	97
A revolução científica e tecnológica é essencial para demonstrar a superioridade do socialismo.....	98
O Partido deve manter o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário ao adotar uma posição independente.....	99
No caminho de grandes convulsões no mundo	104
Tiananmen, 1989: da deriva revisionista ao motim contrarrevolucionário.....	111
A ascensão do capitalismo e do revisionismo na China. Economia: a volta dos patrões.....	112
A entrada do Imperialismo.....	112
A influência ideológica do Ocidente	113
O desenvolvimento de uma burguesia na China	115
As forças por detrás do Movimento “Democrático”	116
Política: a alavanca da Democracia Burguesa	116
Wei Jing-Sheng, o pequeno Le Pen chinês	118
Os estudantes contra o Socialismo	119

O Partido as vésperas da ruptura.....	120
Hu e Zhao, o casal revisionista.....	121
O enfrentamento no seio do Partido	123
O que realmente querem os estudantes de Pequim	127
Uma Revolução contra o Socialismo	128
O programa de Fang Lizhi	129
A Federação para a Democracia e o Kuomintang: coincidências	132
Seu “pacifismo” era uma mentira: aqui estão as provas.....	135
As peregrinações à Taiwan	137
Zhao Zhiyang se une a contrarrevolução	140
A direita ao assalto do poder	141
Preparação sistemática da violência.....	143
Os pacifistas: “Sabemos que deve correr o sangue! ”	146
Os amotinados atacaram primeiro	147
Empurrados deliberadamente para a morte?	149
O Exército tinha a obrigação de acabar com o motim	150
A China em uma encruzilhada	151
Porém o Partido cometeu erros... ..	153
Gerontocracia positiva e negativa.....	153
A direita pró-imperialista foi derrotada na China.....	155
No campo econômico encontramos acentos novos.....	156
A importância de se informar	156
O futuro da China é incerto	157
Uma confirmação de certas teses de Mao Tsé-Tung	158
Os ecologistas e a ofensiva do Imperialismo Americano	160
O Trotskismo a serviço da CIA contra os países socialistas.....	163
A restauração do capitalismo é impossível!.....	163
“Só idiotas manifestos...”	164
1989: A restauração impossível a médio prazo	165
De um lado “a burocracia”, do outro “as massas”	168
A glasnost é um trotskismo... ..	169
O apoio de Mandel a Yeltsin	171
Um grande suspiro de alívio	175
A revolução política antiburocrática trotskista.....	177
Provocações a serviço dos nazistas	178
Mandel apoia os nazistas ucranianos.....	183

Com a contrarrevolução em Berlim e em Budapeste	184
Com o <i>Solidarnosc</i> , o “poder operário”	186
Com a CIA na Tchecoslováquia.....	187
A revolução proletária na RDA!.....	189
A <i>glasnost</i> e o multipartidarismo contra “stalinistas”	191
Viva a <i>glasnost</i> !.....	191
Abaixo o partido único!.....	192
Não reprimir a contrarrevolução!	194
Os “stalinistas” de Pyongyang até Havana	199

Apresentação

O selo Edições Nova Cultura, da União Reconstrução Comunista, dá um segundo passo em seu projeto de editar importantes obras do revolucionário belga Ludo Martens, destacado dirigente do Partido do Trabalho da Bélgica, com esta edição que compila mais alguns importantes textos sobre o processo do revisionismo que dominou a União Soviética a partir do XX Congresso do PCUS, com a ascensão de Khrushchev ao poder no partido.

Anteriormente publicamos a obra de Ludo Martens, *A URSS e a Contrarrevolução de Veludo*, por considerá-la uma das melhores referências de aplicação do materialismo histórico à análise do processo da queda do bloco socialista no leste europeu e a dissolução da URSS.

Dentre as principais características dos escritos de Ludo Martens sobre o tema, está o afastamento das análises costumeiras da queda do socialismo nestes países, que identificam a motivação final deste processo no chamado “stalinismo”. Martens demonstra que tais teses de origem revisionista e oportunista são, na verdade, um mascaramento dos reais fatores que levaram à dissolução do socialismo no leste europeu. Os ataques à Stalin, neste sentido, foram o primeiro passo no ataque ao socialismo e aos fundamentos anteriormente demonstrados por Lenin; no processo de combate ao “culto da personalidade” iniciado por Khrushchev e prosseguido por seus sucessores, foi substituída, pouco a pouco, a linha revolucionária do Partido Bolchevique, desenvolvida pelos camaradas Lenin e Stalin, por uma linha revisionista que abriu espaço, como alerta Martens, ao retorno político

dos membros da antiga classe dominante: a burguesia de antes de 1917; remanescentes ligados ao czarismo; a igreja católica ortodoxa; fascistas derrotados da Segunda Guerra Mundial; e, por fim, a CIA.

Tais análises acerca do “stalinismo” como causa geral da derrocada do socialismo, fazem uma completa abstração da realidade soviética, tanto no campo da economia, como no âmbito da política, das relações internacionais; não se sustenta diante de uma análise crítica dos fatos. Ao desmontar as mistificações criadas acerca do fim da União Soviética, Martens permite uma compreensão correta da concepção ideológica do revisionismo que subiu ao poder no PCUS após a morte de Stalin, que por sua vez, também influenciou sobre diversos partidos, que marcaram o abandono do marxismo-leninismo e a adoção de posições oportunistas.

Ludo Martens apresentou uma lúcida e rica análise dos erros fundamentais que levaram a degeneração do Partido Comunista da URSS, e, também, dos demais partidos que dirigiam outros países socialistas. Martens deixa claro que o problema se inicia com algumas premissas khrushchevistas e que, em maior ou menor proporção, reaparecem nos governos subsequentes: a tese da convivência pacífica com o imperialismo; a tese da revolução pacífica, e a tese segundo a qual no socialismo soviético não havia mais luta de classes, colocando o comunismo com um norte próximo de ser alcançado. Diante do estrago causado pelo relatório Khrushchev e suas teses revisionistas, o fracasso da unidade do movimento comunista internacional, dividido entre os partidos que seguiram a posição revisionista e os que se levantaram contra estas posições, destacadamente os chineses e os albaneses, a cisão foi inevitável.

A presente obra de Ludo Martens nos possibilita imergir na névoa de caos causado pelos trotskistas, socialdemocratas, revisionistas, pós-modernos e outras falhas análises

que sequer trazem à tona os problemas concretos que se desenvolveram nestes países, frutos de, em última instância, de uma linha política errada atolada no revisionismo que minaram os princípios do marxismo-leninismo na direção do partido e, consequentemente, levaram os países à restauração capitalista.

Em suma, Martens nestes trabalhos aqui compilados, nos oferece um instrumento essencial de combate ao reformismo, ao revisionismo e das tendências socialdemocratas e pequeno burguesas dispersas aos montes no movimento comunista.

O primeiro texto desta coletânea, datado de setembro de 1990, *Os anos de Brejnev: Stalinismo ou Revisionismo*, tem como fio condutor a análise do caráter do período de Brejnev, o sucessor de Nikita Khrushchev. Martens se esforça para demonstrar as diferenças e semelhanças entre o governo de Brejnev, a partir dos documentos dos Congressos do PCUS, e a linha revisionista da direção de Khrushchev. Martens demonstra que a premissa do processo de ataque à Stalin (e por consequência, aos princípios do marxismo-leninismo) seguiu sob a direção de Brejnev. O período é marcado basicamente pela continuação de muitas das teses khrushchevistas, com tendência particular à militarização, no apoio bélico a partidos reformistas pelo restante do mundo, e condenar fortemente as lutas de libertação nacional. Brejnev, com a típica linguagem revisionista, afirmava, num momento de plena desunião do movimento comunista e, sobretudo, de desunião de linha ideológica com a China e a Albânia: que o movimento comunista internacional solidificou posicionamentos como força política influente do período. Poder-se-ia dizer que o “brejnevismo” seria um “khrushchevismo” militarizado.

Na sequência, o artigo *Balanço do Colapso da URSS*, que inclusive dá nome a esta coletânea, de abril de 1992, no

qual Martens faz uma análise magistral sobre a degeneração no seio do Partido bolchevique, que culminou com a dissolução do primeiro Estado operário da história da humanidade. Neste trabalho, o autor, a partir de uma perspectiva marxista-leninista, apresenta como no desenvolvimento do Partido, mesmo sob o socialismo, negligenciar a vigilância ideológica dos princípios do marxismo-leninismo, faz com que na luta interna dentro do seio partidário os elementos burgueses e contrarrevolucionários conquistem espaço, até que se chegue em um momento de total ruptura com o caráter revolucionário do partido revolucionário. E de forma geral, foi este o caso do processo ocorrido na URSS, a negação do marxismo-leninismo, ainda que com a máscara “comunista” do revisionismo soviético, fez com que a URSS caminhasse irresistivelmente ao seu colapso.

Já no intitulado *Tiananmen, 1989: da deriva revisionista ao motim contrarrevolucionário*, escrito em setembro de 1991, Martens analisa o processo contrarrevolucionário que eclodiu na China na esteira das contrarrevoluções do leste europeu e que culminou nos episódios da praça Tiananmen. O autor demonstra como no final da década de 1980, o imperialismo pôde dirigir um movimento de expressão da direita na China, com grande apoio na imprensa internacional. A tática consistia, num primeiro momento, em evitar, até que se crie o apoio popular, o enfrentamento direto com órgãos de defesa da ditadura do proletariado. Assim, ao conquistar vasta influência entre setores oscilantes ou reacionários das massas, passa-se à segunda etapa, para construir o psicológico social das massas para a ideia de “enfrentamento inevitável” devido ao papel “repressivo” adotado pelas autoridades chinesas, que por serem “totalitárias” em marcha a agressão permitem aos manifestantes o direito a “legítima defesa”. De modo geral, Martens explica como o imperia-

lismo tentou aplicar a tática de revolução colorida e as responsabilidades do próprio Partido Comunista da China, por ter permitido que as condições materiais para este fenômeno se desenvolvem-se livremente.

No artigo *O trotskismo a serviço da CIA contra os países socialistas*, datado de outubro de 1992, Martens analisa as posições trotskistas e do movimento influenciado por estas, contribuiu ativamente para o ataque imperialista contra os países socialistas durante este processo de dissolução no final da década de 80. O autor demonstra como o trotskismo define o marxismo-leninismo como seu inimigo fundamental, e atua a serviço dos interesses do imperialismo, agindo como quinta-coluna no combate às experiências socialistas. Mandel, um dos principais dirigentes trotskistas do último século, ao apoiar a figura de Yeltsin como um revolucionário contra a burocracia “stalinista” exemplifica perfeitamente a quem serve, de fato, esta corrente nefasta que se desenvolve ainda hoje.

Por fim, no documento do Partido do Trabalho da Bélgica, *Sobre alguns aspectos da luta contra o revisionismo*, escrito em 1996, aborda dois aspectos particulares da luta contra o revisionismo: o combate pela unidade dos comunistas e o combate pela defesa do internacionalismo proletário contra o nacionalismo burguês. Martens aqui desenvolve uma crítica a determinadas posições surgidas durante o Grande Debate, quando o Partido Comunista da China com o camarada Mao Tsé-tung à frente, travou uma luta ideológica contra a linha revisionista de Khrushchev na direção do Partido Comunista da União Soviética.

Acreditamos que com a edição de mais este título do camarada Ludo Martens, um dos marxista-leninistas que mais contribuíram com sua profícua e correta análise sobre a ascensão do revisionismo na URSS e a contrarrevolução que levou à dissolução do bloco socialista no Leste europeu.

Nestes trabalhos, Martens oferece importantes contribuições para que se conheça os principais aspectos deste processo, o papel do revisionismo, a atuação nefasta de trotskistas e outras forças contrarrevolucionárias, a ação do imperialismo para fazer implodir os países socialistas. Uma leitura necessária para que compreendamos o desenrolar do XX Congresso e da linha revisionista khrushchevista, que tanto afetou negativamente o movimento comunista internacional e, em especial, em nosso país, com a adoção destas teses pelo Partido Comunista Brasileiro, com os reflexos deste caminho tomado sendo sentidos até hoje.

Tal qual Martens faz, devemos nos guiar por uma análise fundada no materialismo histórico, nos fatos concretos da nossa história e do movimento comunista no Brasil, para compreender os erros e travar a luta contra o revisionismo e o oportunismo no movimento, para assim sermos capazes de reconstruir o partido revolucionário da classe operária e retomar o caminho da Revolução Brasileira.

UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA

Os anos de Brejnev: stalinismo ou revisionismo?

Quando Gorbatchov nos surpreendeu em 1985 com um discurso radicalmente novo em relação aos 17 anos de brejnevismo, quando lançou propostas corajosas no domínio do desarmamento, quando a seguir retirou suas tropas de certos envolvimento aventureiros no Terceiro Mundo, reabriu-se novamente um velho debate. Existiria ainda uma esperança de que a União Soviética regressasse aos princípios socialistas revolucionários? Seria necessário reler a análise elaborada, logo no final dos anos 60, pelo Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia? A restauração do capitalismo na URSS teria sido consumada com o golpe de estado de Khrushchev em 1956? O regime existente desde então poderia ser caracterizado como um capitalismo de Estado praticando uma política externa social-imperialista?

Hoje, agosto de 1990, Gorbatchov nos surpreende novamente: pela rapidez e pela energia com que restabelece o livre mercado e a propriedade privada e com a qual lança planos de privatização e de integração ao sistema capitalista mundial. Estas duas tomadas de posição inesperadas remetem-nos para uma avaliação do período de Brejnev, que durou de 1966 a 1982. Opiniões diferentes circulam entre as forças que reivindicam o marxismo-leninismo.

Alguns consideram que a chegada ao poder de Brejnev, em 1965, significou o início de uma crítica do revisionismo de Khrushchev. Os ataques odiosos contra Stalin e a experiência histórica dos anos 20 e 30 cessaram. Houve algum reconhecimento dos méritos de Stalin e da linha que ele representou. A União Soviética regressou a certos princípios essenciais do

leninismo que haviam sido abandonados por Khrushchev.

Outros pensam que a linguagem mais ortodoxa servia de cobertura para esconder o processo de decomposição ideológico e político que persistia à cabeça do partido e do Estado. A linguagem aparentemente mais marxista-leninista não correspondia a uma prática autenticamente revolucionária, mas a um comportamento hegemônico e aventureiro.

Outros, ainda, creem que o regresso a um discurso mais ortodoxo era a expressão de um compromisso entre diferentes classes e tendências políticas. A camada dos burocratas renunciava aos ataques ultrajantes contra Stalin para evitar reações populares violentas. Sentia que era preciso mais tempo para desmontar, na prática diária, os mecanismos e estruturas socialistas; só depois é que poderia atacar os fundamentos ideológicos do sistema. Forças marxista-leninistas continuavam a sua atividade sob Brejnev, apesar de já não determinarem as orientações do partido.

O abalo de Gorbatchov teria sido inevitável após o período Brejnev?

Gorbatchov representaria o salto qualitativo num processo contínuo de degeneração? Após o fracasso do brejnevismo, uma outra virada, uma mudança revolucionária e marxista-leninista, teria sido possível na direção do Partido Comunista da União Soviética?

Uma resposta completa a todas estas interrogações exige, com certeza, um estudo da evolução econômica e social da URSS, uma análise da diferenciação das classes sociais, uma informação bastante completa sobre as diferentes tendências existentes no PCUS e entre seus quadros dirigentes, uma análise do peso do aparelho militar e das suas tendências políticas e ideológicas.

Neste estudo queremos avaliar se os quatro congressos do PCUS organizados sob Brejnev podem indicar-nos respostas sobre algumas das perguntas levantadas. Os

relatórios que Brejnev apresentava no congresso do Partido não são mais do que um aspecto da realidade soviética. Mas são um aspecto importante porque nos dão as análises que a direção fazia a propósito da situação nacional e internacional, a orientação política e ideológica que impunha ao partido, a sua visão do futuro e as tarefas que fixava ao partido e o povo.

XXIII Congresso: Brejnev, fiel sucessor de Khrushchev

Foi avançada a ideia de que a chegada ao poder de Brejnev marcou uma ruptura com a política revisionista de Khrushchev, que Brejnev reabilitou Stalin e reintroduziu o conceito da ditadura do proletariado. Ora, no XXIII Congresso, realizado em 1966, Brejnev afirma logo de entrada:

Durante todos estes anos [1961-1966], o PCUS, inspirando-se da linha definida pelos XX e XXII congressos do Partido, conduziu firmemente o povo soviético na via da construção do comunismo. (p. 5)

Em todo o relatório não encontramos a mínima crítica a nenhuma das grandes ideias novas que caracterizam o revisionismo de Khrushchev.¹

O ataque contra a China socialista

Durante o período abrangido pelo relatório ocorreu um acontecimento de importância histórica no movimento comunista internacional: a ruptura entre o Partido Comunista da URSS e o Partido Comunista da China. No decurso do Grande Debate, que ocorreu nos anos 1963 e 1964, a China defendeu os princípios revolucionários do leninismo, en-

1. Todas as citações estão presentes no XXIII Congresso da PCUS, ed. Agência Novosti, 1966.

quanto que a União Soviética, relativamente às questões essenciais, se virou para a socialdemocracia. No seu relatório, Brejnev não produz a mínima análise nem o mínimo balanço desta luta ideológica. Apenas consagra algumas linhas sobre a China para dizer o seguinte:

Os desvios da linha marxista-leninista, sejam eles de direita ou de “esquerda”, tornam-se particularmente perigosos quando se confundem com manifestações de nacionalismo, de chauvinismo de grande potência e de hegemonismo. (p. 30-31).

Brejnev conduz já a luta ideológica e política a golpes de bordão. Partindo das posições revisionistas de Khrushchev, Brejnev acusa o partido chinês de oportunismo de esquerda; a China é catalogada de “nacionalista” por ter se recusado acatar as novas teses do XX e do XXII congressos do PCUS. A União Soviética projeta as suas próprias práticas bem reais de chauvinismo de grande potência e de hegemonia sobre a China, cuja política de ajuda e de apoio aos revolucionários do mundo inteiro era, nos anos 60, autenticamente revolucionária. Esta política não tinha nada a ver com intenções de “hegemonia mundial”, acusação que na altura foi lançada contra a China por todas as forças imperialistas. É bastante significativo o que escreve, em 1965, o antigo nazista Siegfried Muller, que ingressou na escola militar americana, em 1950, para em seguida servir a OTAN durante seis anos e se tornar, em 1964, mercenário no Congo-Kinshasa:

Se um perigo ameaça o Ocidente cristão, ele só pode vir da velha cidade imperial de Pequim. (...) Pequim já tateia a África com a ponta do pé. 750 milhões de chineses comprimem-se no seu país. Avançam lenta, mas

seguramente em direção aos Estados Unidos. Estão presentes na Indonésia, na Birmânia, em Hong-Kong (!) E em muitos outros lugares.²

O irresistível avanço do comunismo...

Brejnev apresenta uma análise da situação do movimento comunista internacional tingida pelo subjetivismo grosseiro que caracterizava a euforia khrushchevista, cuja função primária era encobrir a realidade.

“O movimento comunista internacional consolidou as suas posições como força política mais influente da nossa época” (p. 25). “No decurso dos anos transatos, o sistema mundial do socialismo reforçou-se sensivelmente”. (...) “Nos países irmãos, o regime socialista reforça-se regularmente” (p. 9 e 11). “Sim, este Estado socialista, vigoroso e próspero para todo o sempre, existe! Este Estado é a nossa pátria soviética, a URSS. O seu poderio no plano econômico, militar e outros é inabalável”. (p. 174)

O sentimento de potência irresistível que emana da URSS inspira a apreciação otimista do movimento comunista internacional. Mas falar de “consolidação” do movimento no momento da ruptura com os partidos chinês e albanês, no momento de confrontação política com a China socialista, com seus 800 milhões de habitantes, no momento em que se manifestam divergências profundas com os partidos vietnamita, coreano, romeno e cubano, é pura mistificação. Análises burgueses fizeram melhor ao assinalarem a possibilidade

2. MULLER, Siegfried. *Os Novos Mercenários*, Paris: France Empire. 1965, p. 100-101.

de um enfraquecimento estratégico do movimento comunista internacional devido à ruptura entre o PCUS e o PCCh. A ideia do “poderio inabalável” da URSS está na base do hegemonismo soviético sobre o movimento comunista, que desponta já neste relatório do XXIII Congresso. “As constantes fundamentais da edificação socialista são comuns a todos os países” (p. 11). Mas a URSS tem o monopólio para determinar estas constantes e, por conseguinte, para excomungar os que não seguem cegamente as concepções soviéticas, como foi o caso, nos anos 60, do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia.

O marxismo esclerosado como falsa consciência

Com a chegada de Brejnev ao poder, o marxismo-leninismo se transforma, de ciência da revolução, em ideologia, em falsa consciência que mascara os interesses privados de uma camada privilegiada que está a separar-se dos trabalhadores. Os relatórios que Lenin apresentava nos congressos do Partido eram modelos de análise concreta, materialista, das realidades socioeconômicas em plena mudança, modelos com espírito de luta e de combate. Nos relatórios de Stalin reencontramos o marxismo-leninismo como ciência da prática da luta de classes; a análise que visa impulsionar a revolução mundial e a luta de classes na União Soviética, reencontramos o debate, a crítica, a confrontação política no interior do Partido. Estas características fundamentais não devem ser obscurecidas pela constatação de certas fraquezas e erros políticos e ideológicos de Stalin, que não tinha o gênio de Lenin.

Com Brejnev, o marxismo-leninismo passa a ser uma ideologia, um conjunto de teses, de ideias, de concepções, que serve para ofuscar as realidades vivas e moventes e legitimar os interesses particulares da camada no poder. Os relatórios de Brejnev são verborragias mistificadoras à imagem

dos discursos socialdemocratas no Ocidente que falam de socialismo, de ideais igualitários, de humanismo, de luta contra o capitalismo monopolista para melhor ocultar os antagonismos de classe e melhor conduzir as massas à colaboração com o sistema existente. No relatório de Brejnev ao XXIII Congresso é em vão que procuramos uma análise materialista, profunda, sobre as posições políticas e os interesses econômicos das diferentes camadas e classes sociais na URSS, uma análise dos fenômenos sociais essenciais da sociedade soviética. Brejnev repete inúmeras vezes generalidades do tipo: “a teoria deve abrir sempre o caminho à prática” (p. 160) e “todo o trabalho ideológico deve estar estreitamente ligado à vida, à prática” (p. 163), mas esquia-se a aplicar estes excelentes preceitos. E quando de tempos a tempos se arrisca a “desenvolver” a teoria, afasta-se completamente da prática e da realidade.

“O Partido Comunista”, afirma Brejnev, “tornou-se ainda mais forte e monolítico” (p. 6). Um ano após a queda de Khrushchev, de que espécie de “monolitismo” se poderia falar? Sem a menor análise das realidades econômicas, políticas, culturais, religiosas que existem entre as 131 nacionalidades e etnias que vivem na URSS, Brejnev declara peremptoriamente: “os povos da URSS estão envolvidos em um processo de aproximação cada vez mais pronunciado, a sua unidade e a sua coesão reforçam-se ao ponto de se tornarem indestrutíveis”. (p. 165).

Brejnev permanece fiel a uma das teses essenciais de Khrushchev segundo a qual a luta de classes cessou de existir na URSS, exceto sob formas marginais de delinquência e de parasitismo. Isto leva Brejnev a constatar certos fenômenos sociais, mas sem lhes consagrar uma análise de conjunto e em profundidade, portanto, sem desembocar em uma prática de luta de classes consequente.

“Infelizmente”, diz, “ainda existem pessoas que se reclamam da arte e que se consagram a denegrir nosso regime, a caluniar nosso heroico povo. É certo que se podem contar pelos dedos”. (p. 127).

Eis ao que se resume a análise da corrente ideológica conduzida por Soljenítsin, esse ideólogo do czarismo alimentado pelo antistalinismo de Khrushchev, esse porta-voz das antigas correntes reacionárias e das novas tendências pró-imperialistas na sociedade.

Alguns jovens têm uma mentalidade de parasitas, exigindo muito do Estado, mas esquecendo o seu dever para com a sociedade. Os ideólogos burgueses apostam nestas pessoas pouco aguerridas, receptivas às más influências ideológicas, para as utilizar nos seus interesses. Felizmente, são muito raras entre nós. (p. 151).

A despolitização da juventude decorre necessariamente da concepção do Estado de todo o povo e da afirmação do fim da luta das classes sob o socialismo. O marxismo-leninismo não pode ancorar-se na juventude senão como teoria da luta social viva. Um marxismo-leninismo esclerosado, ideologizado, não pode implantar-se no espírito dos jovens. Ora, desde Lenin, sabemos que não existe vazio em matéria de ideologia. Onde não se implanta a ideologia socialista, reina, sob suas múltiplas formas, a ideologia burguesa.

O economicismo

A ideia essencial de Brejnev é que já não existem ameaças sérias ao socialismo na URSS, podem ainda colocar-se pequenos problemas em setores marginais da sociedade, mas, no seio do “partido de todo o povo”, atingem a plenitude para a eternidade o leninismo e o socialismo científico e que,

por conseguinte, não há nenhuma ameaça de perigo oriunda do interior do partido. Trata-se de uma completa desmobilização dos comunistas para a defesa da ditadura do proletariado, para a luta de classes no interior do partido e na sociedade. Daqui decorre um economicismo grosseiro na concepção do partido e dos sindicatos. O economicismo, a tendência de não considerar senão os problemas diretos resultantes da produção e do trabalho na fábrica e no escritório, é uma forma da ideologia burguesa que se impõe espontaneamente aos trabalhadores. O economicismo impede os trabalhadores de elevarem o nível da compreensão dos interesses das diferentes classes e camadas sociais, das suas lutas e oposições; o economicismo mascara a questão essencial da ditadura de certas classes que se exprime na ação do Estado. O economicismo desmobiliza o Partido para a defesa da ditadura do proletariado. Eis a tese economista fundamental elaborada por Brejnev na edificação do Partido:

Nas novas condições, as organizações do Partido tornam-se ainda mais responsáveis pelo trabalho dos coletivos de produção, pelo desenvolvimento econômico das cidades, das Repúblicas. Elas devem tornar-se verdadeiros organizadores da realização dos planos [quinquenais] fixados pelo Partido". (p. 102).

Brejnev define a seguir as tarefas dos sindicatos:

Nas condições atuais, a atividade dos sindicatos como escola do comunismo adquire um conteúdo novo. O alargamento das prerrogativas e da autonomia econômica das empresas e a utilização dos estímulos econômicos aumentam muito a responsabilidade dos

sindicatos no cumprimento do plano do Estado, no aperfeiçoamento técnico da produção, na multiplicação dos inventores e dos racionalizadores. (p. 142).

Ora, durante todo o período socialista existe a luta entre a via socialista e a via capitalista no campo da edificação econômica; a autonomia das empresas e os estímulos materiais podem desenvolver os elementos capitalistas em todos os domínios essenciais, no da propriedade dos meios de produção, no da distribuição, no das relações sociais, no da consciência política. Estes problemas são deliberadamente afastados para permitir que os elementos burgueses no Partido e no Estado consolidem as suas posições com toda a tranquilidade.

Os problemas econômicos e o perigo de restauração

Debruçando-se sobre a economia, Brejnev responde à imprensa burguesa que fala de crise na economia soviética e faz o prognóstico do abandono do socialismo.

Estas afirmações são perfeitamente ridículas. A propriedade social dos meios de produção permanece para nós um princípio inelutável. Não só mantemos, como aperfeiçoamos a planificação do desenvolvimento econômico. O reforço da direção planificada centralizada da economia nacional alia-se doravante ao alargamento da iniciativa e da independência das empresas. A sociedade socialista tem, por princípio, a remuneração em função da quantidade e da qualidade do trabalho fornecido, que implica consequentemente a ação dos estímulos econômicos, o interesse material. (p.75-76).

Tais teses khrushchevistas são, pois, reafirmadas por Brejnev em 1966, e sê-lo-ão até sua morte em 1982. Não obstante, o Partido Comunista da China tinha formulado observações que mereciam reflexão. Contudo, na campanha anti-chinesa dirigida contra o “oportunismo de esquerda” de Mao Tsé-tung, todas as observações do PCCh foram imediatamente varridas com desprezo. A ruptura entre o PCUS e o PCCh provocou o enfraquecimento da luta política fundamentada no marxismo-leninismo e empobreceu grandemente a reflexão no seio do PCUS. O Partido Comunista da China escreveu em 1964:

Khrushchev aplicou uma série de medidas políticas revisionistas que aceleraram consideravelmente o desenvolvimento das forças capitalistas e exacerbaram de novamente a luta de classes na URSS entre o proletariado e a burguesia, a luta entre a via socialista e a via capitalista. (...) As fábricas, que caíram nas mãos de elementos degenerados, permanecem nominalmente como empresas socialistas, mas na realidade tornaram-se empresas capitalistas, instrumento da sua fortuna. As suas relações com os trabalhadores transformaram-se em relações de exploradores e explorados. (...) E seus cúmplices no seio dos organismos de Estado, com quem têm ligações estreitas, participam em todo tipo de exploração, desviam fundos, dão e aceitam subornos, participam na partilha do saque. Não serão estes também elementos burgueses na plena acepção do termo?³

3. Debate Sobre a Linha a Linha Geral do Movimento Comunista Internacional. Pequim: Edições Em Línguas Estrangeiras, 1965, p. 441, pp. 443-444.

Apesar de certas conclusões provavelmente precipitadas, estas observações colocam corretamente um problema fundamental que não parou de se agravar ao longo de todo o reinado de Brejnev.

É interessante notar que com Brejnev aflora já em 1966 um certo número de fragilidades do sistema econômico, que, apesar de serem retomadas em todos os congressos posteriores, nunca chegarão a ser corrigidas, bem pelo contrário.

No decurso dos últimos anos, começaram a manifestar-se fenômenos negativos como o abrandamento das taxas de crescimento da produção e da produtividade do trabalho, a diminuição da eficácia na utilização dos fundos produtivos e dos investimentos. (p. 71). A taxa de crescimento das principais produções agrícolas foi sensivelmente inferior à registada no precedente período de cinco anos. (p. 89). Entre as imperfeições mais graves devemos mencionar a lentidão da passagem dos avanços do laboratório à produção. Os prazos de aplicação das descobertas estendem-se por anos frequentemente. (p. 120). O Partido definiu como um dos objetivos mais urgentes a melhoria substancial da qualidade da produção fornecida. (p. 83). Nem todas as empresas que fabricam artigos de consumo têm em conta as exigências crescentes e gostos dos consumidores. Inúmeros artigos são de qualidade inferior. (p. 111).⁴

4. As razões da desaceleração da economia da União Soviética, que neste trabalho apenas são afloradas indiretamente, foram objeto de um estudo aprofundado pelos autores norte-americanos Roger Keeran e Thomas Kenny, no seu livro *Socialismo Traído*. Notando que as taxas de crescimento mais rápidas foram alcançadas entre 1929 e 1953, “quando a direção soviética defendia firmemente a planificação central e suprimiu as relações de mercado anteriormente toleradas durante a NEP de 1921-1929”. (pág. 261), os dois

A subestimação do imperialismo e o elogio da via reformista

Brejnev não faz uma análise materialista e dialética dos pontos fortes e fracos do imperialismo, nem dos fenômenos positivos e negativos nos países socialistas, nem tampouco da evolução da luta entre socialismo e imperialismo nos diferentes domínios. Também aqui só produz ideologia: o socialismo avançando sempre vitoriosamente, o imperialismo afundando-se em crises cada vez mais graves.

O sistema capitalista conhece uma crise geral. A agressividade crescente do imperialismo reflete o aumento das dificuldades e das contradições com as quais se debate o sistema capitalista mundial hoje. (...) O imperialismo é impotente para obstaculizar o avanço da história. (p. 17-18 e 7-8).

autores constataam que a partir da época de Khrushchev, o crescimento económico passou de 10 a 15% ao ano para apenas 5, 4, 3%. Paralelamente, sublinham que “a atividade económica privada (...) emergiu com uma nova vitalidade no tempo de Khrushchev, floresceu com Brejnev e em muitos aspectos substituiu a economia socialista primária no tempo de Gorbatchov e de Yeltsin”. (pág. 71). De tal modo que, “no final da década de 70, a população urbana (que constituía 62% da população total) ganhava cerca de 30% do seu rendimento total a partir de fontes não oficiais, ou seja, da atividade privada quer legal quer ilegal” (pág. 79) E finalmente constataam que “nas últimas três décadas e meia de existência da URSS, quanto mais se introduziam relações de mercado e outras reformas (...) mais as taxas de crescimento económico a longo prazo decresciam” (pág. 242). Esta relação de causalidade torna-se ainda mais evidente se tivermos em conta que a economia privada na URSS, a chamada “economia paralela”, neste último período da URSS, não podia desenvolver-se senão à custa e em claro prejuízo da economia socialista e da propriedade social. KEERAN, Roger; THOMAS, Kenny. *O Socialismo Traído – Por Trás do Colapso da URSS*, Lisboa: Avante, 2008.

Desta visão de um imperialismo “impotente para obstaculizar o avanço da história” decorre uma posição reformista sobre a passagem do capitalismo ao socialismo. Brejnev retoma a tese de Khrushchev sobre a passagem pacífica pela via parlamentar “apoiada por duras lutas de massas”. Na França, onde o Partido Comunista se tingia, cada vez mais, de revisionismo, Brejnev constata “a maturidade política acrescida das massas”. Faz a mesma afirmação relativamente à Itália e aos Estados Unidos.

Constata-se a formação de uma vasta frente antimonopolista. Este processo favorece a união das massas e o alargamento da sua luta pelo objetivo final: a transformação revolucionária da sociedade, o socialismo. O capitalismo está na véspera de dias difíceis. Torna-se, cada vez mais evidente, que está predestinado a desaparecer. Contudo, os capitalistas nunca renunciarão por vontade própria à sua dominação. Só através de batalhas de classe tenazes é que as massas trabalhadoras e a classe operária alcançarão a vitória (p. 22-23).

Esta é a linguagem de todos os traidores do marxismo, a começar pelos socialdemocratas dos anos 1918-1921 que então divagavam sobre “as batalhas tenazes” e a “a transformação revolucionária da sociedade”, para melhor combater a insurreição popular, a destruição do aparelho repressivo do Estado burguês e a ditadura do proletariado.

Mais grave ainda, a suposta “impotência” do imperialismo serve para justificar a via reformista nos países do Terceiro Mundo e repelir a via da revolução nacional e democrática, defendida então de maneira consequente pelo PCCh, relegado para um canto pelo seu “oportunismo de esquerda”.

Referindo a República Árabe Unida (o Egito, a Síria), a Argélia, o Mali, a Guiné, o Congo-Brazzaville e a Birmânia, onde “importantes transformações sociais foram realizadas”, Brejnev afirma:

As massas populares se convencem de que a melhor via é a do desenvolvimento não capitalista. Os povos não podem livrar-se da exploração, da miséria e da fome sem seguir por esta via. (...) Estabelecemos relações estreitas e amigáveis com os jovens Estados que se orientam para o socialismo. (p. 4).

Estas teses revisionistas negam a necessidade de uma análise de classe das diferentes forças no poder nos países recentemente independentes; negam também a análise de classe do antigo aparelho de Estado colonial, que frequentemente continua intacto, bem como recusam uma avaliação materialista da dominação do imperialismo sobre as diferentes alavancas econômicas nestes países.

XXIV Congresso: Brejnev aprofunda a revisão do leninismo

No seu relatório do XXIV Congresso, Brejnev reafirma novamente a linha revisionista do XX Congresso.⁵

Por duas vezes, Brejnev sublinha que o “dogmatismo” do tempo de Stalin deu lugar “ao espírito criador”, e que a ‘desestalinização’ promovida por Khrushchev era necessária e correta.

O Partido mostrou a inanidade das concepções dogmáticas que ignoram grandes mudanças positivas ocorridas nestes últimos

5. Todas as citações: XXIV Congresso da PCUS. Agência Novosti, 1971.

anos na vida da nossa sociedade. A liquidação das sequelas do culto da personalidade e dos erros subjetivistas repercutiram profundamente de forma benéfica na atmosfera política geral. (p. 183).

Após ter denunciado a tendência extremista de direita representada por Soljenítsin, Brejnev se vê obrigado a atacar aqueles que continuam a defender certas concepções fundamentais da época stalinista.

Uma outra tendência extrema é a tentativa de resgatar certos fenômenos registrados no passado e que o Partido submeteu a uma firme crítica de princípio; é a tentativa de manter noções e opiniões contrárias ao elemento novo, criador, que o Partido introduziu no decorrer destes últimos anos. (p. 157).

Escalada contra a China socialista

Brejnev redobra os seus ataques contra a China e contra todos os partidos e organizações que insistem em uma interpretação revolucionária do marxismo-leninismo.

Os dirigentes chineses, declara Brejnev, adotaram a respeito das questões essenciais da vida internacional e do movimento comunista mundial uma plataforma ideológica e política específica, incompatível com o leninismo. Exigiram que renunciássemos à linha do XX Congresso e ao programa do PCUS. (p. 17).

Tal como no XXIII Congresso, não aprendemos nada sobre as questões de fundo debatidas entre o PCUS e o PCCh. A China teria “exigido” que o PCUS renunciasse a sua linha.

Na realidade foram os soviéticos que exigiram que todos os partidos comunistas do mundo que subscrevessem a linha do XX Congresso do PCUS. Apelaram abertamente ao derrubamento dos dirigentes dos partidos que exprimiam o desacordo com Khrushchev. Em vários partidos, a direção do PCUS organizou *putschs* para afastar os dirigentes que mantinham a linha “stalinista” e substituí-los por adeptos da linha revisionista de Khrushchev. Servindo-se da sua posição hegemônica, os dirigentes soviéticos decretaram que “a plataforma política específica” elaborada pelo PCCh era “incompatível” com o leninismo (em sua versão khrushchevista). Também Brejnev faz do seguidismo político em relação ao PCUS o critério decisivo do internacionalismo proletário: os que não seguem são culpados de desvio nacionalista, senão mesmo de antissovietismo.

No entanto, é evidente que durante o Grande Debate, os chineses defendiam as teses essenciais de Lenin e o seu espírito revolucionário, enquanto que Khrushchev apresentava como “desenvolvimentos criativos do leninismo” velhas teses socialdemocratas. Muitas organizações revolucionárias, nascidas nos anos 60, sentiam-se mais próximas das ideias defendidas pela China e pela Albânia do que as defendidas pelo revisionismo. Todas foram acusadas de quererem provocar a cisão, desprezando as realidades políticas do respectivo país. Assim, o insignificante grupo revisionista dos irmãos Lava, nas Filipinas, recebe o rótulo de marxista-leninista, enquanto que o novo Partido Comunista das Filipinas, uma das organizações comunistas mais sérias e dinâmicas da Ásia, é afastado como divisionista. Na Itália, Brejnev classifica o grupelho “Il Manifesto”⁶ entre os “renegados” (p. 36). Entre 1966

6. *Il Manifesto*, hoje um diário político italiano, foi originalmente uma revista política mensal, publicada pela primeira vez em 24 de junho de 1969. Foi fundada por um grupo de dissidentes do PCI, entre os quais se destacavam

e 1971, Brejnev passou da luta política para eliminar a linha marxista-leninista defendida pelo PCCh à confrontação política e militar com o Estado chinês. Os dirigentes chineses, declara Brejnev,

Desencadearam uma violenta campanha de propaganda odiosa contra o nosso Partido e o nosso país, formularam pretensões territoriais em relação à URSS e chegaram mesmo a provocar incidentes armados na fronteira soviética em 1969. (p. 17).

Os que estudaram este problema com objetividade reconhecem que o direito estava do lado chinês e que Brejnev seguiu neste caso uma política de força e de hegemonia. Do que se tratava? Da delimitação da fronteira entre a China e a URSS ao longo dos 1200 quilômetros em que o Ussuri separa os dois países. Um tratado desigual imposto pelos czares colocou esta fronteira sobre a margem chinesa do rio. Jaurès Medvedev, que não pode ser suspeito de simpatia em relação à China, escreve: “a atitude da China era mais lógica na medida em que pretendia que a Revolução de Outubro tinha anulado os tratados assinados pelo governo czarista”.⁷ A China aceitava o *status quo* e, por conseguinte, a anexação de territórios chineses pelo czarismo, mas exigiu que a fronteira sobre o Ussuri fosse definida segundo as regras internacionais.

Aldo Natoli, Luigi Pintor e Rossana Rossanda, que serão expulsos do Partido em novembro de 1969, após a saída do segundo número da revista que condenava a invasão da Tchecoslováquia, posição que o próprio Enrico Berlinguer, que se tornou Secretário-geral do PCI em 1972, substituindo Luigi Longo, defendeu neste mesmo ano na Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários realizada em Moscou.

7. Medvedev, Jaurès. *Andropov ao Poder*. Flammarion, 1983, p.192.

Os dois países precisam do rio para a navegação, para a pesca e outras atividades, habitualmente, quando um rio faz fronteira, a linha de separação passa ou pelo meio do rio ou pelo meio do canal de navegação.

Pouco depois da morte de Brejnev, em novembro de 1982, uma nova lei sobre a fronteira soviética estipula no seu artigo 3º que “a fronteira passa pelo meio do canal de navegação nos rios navegáveis”.⁸ Mas, em 1969, por pouco Brejnev não provocou uma guerra geral contra a China.

Foi Brejnev que deu ordem à artilharia de atacar maciçamente as tropas chineses, o que provocou a morte de milhares de soldados chineses e um profundo ressentimento da China em relação à União Soviética.⁹

O nascimento da tendência hegemônica

Este confronto com a China é sintomático da passagem da URSS a uma política de hegemonismo relativamente aos países socialistas e aos países anti-imperialistas do Terceiro Mundo.

Esta atitude hegemônica decorre de uma política que aposta no poderio militar como meio essencial para influenciar o curso os acontecimentos no mundo. Durante o período, diz Brejnev, “os problemas do exército estiveram sempre no centro da nossa atenção”. “Reforçar o Estado soviético quer também dizer reforçar suas forças armadas, aumentar ao máximo a capacidade de defesa da pátria”. (p. 144-145).

Sob a máscara do internacionalismo, a União Soviética propulsa sua força militar para os diferentes pontos do

8. Ibidem.

9. Ibidem. P. 189.

mundo onde as oportunidades se apresentam para implantar e reforçar a presença soviética. O “orgulho pela pátria” degenera em chauvinismo de grande potência.

Foi realizado um trabalho considerável para educar os soviéticos no orgulho pela sua pátria, o seu povo e as suas grandes realizações, no respeito das páginas gloriosas do passado do seu país”. (p. 149).

Do czarismo retêm-se “as grandes realizações e apagam-se os crimes de agressão, da expansão e da anexação. A defesa do tratado czarista sobre a fronteira do Ussuri é característica do pensamento de Brejnev. Pensamos que este acesso de chauvinismo explica também a razão da direção do PCUS ter abandonado naquele momento a crítica contra Stalin. Não se trata de uma refutação das teses khrushchevistas e de um regresso às concepções revolucionárias defendidas no tempo do Stalin: Brejnev retém do passado apenas os aspectos de grandeza e as vitórias que permitem reforçar um patriotismo chauvinista e conquistador. A crítica de Stalin não se enquadra em uma educação centrada no passado glorioso da pátria.

A opção de um país pela via socialista é, na visão dos dirigentes soviéticos, cada vez mais sinónimo de aliança com a União Soviética, de aceitação do seu guarda-chuva militar e de acordo com a sua interpretação do socialismo.

Brejnev coloca a tónica na “integração dos estados socialistas” (p. 8) que implica, na realidade, uma subordinação das economias dos diferentes países socialistas à da União Soviética. Estendendo o seu guarda-chuva militar sobre todos os países socialistas, Brejnev declara: As fronteiras da comunidade socialista são invioláveis e intangíveis”. “A unidade fraternal dos países socialistas é a melhor muralha contra as forças que tentam atacar e enfraquecer o campo socialista”. (p. 21-22).

Na aparência, a URSS exprime assim sua fidelidade ao internacionalismo proletário. Olhando mais de perto, sua ingerência e seu controle sobre os outros países, longe de reforçarem a comunidade socialista, enfraquecem as bases do socialismo nos diferentes países e fazem assentar a coesão sobre a força da União Soviética. A teoria da “melhor muralha: a unidade fraternal”, isto é, a proteção da URSS, é fundamentalmente falsa. A melhor muralha não pode ser senão a mobilização dos trabalhadores, o desenvolvimento da sua consciência, o seu esforço independente para defender o regime popular. Nesta base, um país pode recorrer, em circunstâncias excepcionais e por um período limitado, à ajuda dos países socialistas amigos. A República Democrática Popular da Coreia manteve sempre a sua independência política e econômica. Agredida pelo exército americano em 1950, aceitou a ajuda militar chinesa e soviética, mas isso não a desviou da sua política fundamental de contar antes de tudo com as suas próprias forças. A experiência mostrou que o socialismo na Coreia estava mais firmemente implantado nas massas do que nos países da Europa de Leste que aceitaram o controle econômico e militar permanente da União Soviética.

A mesma tendência de hegemonia e de controle é perceptível na concepção da luta no Terceiro Mundo defendida por Brejnev. “O sistema socialista mundial”, afirma, “representa a força decisiva na luta anti-imperialista”. (p. 8).

Declarando a URSS como “força decisiva” na luta anti-imperialista, Brejnev tende a colocar os países e os povos anti-imperialistas sob sua “proteção” e recusa o ponto de partida de qualquer visão revolucionária do mundo: são os povos que fazem a história, as massas trabalhadoras do Terceiro Mundo são os artesãos da sua libertação, a consciência anti-imperialista, a capacidade de organização, a força de combate dos povos do Terceiro Mundo constituem o fator essencial na luta anti-imperialista.

A aproximação de todas as classes e de todas as nacionalidades

O ponto chave da traição khrushchevista é a negação da luta de classes sob o socialismo e, por conseguinte, a liquidação da ditadura do proletariado. Brejnev levou este absurdo ao cúmulo. A simples observação materialista da sociedade soviética mostrava que as diferenças de classe se acentuavam à medida em que os anos passavam e se agudizavam as contradições econômicas, políticas e culturais entre as repúblicas. Mas os “desenvolvimentos criativos da teoria”, de que Brejnev fala, são elucubrações idealistas, completamente afastadas da realidade, não passam de imagens ideológicas com que a camada dirigente se enfeita para legitimar a nova divisão da sociedade em classes antagônicas. Eis o que diz Brejnev sobre a sociedade sem classes que existiria na URSS:

“A aproximação de todas as classes e grupos sociais, os reforços da sua unidade social produzem-se entre nós com base na ideologia marxista-leninista”. (p. 129). “A *intelligentsia* soviética considera que é sua vocação consagrar a energia criativa à obra da edificação da sociedade comunista”. (p. 132).

Naquela altura, uma grande parte desta *intelligentsia* que “se consagra ao comunismo” está na realidade completamente despolitizada, desenvolve uma ideologia tecnocrática e é atraída pelo sistema econômico e social do Ocidente. Nesta sociedade sem classes brejnevista também se apagam distinções entre nacionalidades. Brejnev fala de uma “demonstração impressionante da unidade monolítica de todos os povos da nossa Pátria”. (p. 134).

Isto leva-o a formular uma das suas descobertas teóricas essenciais: a criação do povo soviético, noção na qual são dissolvidas tanto as classes, como as nacionalidades.

Assistimos à formação no nosso país de uma nova comunidade histórica: o povo soviético. Novas relações harmoniosas entre as classes e os grupos sociais, entre as nações e as nacionalidades, relações de amizade e de cooperação, nasceram no trabalho comum. (...) As pessoas no nosso país estão unidas pela sua ideologia marxista-leninista comum. (p. 136).

Discursos moralizantes para “marginais”

Esta ficção da “unidade do povo soviético selada pelo marxismo-leninismo” é contrariada por fatos e fenômenos que não podemos deixar de assinalá-los. Como resolve Brejnev esta contradição? Reduzindo contradições e antagonismos sociais a fenômenos marginais resultantes de atitudes pessoais e da degeneração moral individual. Em outras palavras, nega que os fenômenos negativos demasiado visíveis estejam relacionados com a diferenciação das classes em função das posições econômicas e sociais, cada vez mais divergentes, que os indivíduos ocupam na produção material e no seio do aparelho estatal; nega que estejam relacionados com as correntes políticas burguesas e reacionárias que se desenvolvem tanto junto das camadas dirigentes como no seio das massas populares.

“É necessário reconhecer que ainda há funcionários sem coração, burocratas, personagens grosseiras”, constata Brejnev.

O seu remédio não passa de um banal voto piedoso. Ele anuncia

Uma atmosfera de benevolência, de respeito pelo homem, deve reinar em cada um dos nossos escritórios (p. 139). Uma luta constante e implacável contra os resquícios do passado, (...) o parasitismo, a cupidez, o peculato, a calúnia, a má-fé, a embriaguez, etc. (p. 150).

Abordagem idealista do imperialismo, apoio ao reformismo

A análise de Brejnev sobre os países dominados pelo capitalismo mundial é, também, completamente desprovida de fundamento materialista. De 1917 a 1956, o socialismo mundial conheceu um desenvolvimento notável graças a incessantes lutas revolucionárias dos povos, dirigidas, no essencial, de maneira correta pelos partidos comunistas. Durante este período, o imperialismo teve que recuar frente ao vigor do movimento revolucionário internacional dos povos. Esta tendência, concretizada através de persistentes combates, é transformada por Brejnev em uma lei da história que se impõe automaticamente: o socialismo reforça-se de forma contínua e o imperialismo caminha irremediavelmente para o seu fim. “A crise geral do capitalismo continua a aprofundar-se”. (p. 24).

A abordagem idealista e unilateral das realidades do imperialismo é seguida de uma estratégia reformista para “derrubar” o capitalismo nas metrópoles e para eliminar o imperialismo nos países dependentes.

As batalhas atuais travadas pela classe operária anunciam as novas confrontações de classe susceptíveis de conduzirem a transformações sociais fundamentais, à instauração do poder da classe operária em aliança com as outras camadas de trabalhadores. (p. 29).

A instauração do socialismo através de transformações sociais é a ideia mestre da socialdemocracia e dos partidos burgueses “socializantes”. Durante os anos 60, certos partidos burgueses e pequeno-burgueses do Terceiro Mundo utilizavam um palavreado marxista e socialista para mistificar uma população extenuada por décadas de crueldade colonial, para atrair apoios do campo socialista e reforçar sua posição nas negociações com o capitalismo internacional. Afastando toda e qualquer análise de classe e à revelia de qualquer a estratégia leninista, Brejnev declara que estas forças enveredam pela via do socialismo autêntico.

Após saudar a “ofensiva das forças de libertação nacional e social contra o domínio do imperialismo”, Brejnev afirma: “na Ásia e na África, muitos países já enveredaram pela via do desenvolvimento não capitalista, isto é, optaram por edificar o futuro da sociedade socialista”.

Menciona nomeadamente o Egito, a Birmânia, a Argélia, a Guiné, o Sudão, a Somália, a Tanzânia, a Síria, o Congo-Brazzaville. “Os governos do Peru e da Bolívia lutam contra o domínio dos monopólios estadunidenses”. (p. 33). Na embriaguez que se seguiu a vitória parlamentar da esquerda chilena, a estratégia reformista de Brejnev parece ter passado a prova do fogo. “No Chile, a vitória da Frente de Unidade Nacional foi um acontecimento capital”. (p. 32).

Brejnev “analisa” a Polónia e a Tchechoslováquia

Contudo, uma observação minimamente lúcida das realidades no seio da “comunidade socialista”, que se encontra sob influência soviética, permite descobrir o blefe político de Brejnev. Sua “sociedade sem classes” pode ainda criar ilusões na URSS, onde os comunistas autênticos moldaram desde

1917 a fisionomia política das amplas massas e onde as tradições, como o poderio do Exército Vermelho e dos serviços policiais, impõem uma certa unidade à sociedade.

Mas, nas sociedades da Europa do Leste rebentam as contradições de classe e desenvolvem-se vigorosamente movimentos de massas burgueses. Brejnev é incapaz de perceber a amplitude e a profundidade destes fenômenos e, por conseguinte, de encontrar os remédios adequados. A presença ou intervenção do Exército Vermelho impede a direita de triunfar nestes países, mas a decomposição não pode evidentemente ser interrompida pelas generalidades banais de um Brejnev cego perante as realidades concretas.

A Polónia conheceu uma crise em 1968 (200 mil pessoas, essencialmente intelectuais liberais, foram excluídas do Partido) e greves importantes em 1971. Brejnev analisa a situação:

Assinalamos com uma profunda satisfação que as dificuldades que surgiram na Polónia foram superadas. O Partido Operário Unificado Polonês toma medidas no sentido de consolidar a ligação à classe operária e reforçar as posições do socialismo no país. (p. 15).

Foi a corrente socialdemocrata de Dubcek, à cabeça do partido tchecoslovaco, que lançou o desafio mais perigoso tanto para os fundamentos socialistas do país, como para as pretensões hegemônicas da União Soviética. O Exército Vermelho teve que intervir em agosto de 1968.

O ocorrido na Tchécoslováquia lembrou mais uma vez que nos países empenhados na via da edificação socialista, as forças antisocialistas internas, que mais ou menos persis-

tem, podem, em certas condições, intensificar a sua atividade e chegar a atos contrarrevolucionários diretos na esperança de um apoio do exterior por parte do imperialismo, sempre pronto a compor bloco com estas forças. Vimos manifestar-se o perigo do revisionismo de direita que, sob pretexto de melhorar o socialismo, se esforça por desimpedir a via à ideologia burguesa. (...) É importante reforçar constantemente o papel dirigente do Partido na sociedade socialista, abordar como marxista-leninistas, com um espírito criador, os problemas do desenvolvimento socialista que amadureceram. (p. 20).

Na realidade, os fundamentos do revisionismo de direita tinham sido lançados por Khrushchev: a denúncia da experiência revolucionária do Partido sob Stalin, a rejeição da ditadura do proletariado, a teoria do fim da luta de classes sob o socialismo, a concepção do partido “de todo o povo”. Khrushchev é, sem dúvida, o primeiro a ter possibilitado o caminho à ideologia burguesa sob pretexto de melhorar o socialismo. Brejnev tenciona manter este revisionismo soviético, porém, ao mesmo tempo, quer proibir os demais de tirarem todas as consequências deste revisionismo. Mas, não se pode criticar eficazmente os ultrarrevisionistas partindo de uma posição revisionista. Neste contexto, “reforçar o papel dirigente do Partido” quer dizer: reforçar a direção de um partido fiel à concepção revisionista que prevalece em Moscou e não permitir que se desenvolvam centros de contra poder ultrarrevisionistas, ou seja, socialdemocratas pró-ocidentais.

Um movimento comunista internacional que se pulveriza

Em outro domínio essencial, o do desenvolvimento do movimento comunista internacional, as pretensões de Brejnev à hegemonia mundial revelam-se um blefe.

Brejnev afirma que a Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários, realizada em 1969, “fez muito para aprofundar um certo número de pontos da teoria marxista-leninista aplicada à situação contemporânea”. (p. 34). A seguir expõe a sua ideia mestre: “no conjunto, a coesão do movimento comunista internacional não para de se aprofundar”. (p. 35).

Na realidade, com base na plataforma revisionista de Khrushchev, um grande número de partidos comunistas precipita-se em direção à reconciliação com a burguesia local e à colaboração com a grande burguesia monopolista. Esta aproximação com a burguesia do seu próprio país significa, de fato, a destruição da unidade do movimento comunista internacional. Totalmente divididos sobre as questões da revolução, os partidos comunistas, sob o impulso de Brejnev, tentam manter uma unidade no apoio à União Soviética e na luta pelo desarmamento. Mas, como a traição do marxismo revolucionário atinge todos os domínios, também aqui a unidade se torna meramente formal.

Aliás, apesar da sua demagogia sobre a unidade, Brejnev não consegue esconder os quatro eixos pelos quais o movimento comunista se dissolve: a defesa da experiência revolucionária de Lenin e Stalin (revisionismo de esquerda), a socialdemocracia, versão Dubcek ou Togliatti (revisionismo de direita), a oposição ao modelo soviético como referência, às imposições e às intervenções nos assuntos de outros partidos (nacionalismo) e finalmente a fidelidade incondicional à URSS (marxismo-leninismo autêntico). Brejnev diz o seguinte:

A luta contra os revisionistas de direita e de esquerda, contra o nacionalismo, mantém toda sua atualidade. É precisamente sobre as tendências nacionalistas, em particular sobre aquelas que tomam a forma do antissovetismo, que os ideólogos burgueses apostam. (p. 35).

Apesar desta constatação (bem discreta) das tendências de ruptura, Brejnev mantém a ficção de que “a luta de princípio” conduzida pelo PCUS, contra todos os revisionismos que não se enquadram nos seus próprios interesses, orienta o conjunto do movimento comunista mundial e assegura-lhe a sua unidade!

A luta inflexível do PCUS pela pureza da teoria marxista-leninista do partido teve larga ressonância internacional, concorrendo para orientar no bom caminho os comunistas e os milhões de trabalhadores. (p. 182).

A conferência internacional de 1969, glorificada por Brejnev pelo “aprofundamento da coesão do movimento comunista”, será a última que os soviéticos conseguirão convocar...

XXV Congresso: o apogeu do hegemonismo

O XXV Congresso recebe Brejnev no auge de sua “grandeza”.¹⁰ É neste congresso que o revisionismo, entrando em delírio, se torna uma parvoíce. Este congresso lançará pela primeira vez um programa em favor do hegemonismo soviético nos cinco continentes.

10. Relatório de Atividade do CC, XXV Congresso da PCUS. Moscou: ed. Agência Novosti, 1976.

Vai tudo muito bem senhora Marquesa

Brejnev vai mais longe do que Khrushchev na cegueira frente às realidades sociais e políticas da URSS; o seu discurso ideologizante já não tem raízes na análise concreta. Apesar das críticas de 1965 sobre o subjetivismo e o voluntarismo de Khrushchev, o qual prometia ultrapassar os Estados Unidos no decurso dos anos 70 e realizar o comunismo antes de 1980, dez anos mais tarde, Brejnev perde-se na mesma auto-satisfação beata e estúpida. A União Soviética é uma sociedade sem classes e sem contradições entre nacionalidades que o Estado de todo povo transforma em sociedade comunista, garantia de um progresso contínuo e ilimitado!

Em nosso país está construída uma sociedade socialista desenvolvida que se transforma progressivamente em sociedade comunista. O nosso Estado é o Estado de todo o povo. Constituiu-se entre nós uma comunidade histórica nova – o povo soviético – que assenta na aliança indestrutível da classe operária, do campesinato, da *intelligentsia*, na amizade de todas as nações e etnias do país. (p. 110). É uma sociedade de economia sem crises e em perpétuo crescimento. Uma sociedade que tem confiança firme no futuro e perante a qual se abrem perspectivas ilimitadas de progresso”. (p. 118).

O mesmo quadro surrealista é pintado para os outros países socialistas, Polónia, Tchecoslováquia, etc., que conhecem “um progresso incessante” e “uma consolidação política contínua”. (p. 9). “A comunidade socialista tornou-se hoje a força mais dinâmica do mundo”. (p. 13).

Na sua caminhada para a frente, contínua e irresistível, o socialismo desenvolvido exerce uma influência cada vez mais forte sobre o destino do mundo inteiro.

O mundo modifica-se sob os nossos olhos, e na melhor direção (...). Poderemos nós evitar um sentimento de profunda satisfação perante a força das nossas ideias, a eficácia da nossa política? (p. 5).

Este é o discurso de uma nova camada burguesa que, ao se separar completamente das massas trabalhadoras, separa-se também – contrariamente à grande burguesia do mundo imperialista –, das realidades políticas e ideológicas do país, bem como das realidades internacionais.

Leste: o modelo para o hegemonismo

Desta visão ideologia, a de um socialismo irresistível e triunfante na União Soviética e, sob o impulso desta, nos outros países socialistas, nasceu a concepção da hegemonia mundial, o contributo mais original que Brejnev ofereceu à ciência política. Brejnev tem a firme convicção de que, em uma grande parte do mundo atual, dominará em breve o socialismo de tipo soviético, graças à ajuda e à direção política geral da URSS.

A concepção do hegemonismo de Brejnev tem as suas raízes na hegemonia muito real que a URSS exerce sobre os países socialistas da Europa do Leste. Já não se pode falar de uma unidade genuína, revolucionária, da comunidade socialista, uma vez que lhe falta o fundamento: a direção efetiva do Partido Comunista sobre as massas, conquistada através da luta de classes contra as antigas camadas exploradoras, contra as ingerências e as influências ideológicas do imperialismo, contra a burocracia, a tecnocracia, o revisionismo e a

corrupção nas instituições, e na mobilização política das massas trabalhadoras para a edificação econômica. As camadas aburguesadas que dirigem os países socialistas do Leste perderam a direção política da maioria do povo; a influência que ainda têm provém essencialmente do enquadramento administrativo e não é conquistada em uma luta de classes política. A obediência destas camadas aburguesadas – que, recusando o regresso aos métodos da mobilização política das massas, métodos qualificados de “stalinistas”, não têm outras possibilidades de sobrevivência – é apresentada como uma forma superior da integração socialista. Brejnev declara:

Vemos que aparecem cada vez mais elementos comuns na política, na economia, na vida social dos Estados socialistas. Este processo de aproximação gradual dos países socialistas adquire hoje força de lei. (p. 9).

É de notar que pelo menos três dos doze países que Brejnev inclui em sua “comunidade socialista” se subtraem à integração preconizada por Brejnev. A Iugoslávia e a Romênia compram a sua liberdade relativa vendendo-se às multinacionais e aos bancos ocidentais. A Coreia mantém sua independência através de uma política de mobilização popular. Brejnev também sublinha a necessidade “de lutar contra o retraimento sobre si próprio e o isolamento nacional”. (p. 9).

O eixo principal do progresso da humanidade...

Como revisionista, Brejnev combateu a estratégia da insurreição popular tanto nos países imperialistas, como nos do Terceiro Mundo; pronunciou-se sempre pela estratégia reformista, em que a direção cabe à burguesia “esclarecida” aliada com formações revisionistas. A sua revolução mundial é, em essência, a extensão a todo o planeta do hegemonismo

soviético segundo o modelo da Europa do Leste. Para Brejnev, o socialismo mundial não nascerá da soma das experiências revolucionárias nacionais; nega que os partidos revolucionários devem estar ancorados nas realidades específicas do seu país ou que devem mobilizar as amplas massas, tendo em conta suas particularidades, para a luta revolucionária, para a luta armada, e esmagar as forças do imperialismo e da reação local.

Hostil a qualquer revolução popular autêntica, Brejnev indica o progresso do socialismo na atração que o modelo soviético exerce sobre centenas de milhões de homens. Rejeita a ideia de que as massas populares armadas constituem a única muralha contra o imperialismo e a reação, mas faz lampejar aos povos ações do exército soviético como garantia da sua liberdade.

Ao apresentar a atividade do bloco soviético como o “eixo principal do progresso da humanidade, Brejnev nega a verdade elementar de que só a ação revolucionária autônoma dos que ainda sofrem o jugo do imperialismo pode conduzir ao socialismo em sua região do mundo. A construção do socialismo, a luta pela revolução socialista e a luta pela revolução nacional e democrática são os três eixos do progresso político e social. Estes três eixos são fundamentais e independentes, embora existam também relações de interdependência entre eles. Ampliar arbitrariamente um eixo, o da construção do socialismo e da sua influência sobre o mundo, a despeito das lutas revolucionárias dos trabalhadores e das nações oprimidas, é um dos passos característicos do revisionismo khrushchevista.

Vale a pena notar que quando Khrushchev elaborou suas teses, apresentou de imediato à construção do socialismo na URSS e à influência que sua linha de coexistência pacífica exerceria sobre as lutas dos povos como o fator deci-

sivo na evoluão da humanidade. No momento do Grande Debate, o Partido Comunista da China denunciou a tese defendida pelos soviéticos de que “o princípio da coexistência pacífica determina agora a linha geral da política externa do PCUS e dos outros partidos marxista-leninistas”. “Quando o povo soviético gozar dos benefícios do comunismo, outras centenas de milhões de homens sobre a Terra dirão: somos a favor do comunismo! E, nesse momento, mesmo os capitalistas “passarão para o Partido Comunista”.¹¹

Os revisionistas khrushchevistas, dizia o PCCh, “querem subordinar a revolução de libertação nacional a sua linha geral de coexistência pacífica e aos interesses nacionais do seu próprio país”.¹²

Os países socialistas e as lutas revolucionárias dos povos e nações oprimidas apoiam-se e ajudam-se mutuamente. O movimento de libertação nacional na Ásia, na África e na América Latina e o movimento revolucionário dos povos dos países capitalistas constituem um poderoso apoio para os países socialistas. Os países socialistas não devem adotar [a seu respeito] uma atitude meramente formal, de egoísmo nacional ou de chauvinismo de grande potência. (...) A superioridade do sistema socialista e as realizações dos países socialistas na edificação servem de exemplo e constituem um incentivo para os povos e nações oprimidas. Contudo, este exemplo não pode em caso algum substituir a luta revolucionária dos povos e nações oprimidas. Só pela sua própria luta revolucionária resoluto é que todos os povos e

11. *Debate sobre a linha geral do Movimento Comunista Internacional.*

Pequim: Edição em Línguas Estrangeiras, 1965, p. 288; 289-290.

12. *Ibidem.* p. 220.

nações oprimidos obterão sua libertação. Ora, alguns exageram unilateralmente o papel da competição pacífica entre países socialistas e países imperialistas e tentam substituir a competição pacífica à luta revolucionária dos povos e nações oprimidos. De acordo com seu sermão, o imperialismo desabararia por si próprio no decurso da competição pacífica, e os povos e nações oprimidos só teriam que esperar tranquilamente por esse dia.¹³

Esta controvérsia de 1963 é muito reveladora. Constatamos que Brejnev, em 1976, não abandonou, quanto ao fundo, o ponto de vista de Khrushchev. Mas “desenvolve” de maneira criadora o revisionismo no contexto da correlação de forças mundial existente em 1976.

Eis o ponto de vista de Brejnev:

O desenvolvimento dos países socialistas e o aumento do seu poderio e da influência benéfica exercida pela sua política internacional constituem hoje o eixo principal do progresso social da humanidade. A força de atração do socialismo cresceu ainda mais perante a crise que rebentou nos países capitalistas. (p. 37-38). O socialismo exerce hoje imensa influência sobre as ideias de centenas de milhões de homens no mundo. (...) Serve de muralha aos povos que lutam para a sua liberdade e a sua independência. (p. 15).

Para Khrushchev, o futuro do socialismo é determinado pelo exemplo que a URSS oferecerá aos povos, graças a sua política de coexistência pacífica e a sua competição com

13. Ibidem. p. 25-26.

o capitalismo (que ganhará, evidentemente). Brejnev mantém este ponto, mas acrescenta que a força militar da URSS exercerá uma influência até ao mais pequeno recanto do planeta, facilitando a passagem ao socialismo.

Esta linha de hegemonismo soviético, apresentada como a do internacionalismo proletário, orienta-se, sobretudo, para os povos do Terceiro Mundo, o elo fraco do sistema imperialista. Eis que fala Brejnev:

A URSS não se intromete nos assuntos internos dos outros países e povos. (...) Nos países em vias de desenvolvimento, como nos demais, estamos ao lado de forças do progresso, da democracia e da independência nacional (p. 18). A tragédia do Chile não afirmou de modo algum a conclusão dos comunistas sobre a possibilidade da revolução seguir vias diversas, incluso pacíficas, se as condições necessárias estiveram reunidas para isso. Mas recordou imperiosamente que a revolução deve saber defender-se. Recomenda vigilância face ao fascismo e aos atos da reação estrangeira, ela preconiza o reforço da solidariedade internacional. (p. 41).

Combatendo com maior frequência os verdadeiros marxista-leninistas no Terceiro Mundo, Brejnev apoiará reformistas (como no Chile), bem como golpistas e aventureiros (casos da Etiópia e do Afeganistão), que apresenta indistintamente como artesãos da revolução socialista. Como a URSS “está ao seu lado” e o seu exército “constitui a muralha que garante sua liberdade”, Brejnev intervirá em vários países para manter no poder reformistas e putschistas pró-soviéticos.

Como não dirigiam verdadeiras revoluções populares, estas forças deverão apoiar-se cada vez mais na URSS e nas

suas próprias forças armadas para reprimir reacionários, grandes burgueses e agentes do imperialismo que salvaguardaram o essencial do seu arsenal econômico, político e ideológico, já que não houve uma revolução autêntica no país.

De onde vem a corrente hegemônica?

Como se pode compreender a emergência de uma corrente hegemônica na URSS entre 1965 e 1975? Durante este período, forças revolucionárias no Terceiro Mundo infligiam efetivamente duros golpes à dominação imperialista. O processo de descolonização avança vigorosamente ao longo dos anos 60 e 70. O imperialismo estadunidense sofreu derrotas militares maiores no Vietnã, no Camboja e no Laos, recebeu duros golpes no Chile e na Etiópia. O velho colonialismo europeu foi desmantelado pela luta armada em Angola e em Moçambique. Tendo abandonado o ponto de vista marxista-leninista sobre a luta de classes nos países dependentes, Brejnev pensava que podia capitalizar tais lutas para alargar a influência e a presença soviética.

O capitalismo conheceu graves problemas e crises econômicas e políticas importantes. Os movimentos de massas dos trabalhadores e dos estudantes desenvolviam-se. Tendo abandonando o ponto de vista marxista-leninista sobre a natureza do imperialismo, sobre a natureza do Estado burguês e o caráter burguês dos movimentos reformistas, Brejnev pensava que o socialismo estava na ordem do dia no mundo capitalista e que a influência política, o peso militar e a ajuda econômica da União Soviética facilitariam essa passagem.

Na URSS, um grande número de mecanismos socialistas continuava a funcionar, comunistas continuavam a motivar e mobilizar os trabalhadores para a produção. O desmantelamento das estruturas e dos valores socialistas fazia-se

lentamente. A União Soviética conhecia uma estabilidade econômica relativa e um desenvolvimento constante.

Ao explorar algumas superioridades do sistema econômico socialista, Brejnev realizou esforços gigantescos no domínio militar, dando à URSS uma paridade com a superpotência norte-americana.

Nascida de um processo de degeneração de um partido comunista, a nova burguesia soviética não tinha um estilo de análise materialista. Além disso tinha a arrogância de todos os arrivistas.

Brejnev fez uma apreciação idealista de todos os fenômenos que acabamos de enumerar e, sobre esta apreciação, construiu seus sonhos de hegemonia, os sonhos de um império “socialista” sob direção soviética.

Na realidade, o hegemonismo soviético estava construído desde o início sobre bases de areia. As forças reformistas, golpistas e aventureiras, nas quais apostava no Terceiro Mundo e nos países capitalistas, não podiam assegurar-lhe nem vitórias sólidas, tampouco a fidelidade dos eventuais vencedores. A situação política e ideológica degradava-se a olhos vistos no campo socialista sob controle soviético. A erosão do apoio das massas aos objetivos do PCUS deixava também prever um futuro difícil. A União Soviética era efetivamente uma superpotência, mas também um colosso com pés de barro. Podia adotar uma política agressiva e aventureira em certas regiões específicas. Mas a tese de que constituía “a superpotência mais perigosa” tendo um “regime social-fascista de tipo hitlerista” foi sempre uma afirmação idealista que uma observação materialista dos fatores em jogo não podia de modo algum sustentar.

O desanuviamento

A vontade de desanuviamento com o mundo capitalista propagada por Brejnev é o desenvolvimento da linha da

coexistência pacífica que Khrushchev apresentou como a “linha geral da política externa da URSS”. Ela baseia-se em quatro erros: uma grave subestimação das possibilidades do imperialismo; a rejeição da luta de classes e da ditadura do proletariado como armas necessárias para a defesa do sistema socialista; a negação da revolução socialista nos países capitalistas e da revolução nacional e democrática nos países dependentes. Brejnev repete que o imperialismo continua a enfraquecer-se. “Assistimos à exacerbação da rivalidade entre os países imperialistas”. “A crise política e ideológica da sociedade burguesa agravou-se”. (p. 38-39). Aos olhos de Brejnev, o fundamento essencial da coexistência pacífica é a força militar soviética.

“A passagem da Guerra Fria ao desanuviamento está ligada, sobretudo, à alteração da correlação de forças na arena mundial”. (p. 22). Negando a luta de classes e a ditadura do proletariado na URSS, Brejnev fica cego perante a confrontação militar entre os dois sistemas sociais e não percebe o alcance estratégico do segundo passo dado pelo mundo imperialista: o da infiltração e subversão política, o do incentivo das tendências revisionistas no seio dos partidos comunistas no poder.

Assim, Brejnev considera a conclusão do tratado de 1970 entre a URSS e a RDA como uma vitória estratégica, implicando da parte do imperialismo a “renúncia a pôr em causa as fronteiras europeias existentes”. (p. 24). Na Alemanha Ocidental apenas as “forças de direita permanecem sobre posições revanchistas”. (p. 26). Brejnev não vê senão o espírito de revanche aberto, primitivo, militarista e não percebe o perigo do desejo de desforra escondido, inteligente, socialdemocrata. O SPD alemão ocidental, aliás, nunca negou que sua política de desanuviamento visava criar as condições para a reunificação alemã.

Da mesma forma, Brejnev elogia as relações econômicas, científicas e técnicas, os intercâmbios culturais com países ocidentais, concluindo que “tudo isto, camaradas, é a materialização do desanuviamento”. (p. 30). Ele não compreende que o imperialismo utiliza sistematicamente as relações econômicas, científicas, técnicas e culturais para influenciar e infiltrar os meios dirigentes dos países socialistas.

A degeneração crescente do Partido

Na verdade, a degeneração política e ideológica contínua do Partido Comunista determinou a situação geral da União Soviética. Contudo, como principal iniciador desta degeneração, Brejnev é incapaz de detectar este fenômeno e de compreender seu alcance estratégico. Ele continua a clamar a “unidade monolítica das fileiras do Partido, o apoio total e unânime à linha geral do partido”. (p. 89).

Repete frases esvaziadas de qualquer sentido concreto, matraqueadas de congresso para congresso. “As teorias escolásticas não podem senão entravar nosso avanço. (p. 99). A iniciação em massa ao marxismo-leninismo é uma particularidade importante da evolução da consciência social na etapa contemporânea”.

Mas em que consiste este marxismo-leninismo não escolástico? “O objetivo essencial de toda nossa rede de escolas do Partido será fazer estudar à fundo as decisões do XXV Congresso do Partido”. (p. 101). Tal como no do XXIV Congresso, os fenômenos inegáveis de emergência de classes sociais opostas na URSS são abordados em uma linguagem de tal modo moralizante que não seria rejeitada por nenhum político cristão reacionário no Ocidente. Brejnev admoesta as “pessoas que conhecem a nossa política e os nossos princípios, mas que nem sempre os respeitam na prática”. Denuncia “o divórcio entre as palavras e os atos”. “Há o risco de um regresso das manifestações de mentalidade filisteia pequeno-

burguesa". (p. 106). Em tom crítico afirma: "a cupidez, o desejo de 'possuir', a delinquência, o burocratismo e indiferença para com o homem são traços contrários à própria natureza da nossa sociedade!" (p. 106). Palavras como estas foram pronunciadas por dezenas de políticos burgueses. Às relações sociais burguesas que se restabelecem na URSS correspondem táticas e diligências ideológicas características de todas as sociedades capitalistas. Tecnocratas, sobre os quais o "marxismo-leninismo" ossificado já não tem qualquer influência, são seduzidos pelas concepções políticas "científicas", "neutras" e "humanistas" do Ocidente. Seu peso no PCUS aumenta constantemente. Brejnev revela que

a proporção dos membros do Partido no grupo dos especialistas aumentou de maneira substancial. Hoje, um especialista em cada quatro ou cinco é comunista" (p. 86). "99% dos secretários dos comitês do Partido de território e de região (...), dos secretários dos comitês de cidade, de distrito e de bairro urbano têm formação superior". (p. 96).

Burocratas que ocupam postos de responsabilidade tornam-se quase inamovíveis. Brejnev declara: "a solicitude e a atenção para com os quadros são uma regra no Partido. Acabaram-se as deslocações injustificadas e mudanças demasiado frequentes de quadros permanentes" (p. 96). O brejnevismo é a tranquilidade assegurada para a camada aburguesada. Também aqui, a política de Brejnev é o completo oposto da de Stalin: este se mostrava excessivamente exigente para com os quadros, os que cometiam erros eram expulsos senão mesmo encarcerados ou eliminados, e homens muito jovens, formados no espírito bolchevique puro e duro, eram promovidos para altas responsabilidades. Adepto de Khrushchev, Jaurès Medvedev escreve sobre isto: "na época de Stalin, os

dignitários do Partido sentiam-se ainda mais ameaçados pelos órgãos de segurança do que os simples cidadãos”.¹⁴

Tranquilidade e estabilidade para os dignitários

Violentemente antistalinista, Medvedev é, apesar de tudo, obrigado a constatar que foi sob Brejnev que uma nova camada social aburguesada se separou dos trabalhadores. Eis o que escreve:

Brejnev não era um verdadeiro chefe em 1964, mas o representante da burocracia que procurava viver mais tranquila e seguramente, além de aumentar seus privilégios. Os seus eleitores restringiam-se à elite burocrática. Neste domínio, Brejnev também alterou o sistema, já que criou, mais do que ninguém, as condições do florescimento de uma verdadeira elite privilegiada, uma real *nomenclatura*.¹⁵ “Quando era obrigado a efetuar mudanças no Politburo, em princípio atribuía altos postos na *nomenclatura* àqueles que eram destituídos, o que lhes permitia manter seu estilo de vida confortável. Garantia o máximo de segurança de emprego aos dignitários do Partido, enquanto que os responsáveis de obkom¹⁶ e do Estado eram assimilados como funcionários e não como políticos eleitos, responsáveis perante a sua circunscrição.”¹⁷

14. Medvedev, Jaurès. Op. cit. p. 7.

15. Ibidem. Pag. 226-227.

16. *Obkom*, acrônimo russo de Oblástnoi Komitet, (Comité Distrital do Partido).

17. Ibidem. p. 105.

A corrupção tranquila

Assegurada a tranquilidade e a estabilidade à elite política e econômica, os seus membros não podiam contentar-se apenas com os seus rendimentos legais.

A estabilidade da elite teve outro efeito negativo. A corrupção oficial não parou de se desenvolver a todos os níveis. A disciplina do Partido diminuiu, o nepotismo tornou-se um fenômeno normal e o prestígio ideológico e administrativo do Partido foi ofuscado.¹⁸ A corrupção dos burocratas soviéticos altamente colocados tornou-se uma forma de “doença profissional”. A distinção entre propriedade pública e propriedade privada não era respeitada.¹⁹

Russakov, secretário da região de Kuibichev, estava implicado na venda irregular dos automóveis Jiguli e Lada, construídos na principal fábrica soviética da Fiat, situada na sua região.²⁰ A filha de Brejnev, Galina Tchurbanova, casada com o general Iuri Tchurbanov, vice-ministro dos Assuntos Internos, participava do contrabando de diamantes e na especulação de divisas, assim como o filho de Brejnev, Iuri (promovido em 1981 para o Comité Central!). No apartamento de Anatoli Kolevatov, um membro deste bando, a polícia confiscou 200 mil dólares e diamantes com um valor estimado de um milhão de dólares.

O general Chiolokov, velho amigo de Brejnev, ocupou o posto de ministro dos Assuntos Internos. Entre 1970 e 1982

18. Ibid, Ibidem. p. 105.

19. Ibidem. p. 110.

20. Na verdade, esta fábrica (Voljski Avtomobílnaia Zavod – VAZ, rebatizada em 1971 com o nome de Avtovaz) construída entre 1967 e 1970 com tecnologia da Fiat, situa-se na cidade de Togliatti, na região de Samara.

houve uma série de aumentos dos produtos de luxo, tais como ouro, prata, joias, caviar e peles. Chiolokov costumava comprar grandes quantidades destes produtos antes do aumento inesperado dos seus preços.²¹

Redes exportavam, clandestinamente, alguns artigos caros, como ícones, peles, caviar, vodka, e importavam clandestinamente aparelhos hi-fi, jeans e vestuário ocidental. Entre 1969 e 1979, centenas de pessoas, entre as quais estavam o ministro e vice-ministro de Pescas, foram implicadas no tráfico de caviar. O caviar preto era enlatado secretamente em conservas de três quilos com o rótulo de “arenques”. Vendidas na URSS e no estrangeiro [pelo valor do seu conteúdo real], os prevaricadores embolsavam a diferença do preço entre o arenque e o caviar.²²

No final dos anos 70, Victor Grichine e Grigori Romanov²³, dois dos membros mais jovens do Politburo, viviam na

21. Ibidem. p. 141.

22. Ibidem. p. 162.

23. Hoje sabe-se que Romanov foi apontado como candidato real ao posto de Secretário-geral do PCUS após a morte de Andropov. Todavia, em resultado da luta interna, a escolha recaiu sobre Tchernenko e, após a morte deste, a liderança foi finalmente conquistada por Gorbatchov, candidato da facção que se opunha a Romanov. É de resto com esta disputa como pano de fundo que foi posto a circular, na URSS e internacionalmente, o boato de que o líder do Partido em Leningrado teria utilizado o Palácio de Travida (nome antigo de Crimeia) – local onde o seu proprietário, o príncipe Potiomkin, nos finais do século XVIII, promovia festas com três mil convidados –, para realizar a boda de casamento da sua filha e que, não se contentando com o luxo das instalações, teria requisitado ao Museu do Ermitage o serviço de mesa da imperatriz Catarina, metade do qual não seria devolvido, uma vez que, alegadamente, após brindarem aos noivos, os convidados arremessaram contra o chão os preciosos copos de cristal. Na verdade, e embora esta história seja aqui evocada pelo autor apenas a título de exemplo da degradação moral que atingia inegavelmente uma parte da elite dirigente soviética da época, convém sublinhar que se trata de um rábula inverossímil, totalmente inventada com propósitos obscuros num contexto de luta pelo poder no seio da direção do PCUS. Depois de publicada a sensacional notícia

opulência e na corrupção. Para o casamento da sua filha, Romanov requisitou o serviço de mesa de Catarina II, a Grande, que contava centenas de peças de um valor inestimável. Em estado de embriaguez, os convidados quebraram uma boa parte dos copos imperiais. A corrupção dos espíritos manifestava-se também no domínio político. O papel de Brejnev na guerra antifascista fora meramente marginal. Mas 23 anos após a guerra, em 1968, fez-se atribuir a medalha de ouro da Ordem de Lenin, que era a medalha militar mais importante. No decurso dos anos 70, atribuiu-se a si próprio, por quatro vezes (!), a medalha de ouro de Herói da Guerra. Saltando três patentes, tornou-se marechal. A seguir, atribuiu a si mesmo a

na revista alemã *Spiegel*, e logo difundido na URSS pelas rádios *Liberdade e Voz da América*, o rumor espalhou-se imediatamente pelo país, no início dos anos 80, ressurgindo de tempos a tempos. Apesar de provocar uma natural indignação nas pessoas e de ter motivado numerosas cartas de protesto de comunistas à direção do Partido, as autoridades, estranhamente, nunca julgaram oportuno desmentir esta falsidade, que assim perdurou na memória coletiva e entrou na literatura como uma história verídica. Todavia, em 1989, foi constituída uma comissão especial do Soviete Supremo da União Soviética para investigar o assunto, na sequência de uma pergunta do deputado Roy Medvediev, que se interessou em saber por que razão a procuradoria nunca tinha averiguado estes factos imputados a Romanov. A Comissão chegou então à conclusão de que, na realidade, a boda de casamento tinha-se realizado, em 1974, não em um palácio, mas numa datcha (casa de campo), propriedade da organização de Leningrado do Partido, na qual estiveram apenas 10 ou 12 convidados e não uma centena e meia como se dizia. O pai da noiva, após fazer o primeiro brinde aos recém-casados, retirou-se para o seu gabinete e não voltou a comparecer à mesa. A boda, afinal, tinha sido bastante modesta e ninguém partiu copos. No entanto, os fatos apurados continuaram a ser ocultados da opinião pública, dado que o chefe de Estado, presidente do Soviete Supremo, M. S. Gorbatchov, impediu a divulgação das conclusões da comissão parlamentar. Isto porque o devastador boato, que acabou por eliminar Romanov da vida política, terá partido do próprio KGB, por incumbência direta de Gorbatchov, que recorreu a este ignóbil expediente para se livrar do perigoso concorrente. Zenkovich, *Camie Secrétinhie Rodstvenniki*, Enciclopédia Biográfica. Moscou: Olma-Press, 2005. p. 327.

Ordem da Vitória, condecoração especial atribuída excepcionalmente no final da guerra a alguns marechais famosos que tinham dirigido as maiores batalhas durante os quatro anos do conflito. Entre eles, Zhukov, que organizou a defesa de Leningrado e de Moscou, comandou, com outros generais, a batalha de Stalingrado e dirigiu o assalto à Berlim. Quando da sua morte, Zhukov possuía 27 medalhas e condecorações; Brejnev, quando faleceu, tinha... 270!²⁴

XXVI Congresso: fuga em frente para o desmoronamento

O XXVI Congresso é o de um Brejnev em declínio, que se lança nas mais loucas aventuras, no momento em que todas as bases da sua política hegemônica já estão em decadência.²⁵

Tudo vai bem, tudo está mal

No seu relatório encontramos toda verborragia habitual dos três congressos anteriores. A situação do campo progressista continua excelente.

O poderio, a atividade e a autoridade da URSS aumentaram. (p. 4). A unidade monolítica do PCUS continua assegurada sem falhas. (p. 132). É permitido supor, segundo penso, que a estrutura sem classes da sociedade formar-se-á, nos seus traços essenciais e fundamentais, no quadro histórico do socialismo que atingiu a maturidade. (p. 102). A amizade, a cooperação e a entreatajuda entre os países da comunidade socialista se desen-

24. Ibidem, pp. 120-123

25. Brejnev, L. I. Relatório de Atividade ao XXVI Congresso da PCUS. Moscou: ed. Agência Novosti, 1981.

volvem de forma vigorosa a ponto de ser realçados nas constituições destes países. (p. 9).

No Terceiro Mundo, a causa continua também a progredir. “Os estados com orientação socialista (...) tornaram-se numerosos”. Brejnev menciona Angola, Etiópia, Moçambique, Afeganistão e a República Democrática Popular do Iêmen. “O movimento comunista continuou a alargar as suas fileiras, a reforçar sua influência nas massas”. Brejnev menciona então a sua “força de atração irresistível”. (p. 28).

A situação do imperialismo continua muito difícil. “A esfera de dominação imperialista no mundo restringiu-se. As contradições internas nos países capitalistas e suas rivalidades agravaram-se”. (p. 4-5).

O hegemonismo torna-se aventureirismo militar. Brejnev realiza uma fuga para a frente em sua política hegemônica, apoiando-se cada vez mais exclusivamente sobre a força militar, no momento em que a base política deste hegemonismo desmorona e em que sua base mostra sinais evidentes de uma crise próxima.

Na comunidade socialista

O regime socialista polonês foi praticamente liquidado pela degeneração, pela corrupção e incompetência da equipe de Gierk e sob pressão de um movimento de massas reacionário, dirigido pelo *Solidarnosc* e a Igreja. Tendências comparáveis existem nos outros países do Leste. No entanto, Brejnev sublinha como “tarefa prioritária, a integração socialista”. (p. 11). E, nesta integração, o aspecto militar, isto é, o controle militar da URSS sobre os países socialistas do Leste, torna-se preponderante.

A organização das forças armadas unificadas decorreu de forma bem coordenada. (...) A aliança defensiva política e militar dos países socialistas dispõe de tudo o que é necessário para defender infalivelmente as conquistas socialistas dos povos. (p. 10).

A paridade militar

Em seu tempo, Khrushchev afastou a tese de que “o imperialismo é a guerra”. Negou também os três fatores essenciais que permitem contrariar a política de guerra do imperialismo: o desenvolvimento do movimento revolucionário nacional democrático entre as massas do Terceiro Mundo, o reforço do movimento operário e democrático na base de uma plataforma anticapitalista revolucionária nos países capitalistas e a consolidação da ditadura do proletariado e da democracia socialista nos países socialistas, além do crescimento sustentado de suas economias.

Nesta mesma orientação de direita, Brejnev aposta quase exclusivamente no aumento das forças militares soviéticas para manter a paz. “O equilíbrio militar e estratégico que se instaurou entre a URSS e os EUA, entre a Organização do Tratado de Varsóvia e a OTAN, contribui objetivamente para a manutenção da paz no nosso planeta”. (p. 41).

Rejeitando a ditadura do proletariado e a revolução, Brejnev envereda por uma via militarista e, na realidade, aventureira, dado que “a paridade militar e nuclear” com o complexo militar-industrial ocidental é uma via impraticável e nefasta para um país socialista. Brejnev ficou reduzido a debitar ameaças totalmente contraproducentes dirigidas aos povos europeus. Ele declara: “uma guerra nuclear ‘limitada’ à Europa significaria desde logo a destruição certa da civilização europeia”. (p. 38).

Exército soviético no Terceiro Mundo

O seu aventureirismo militar exprime-se mais abertamente no Terceiro Mundo. Desde Khrushchev que o PCUS não tem qualquer confiança nas massas populares da Ásia, da África e da América Latina. Mostra-se abertamente hostil a um trabalho revolucionário de longo prazo que visa criar as bases políticas para a luta armada e para a revolta popular contra a dominação imperialista. Num tal quadro político, a linguagem ultra esquerdista sobre o internacionalismo proletário, que Brejnev utiliza em certas ocasiões, não passa de uma máscara para uma política de ingerência, de controle e de hegemonia. Nos países onde o imperialismo atacar o povo, a URSS enviará os seus soldados, naqueles para onde o imperialismo exportar a contrarrevolução, o exército soviético está pronto para defender a revolução. É o que Brejnev declara publicamente, caindo em um aventureirismo completamente alheio aos princípios revolucionários marxista-leninistas. Eis as palavras de Brejnev:

Cada vez que é necessário ajudar as vítimas de uma agressão, o soldado soviético aparece ao mundo como um patriota desinteressado e corajoso, como internacionalista pronto para superar qualquer dificuldade. (p. 127). Ajudamos os Estados libertados que solicitam reforço de sua capacidade de defesa. Foi o caso de Angola e da Etiópia. Tentou-se nestes países esmagar as revoluções populares. Somos contra exportar a revolução, mas também não podemos aceitar a exportação da contrarrevolução. (p. 22).

A luta contra a corrida armamentista como prioridade

O fato deste aventureirismo de “esquerda” se desenvolver sobre um pensamento político fundamentalmente de

direita, que nega o papel fundamental dos movimentos populares revolucionários na realização do socialismo no mundo, é patente nesta tese fundamental do brejnevismo: “A luta para reduzir a ameaça de guerra e pôr uma trava à corrida armamentista constitui o eixo da política externa do nosso Partido”. (p. 48).

Khrushchev tinha começado por afirmar que a coexistência pacífica era a linha geral da política externa da URSS. Brejnev apostou tudo na paridade militar e nuclear entre a União Soviética e os Estados Unidos. Como o peso de tal política é insuportável para a URSS, Brejnev deve fazer da luta contra a corrida armamentista a “linha geral” da sua política externa. Mas, ao mesmo tempo, espera utilizar o tema da ameaça nuclear para mobilizar as massas dos países imperialistas para a luta contra as respectivas burguesias; a paralisia relativa desta última permitiria então conduzir com êxito as aventuras militares da URSS no Terceiro Mundo. Contudo, perante a fraqueza econômica e política da URSS, esta política contraditória estava, em certo prazo, fadada ao fracasso.

“A luta contra a corrida armamentista como eixo da política externa” deve ser vista em contraposição com a tese correta que o PCCh formulou durante o grande debate com Khrushchev.

A nosso ver, a linha geral da política externa dos países socialistas deve ter como conteúdo o seguinte: desenvolver baseado no princípio do internacionalismo proletário as relações de amizade, de ajuda mútua e de cooperação entre os países do campo socialista; lutar pela coexistência pacífica entre países com sistemas sociais diferentes com base nos cinco princípios e lutar contra a política de agressão e de guerra do imperialismo; apoiar a luta revolucionária de todos

os povos e nações oprimidos. Estes três aspectos estão ligados indissolvelmente uns aos outros e nenhum pode ser omitido.²⁶

Presságio de um desmoronamento próximo

O relatório do XXVI Congresso comporta uma orientação completamente nova no pensamento de Brejnev. Pela primeira vez, as numerosas afirmações a propósito dos progressos contínuos e irresistíveis do socialismo são contrabalançadas por uma consciência difusa de um desmoronamento político e econômico futuro. “Registaram-se muitas dificuldades tanto ao nível do desenvolvimento econômico do país como ao nível da situação internacional”. (p. 5).

A crise no Leste anuncia-se

Na Polónia, “as bases do Estado socialista encontram-se ameaçadas”. “Não deixaremos que a Polónia socialista seja atingida, não abandonaremos na desgraça um país irmão”. (p. 16).

Efetivamente, as bases do socialismo na Polónia teriam sido totalmente desmanteladas sem a intervenção do exército de Jaruzelski. É claro que a Polónia se encontra praticamente no fim do seu longo processo de degeneração iniciado sob Khrushchev, e que os outros países do Leste caminham pela mesma via. Ora, no momento em que se impunha uma mudança radical de estratégia política nos países socialistas do Leste, no momento em que, portanto, os fundamentos da política soviética de dominação deveriam ter sido postos em cheque, Brejnev lança-se numa aventura hegemónica no Afeganistão. Em vez de uma mudança radical de estratégia,

²⁶ **Debate Sobre a Linha do Movimento Comunista Internacional**. Pequim: Edições em Linguas Estrangeiras, 1965. Pag.34.

Brejnev retoma, na sua “análise” do caso polonês, as generalidades que já tinha apresentado dez anos atrás a propósito desta mesma Polônia e da Tchecoslováquia. Para salvar o socialismo na Polônia, declara, é necessário afirmar o papel dirigente do Partido, ouvir atentamente as massas, lutar contra a burocracia e o voluntarismo, desenvolver a democracia socialista e aplicar uma política realista nas relações econômicas externas (p. 17). Mesmo quando o processo de degeneração na Polônia tinha atingido praticamente o seu termo, Brejnev continua sem ter nada de sério a dizer sobre a degeneração revisionista de um país socialista, a sua análise é nula e os seus remédios condizentes.

Aparentemente cansado e ultrapassado, o velho homem conclui com uma fórmula que nada tem a ver com o que acabou de expor.

“Houve momentos difíceis e momentos de crise. Mas os comunistas sempre fizeram frente com coragem aos ataques dos adversários e triunfaram. Assim foi e assim será”. (p. 17). Era assim que se falava na URSS no tempo do Stalin. Mas, nessa altura, o Partido era dirigido por verdadeiros bolcheviques.

Mecanismos econômicos em decomposição

No domínio econômico, a crise próxima da sociedade soviética também transparece no relatório de Brejnev. É a primeira vez que sublinha perante o congresso a utilidade de “utilizar a experiência dos países irmãos”. (p. 11). Para dizer tal coisa é porque a situação está muito mal na URSS! Como exemplo, Brejnev cita as cooperativas e empresas agrícolas na Hungria, a racionalização da produção, a economia de energia e de matérias-primas na RDA, o sistema de segurança social na Tchecoslováquia, a cooperação agroindustrial na Bulgária...

Há dez anos que Brejnev sublinha a necessidade de algumas alterações qualitativas nas estruturas e mecanismos da economia. Em um tom fatigado, limita-se a repetir sem a menor análise os fracassos do passado. Assim, sublinha a necessidade da “passagem para um desenvolvimento essencialmente intensivo” onde a palavra-chave é “eficácia”. Mas por que razão não se conseguiu passar de um desenvolvimento extensivo para uma fase intensiva? Eis o que descobrimos: “ainda não se superou totalmente a força de inércia, dos hábitos adquiridos, de um período em que se dava prioridade a um aspecto mais quantitativo”. (p. 69).

Como nos relatórios anteriores, Brejnev constata que os resultados da ciência são introduzidos na produção com “intolerável lentidão”. “O setor decisivo e o mais preocupante é hoje o da introdução das descobertas científicas e das invenções”. (p. 81).

Brejnev retoma os exemplos há muito conhecidos de desorganização e de negligência. “20% da produção dos laminados de metais ferrosos vão para a sucata ou têm defeito”. (p. 74). “Há perdas consideráveis de legumes e frutas devido às debilidades no transporte, no armazenamento e no tratamento”. (p. 88).

O setor do grande consumo continua a ser negligenciado, apesar de dois planos quinquenais ter sido centrados na “satisfação das necessidades diárias das pessoas”. Brejnev²⁷ constata:

De ano para ano, os planos de fornecimento de inúmeros artigos de consumo corrente não têm sido cumpridos, nomeadamente de tecidos, confecções, calçado de couro, mó-

27. Relatório ao XXV Congresso. p. 74.

veis e televisores. Os progressos são insuficientes no que diz respeito à qualidade, ao acabamento, à variedade. (p. 91).

Tomam-se decisões, mas aparentemente não há condições para planificar o desenvolvimento econômico em conformidade. Brejnev nota os “atrasos da base científica e do estudo de projetos das indústrias ligeira, alimentar e farmacêutica, da construção de máquinas agrícolas”.

A seguir faz uma observação muito significativa: “temos o direito de contar com a ajuda dos ramos que dispõem de uma base de investigação científica particularmente forte, nomeadamente os da Defesa”. (p. 83).

É a primeira vez desde 1966 que ouvimos da boca de Brejnev algo sobre o setor militar. Em todos os relatórios, quando aborda o capítulo da economia, consegue a proeza de discutir orientações de desenvolvimento sem nunca tratar dos 10 a 14% do Produto Nacional Bruto que se concentram na produção militar! Reside aqui, sem dúvida, uma das razões essenciais das debilidades da União Soviética. Esta ideia é familiar a Brejnev... quando analisa os problemas da outra superpotência.

A militarização dos Estados Unidos – as despesas militares atingem 150 bilhões de dólares por ano – enfraquece a posição econômica americana: sua parte nas exportações mundiais diminuiu em 20%. (p. 36).

Gostaríamos, é claro, de saber quais são os efeitos negativos sobre a economia soviética de um esforço militar que é relativamente mais consequente. Brejnev confessa que a planificação, um dos fundamentos da economia socialista, está cada vez mais deficiente.

O Partido sempre encarou o plano como uma lei. Esta verdade manifesta tem tendência a ser esquecida. A revisão dos planos no sentido da sua diminuição é cada vez mais frequente. Tal prática desorganiza a economia, corrompe os quadros, incita-os a não assumirem suas responsabilidades. (p. 95).

No entanto, lança uma conclusão que irá inevitavelmente no sentido de um dismantelamento mais acentuado da planificação. É necessário, diz, “um alargamento da autonomia dos grupos e das empresas, dos direitos e da responsabilidade dos dirigentes económicos”. (p. 96).

Fica-se com a impressão de que Brejnev constata que partes inteiras do edifício económico soviético desmoronam, sem que ele esteja em condições de perceber as causas e ainda menos de as remediar. “Há erros na planificação e na gestão, há uma falta de exigência por parte de certos organismos do Partido e dos responsáveis económicos, há transgressões à disciplina e manifestações de incúria”. (p. 69).

De notar que os economistas da equipe de Gorbachov, Aganbeguian e Bogomolov, farão quase as mesmas críticas e observações. Mas, as apresentarão como uma “denúncia sem complacência do período de estagnação” (brejneviano). E face a estas velhas críticas, apresentarão respostas novas: medidas para se passar à restauração integral do capitalismo.

publicado na revista *Etudes Marxistes*, nº 8, julho-setembro de 1990

Balanço do colapso da URSS: sobre as causas de uma traição e as tarefas futuras dos comunistas

Na URSS, primeiro Estado socialista do mundo, país natal de Lenin e de Stalin, onde, após esforços heroicos e sacrifícios imensos, os trabalhadores criaram uma nova sociedade sem classes exploradoras, neste país, caro aos revolucionários do mundo inteiro, o capitalismo foi agora restaurado.

É dever de todos os revolucionários do mundo inteiro refletir sobre as causas desta tragédia e fazer uma análise metódica dos fatos.

Obviamente, capitalistas dos cinco continentes aproveitaram este acontecimento inesperado para propagar milhões de vezes a mensagem de que “o socialismo não funciona e o capitalismo cria prosperidade”. E, em todos os países, os oportunistas desertaram para o lado da democracia imperialista, fechando os olhos ao fato do capitalismo, que “funciona tão bem”, assentar-se sobre milhões de cadáveres, vítimas da opressão e da exploração do Terceiro Mundo.

Porém, ecoava ainda o clamor da vitória histórica do capitalismo, tivemos de concluir que o restabelecimento do capitalismo na Europa Oriental e na União Soviética havia agravado todas as contradições fundamentais no mundo e que nos aguardavam convulsões e agitações. Longe de testemunharmos o fim da história, como havia declarado um membro do governo norte-americano, ou assistirmos ao fim da luta de classes, estávamos no início de uma nova fase da luta global dos oprimidos contra um sistema imperialista mundial que se tornara incompatível com a simples sobrevi-

vência de centenas de milhões de seres humanos. Efetivamente, a revolução socialista transformara-se em uma questão de sobrevivência para a vasta maioria da população mundial. A traição final do revisionismo não podia apresentar com maior clareza esta situação.

No entanto, se a parte oprimida da humanidade tem de avançar para sua libertação, esta precisa da ajuda de organizações combativas que tenham uma compreensão clara das leis fundamentais da revolução. Os comunistas de todo o mundo têm que reavaliar o rumo tomado na União Soviética. Terão de distinguir claramente revolução de contrarrevolução e marxismo-leninismo de revisionismo. O resultado do curso oportunista tomado na URSS permite-nos colocar algumas questões fundamentais, que têm sido objeto de acaloradas discussões desde 1956. As experiências positivas bem como as negativas provam que a adoção de uma linha orientadora justa é decisiva para o futuro do Partido Comunista e da revolução.

Lenin, Stalin e a ditadura do proletariado

As primeiras fábricas, os germes da sociedade industrial europeia, surgiram na sequência do genocídio dos povos da África negra e da América. Levando a “civilização” aos impérios asteca e inca, os exploradores europeus causaram cerca de 60 milhões de mortos entre a população nativa. Isto, é claro, além de ter saqueado enormes quantidades de ouro e de prata. Desde princípios do século XVI, os comerciantes europeus capturaram e venderam entre 100 milhões e 200 milhões de escravos africanos. Dezenas de milhões de homens e mulheres perderam suas vidas na Ásia e na África à medida em que as conquistas coloniais do século XIX lançavam as sociedades locais ao caos, provocando a fome, transmitindo doenças desconhecidas, difundindo o abuso do álcool e do ópio. Durante os séculos XVIII e XIX, a Revolução Industrial

na Europa causou, entre outras convulsões, a expulsão violenta de milhões de camponeses de suas terras e o trabalho forçado de mulheres e crianças por 15 horas por dia. Na Primeira Guerra Mundial, os estados burgueses europeus lançaram-se às gargantas uns dos outros, com o fim de uma nova partilha dos domínios coloniais. Dez milhões de trabalhadores pagaram com suas vidas esta rivalidade colonial.

Perante estas realidades, o socialismo não podia desenvolver-se e sobreviver senão através da organização da ditadura do proletariado, para unir todas as classes populares contra a burguesia. Esta experiência fundamental de Lenin e de Stalin adquiriu um importante significado no recente contexto dos povos que aspiram a libertar-se da “democracia” imperialista. A derrota da via reformista no Chile em 1973 e a eliminação do poder sandinista na Nicarágua, depois de amplas concessões à burguesia, mostram a importância destes princípios revolucionários defendidos pelos camaradas Lenin e Stalin.

Os operários e camponeses russos já sofriam a opressão czarista há séculos quando pagaram um preço excessivamente alto durante a Primeira Guerra Mundial: quase três milhões de mortos. Deste sofrimento insuportável, os bolcheviques extraíram a energia, a coragem e a determinação necessárias para organizar a revolução socialista e quebrar a ditadura burguesa pela força. A terra e os meios de produção tornaram-se propriedade pública, a máquina opressiva do Estado do regime czarista foi sistematicamente desmantelada e substituída por um Estado de operários e camponeses.

Apoiados pelos exércitos intervencionistas britânicos, franceses, tchecos e outras tropas estrangeiras, as classes reacionárias e as forças czaristas desencadearam o Terror Branco contra o socialismo. Praticamente sozinhos contra o resto do mundo, os bolcheviques conseguiram trazer para o lado da classe operária as amplas massas de camponeses e

organizaram o terror em massa contra seus inimigos. Neste batismo de fogo, o bolchevismo criou raízes firmes nas classes do campesinato e entre os pobres. Sem este decidido Terror Vermelho, o socialismo não teria triunfado na Rússia e o Terror Branco teria restabelecido o aparelho opressivo, que mantém os operários e povos inteiros sob seu jugo. Teria reinstalado esse baluarte da reação mundial, que constituía o czarismo.

Foi Lenin que elaborou os princípios essenciais do desenvolvimento socialista sob a ditadura do proletariado. Todavia, quando morreu em 1924, seu trabalho tinha apenas começado.

Entre 1924 e 1953, o Partido Bolchevique, sob a liderança do camarada Stalin, levou a cabo parte essencial dos planos de Lenin. Com um heroísmo popular sem precedentes, a União Soviética construiu o sistema socialista e defendeu-o da agressão fascista. Em geral, o Partido Bolchevique e o povo soviético, sob a liderança de Stalin, conseguiram realizar as tarefas colocadas por Lenin.

O Partido Bolchevique realizou a industrialização socialista entre 1921 e 1941, o que permitiu responder às necessidades básicas dos trabalhadores e adiar o ataque dos exércitos fascistas. A coletivização da agricultura contrariou eficazmente a tendência espontânea para a diferenciação de classes no campo, em particular o desenvolvimento dos kulaks, a classe dos proprietários fundiários ricos, que seriam uma ameaça fatal para o desenvolvimento do socialismo na URSS. Graças à coletivização, o sistema foi capaz de alimentar a população urbana em rápida expansão.

Com a organização da revolução cultural, a União Soviética conseguiu, em apenas 15 anos, que dezenas de milhões de camponeses analfabetos, que viviam em condições medievais, entrassem no século XX. Este esforço produziu um

exército de técnicos e especialistas bem qualificados e politicamente conscientes, que desempenharam um importante papel na guerra antifascista.

Dos anos 20 até os anos 50, o Partido Bolchevique contribuiu decisivamente para o reforço do movimento comunista internacional. A simples existência da União Soviética tornou possíveis revoluções socialistas na Europa Oriental e a revolução na China, que foi uma vitória com ressonância mundial. O êxito da reconstrução socialista na URSS, combinado com uma política externa que promovia a independência e a paz, deu forte impulso ao movimento de descolonização na África e na Ásia.

Posto isto, é importante refletir um pouco sobre certos aspectos da luta liderada por Stalin, que continua a provocar intensa controvérsia. Referimo-nos à coletivização e aos expurgos.

Na União Soviética, em 1928, 7% dos camponeses não tinham terra, 35% eram camponeses pobres, 53% podiam classificar-se como relativamente abastados e 5% eram agricultores ricos, os chamados kulaks, que controlavam 20% dos cereais comercializados. O curso natural da situação reforçou esta classe de ricos agricultores, dado que, através do seu crescente controle sobre os estoques de cereais colocados no mercado, podiam privar de alimentos as cidades e sabotar a industrialização socialista.

A modernização da agricultura medieval, em que predominavam ainda os arados de madeira e a tração animal, era uma necessidade absoluta para o êxito da industrialização. Se a mecanização fosse introduzida no campo, mediante os meios de capital fornecidos pela classe rica dos kulaks, a exploração, a miséria e a fome teriam sido uma consequência inevitável para a maioria dos camponeses. Além disso, uma classe burguesa agrária revigorada teria indubitavelmente atacado o socialismo, assim que se sentisse capaz disso. Para

defender o poder dos trabalhadores não existia outra via senão a coletivização.

Neste processo libertou-se o ódio reprimido durante anos pelos camponeses pobres contra a classe rica dos kulaks. Esta luta de classes organizada pelos camponeses pobres e médios demonstrou ser o fato decisivo na coletivização. Como o Partido Bolchevique não dispunha mais do que 200 mil membros no campo, seu impacto permaneceu limitado naqueles primeiros anos. O processo de coletivização decorreu à medida em que a guerra civil eclodia novamente no campo. Os ricos proprietários fundiários assassinaram um grande número de quadros e líderes camponeses e abateram parte do gado para sabotar a economia coletiva. A repressão conduzida pelos camponeses pobres contra os kulaks foi em grande parte uma reação a séculos de opressão e de humilhação que se tornou incontrollável.

Os expurgos organizados pelo Partido Bolchevique, entre 1937 e 1938, justificavam-se tendo em conta a aproximação da guerra. No entanto, estes expurgos foram acompanhados de graves erros, na sua maior parte inevitáveis dada a complexidade da luta. Stalin sabia que a deterioração da situação internacional e a possibilidade crescente da guerra de agressão contra a URSS lançava uma luz particular sobre a luta política no interior do Partido. Tendo em conta a aproximação do conflito mundial, suspeitou justamente que a Alemanha nazista e outras potências imperialistas enviavam espiões, sabotadores e outros agentes para o país. Entre as classes burguesas derrotadas, dentro e fora da URSS, havia muitos candidatos ciosos de vingança para ajudar a causa imperialista. Oportunistas e derrotistas no Partido, impressionados pela “superioridade” do sistema imperialista, podiam tentar estabelecer contato com o inimigo. Stalin organizou vasta mobilização do povo em apoio ao expurgo. A depuração do movimento visava dois tipos de adversários do socialismo.

O primeiro tipo eram elementos das antigas classes opressoras, que desejavam vingar-se da sua derrota, capitulacionistas e elementos pró-germânicos, que esperavam que o ataque nazista os viesse “libertar”. O segundo tipo de inimigos que o poder popular combateu eram burocratas e tecnocratas, que tinham se afastado das massas e estavam rapidamente a transformar-se em uma nova burguesia, pronta a submeter-se ao mais poderoso, ou seja, à Alemanha de Hitler, para defender as suas posições. Assim, o expurgo do movimento socialista era uma necessidade política absoluta. Nas condições da época, isso também significava que muitos erros seriam seguramente cometidos.

Por vezes, burocratas conseguiam desviar o escrutínio para pessoas inocentes, com o fim de defender as suas posições. Oportunistas faziam acusações falsas para subir em suas carreiras partidárias. Agentes inimigos infiltrados no Partido fabricavam “provas” para incriminar comunistas leais, e comunistas honestos cometeram excessos esquerdistas. Em geral, no entanto, os expurgos atingiram seus objetivos.

Isto ficou demonstrado na guerra antifascista, quando, contrariamente à situação de outros países, houve muito poucos colaboracionistas que apoiaram os nazistas na União Soviética. Na Europa Ocidental, como Stalin previra, muitos oportunistas juntaram-se às fileiras das forças nazistas ocupantes. Proeminentes figuras dos socialdemocratas belgas aclamaram publicamente Hitler como um libertador. Na França, a maioria dos socialdemocratas votou a favor da atribuição de plenos poderes ao regime colaboracionista de Pétain. Se tivermos em mente estes fatos, não surpreende que as facções burguesas denunciem unanimemente os “expurgos criminosos” organizadas pelo Partido Bolchevique. O poder estabelecido, maior parte dos barões da indústria, os banqueiros, quadros de partidos nacionalistas, partidos cristãos,

liberais e socialdemocratas, todos colaboraram com os nazistas enquanto a sua vitória parecia assegurada.

Perante a recente restauração completa do capitalismo na URSS sob Gorbatchov, podemos agora compreender melhor alguns aspectos das expurgos de 1937/38. Stalin afirmou que os trotskistas, os partidários de Bukharin e os nacionalistas burgueses defendiam uma política burguesa e, de fato, os interesses das classes opressoras derrotadas. Com suas ações ajudaram estas classes e outros grupos antissocialistas a reagrupar forças. Khrushchev iniciou o processo afirmando que esta análise era errônea e tinha levado a atos arbitrários. As teses nacionalistas e as ideias de Trotsky e de Bukharin começaram a reaparecer nas políticas do PCUS. Finalmente, Gorbatchov reabilitou os trotskistas, os bukharinistas e os nacionalistas burgueses como “boa gente” e “vítimas do stalinismo”. Dois anos mais tarde, a restauração do capitalismo tornou-se um fato. A história provou que visão de Stalin sobre esta questão estava inteiramente correta.

Khrushchev: a primeira ruptura com a revolução

Recordemos agora quatro teses essenciais apresentadas há trinta anos por Khrushchev, que nos permitirão compreender melhor os acontecimentos recentes na URSS.

Primeira tese: Na União Soviética o poder deixou de ser da classe operária. O Estado da classe operária foi substituído pelo Estado de todo o povo, um Estado para todas as classes.

Assegurada a vitória total e definitiva do socialismo – a primeira fase do comunismo – e a transição da sociedade para a construção em grande escala do comunismo, a ditadura do proletariado cumpriu sua missão histórica e, do ponto de vista dos objetivos do desenvolvimento interno, deixou de ser necessária na URSS. O Estado, que surgiu como

Estado da ditadura do proletariado, transformou-se na atual nova etapa no Estado de todo do povo, em um órgão que expressa os interesses e a vontade de todo o povo.²⁸

Esta ideia conduziu ao abandono da luta contra as tendências burguesas e reacionárias sob influência do imperialismo. Igualmente tornou possível uma espécie de tranquilidade para a burocracia que procurava separar-se dos trabalhadores. Em um “Estado de todo o povo”, esta burocracia podia instalar-se confortavelmente, adquirir privilégios e obter benefícios pessoais através dos cargos políticos e econômicos. Afinal de contas, já não podiam desenvolver-se contradições de classe entre ela e as massas laboriosas, pelo menos assim foi declarado.

Segunda tese: Khrushchev anunciou, em 1962, que a União Soviética alcançaria o comunismo em 1980 e que, nesta altura, teria ultrapassado os Estados Unidos.

Não demorará muito até que a União Soviética ultrapasse os Estados Unidos no campo econômico. Nesta competição pacífica com os EUA, a URSS alcançará uma vitória histórica de importância universal (...). Teremos nós tudo o que é preciso para criar a base material e técnica do comunismo no espaço de duas décadas? Sim, camaradas, temos tudo o que precisamos.²⁹

28. Polititcheskoi Literaturi, Gossudárstvenoi. XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Moscou: Relato estenográfico, 1962. Pag. 303.

29. Discurso de Khrushchev sobre o Programa do PCUS. Editora City. Pag. 169. Apenas a última frase constitui uma citação exata deste discurso, estando a anterior presente em várias passagens, o que nos leva a concluir que se trata de uma síntese do autor. (N. Ed.)

Assim, atualmente, a URSS deveria gozar a eterna felicidade do comunismo totalmente desenvolvido, abundância para todos, e tudo isto desde 1980. Na realidade, tais promessas de um futuro ideal serviram para acalmar as massas, nas quais as ideias da revolução, do socialismo e do comunismo eram muito populares, e para consolidar as posições dos burocratas e tecnocratas no poder.

Terceira tese de Khrushchev: declarou que o capitalismo entraria em colapso em todo o mundo à medida em que o socialismo marchava para a vitória final. O rápido progresso da União Soviética atrairia a simpatia dos trabalhadores em todo o mundo, enquanto o capitalismo, gravemente enfraquecido, não seria capaz de resistir. Explicava-se assim que seria possível tomar o poder na Europa e no resto do mundo por via pacífica e parlamentar. Na sequência da vitória do socialismo na URSS, surgiram condições mais propícias para a vitória do socialismo em outros países. O vasto campo de países socialistas, cuja população já ultrapassa 900 milhões de habitantes, continua a crescer e a reforçar-se. As ideias do socialismo criaram profundas raízes no espírito em toda a classe operária. O capitalismo tornou-se muito mais fraco. Os partidos burgueses de direita e os seus governos fracassam cada vez mais. Isto cria a possibilidade de “conquistar uma maioria sólida no parlamento e transformar este parlamento em um instrumento de verdadeiro poder popular”.³⁰ Estas posições,

30. XXII Congresso do Partido Comunista da URSS. p. 256-257. No programa do PCUS aprovado no XXII Congresso, atrás citado, pode ler-se uma afirmação com conteúdo semelhante a esta citação não referenciada pelo autor: “Nas condições atuais, numa série de países capitalistas, a classe operária, dirigida pelo seu destacamento de vanguarda, tem a possibilidade, na base de uma frente operária e popular e de outras formas possíveis de acordos e de cooperação política com diferentes partidos e organizações sociais, de unir a maioria do povo, conquistar o poder de Estado sem guerra civil e assegurar a passagem dos principais meios de produção para as mãos do povo. Apoiando-se na maioria do povo e repudiando decididamente os

que embelezam a sociedade imperialista e a ditadura da burguesia, constituem uma mudança radical de política.

O quarto ponto de Khrushchev refere-se à atitude ante os Estados Unidos. A superpotência imperialista havia sido até então considerada como a polícia mundial número um, intervindo e perseguindo agressivamente seus interesses nos cinco continentes. Entretanto, Khrushchev declarou: “queremos ser amigos dos EUA e cooperar na luta pela paz e segurança dos povos. Comprometemo-nos a alcançar este fim com boas intenções e sem propósitos ocultos”. Isto foi dito em um momento em que as nações do Terceiro Mundo, em sua maioria, seja na Ásia, África ou América do Sul, estavam envolvidas em uma terrível luta contra o imperialismo estadunidense, que queria submetê-las ao domínio neocolonial

Brejev: a degeneração acelera-se

Depois chegou Brejev. Alguns comunistas pensaram que ele se tinha distanciado pessoalmente dos erros mais flagrantes de Khrushchev. A análise dos quatro congressos realizados sob a sua presidência não confirma esta opinião. Khrushchev tinha proclamado três temas chave: o fim da luta de classes, um Estado de todo o povo e a defesa da burocracia privilegiada. Brejev continuou por este caminho. Apresentou ao público imagens brilhantes de uma sociedade sem classes, que ocultava uma crescente diferenciação de classes e estratos sociais.

elementos oportunistas, incapazes de recusar a política de conciliação com os capitalistas e latifundiários, a classe operária tem a possibilidade de derrotar as forças reacionárias e antipopulares, conquistar sólida maioria no parlamento, transformá-lo em instrumento ao serviço do povo trabalhador, desenvolver fora do parlamento uma ampla luta de massas, quebrar a resistência das forças reacionárias e criar as condições necessárias para a realização pacífica da revolução socialista”. Programa do PCUS, XXII Congresso do Partido Comunista da URSS, 1731 de outubro de 1961, ed. cit., t. 3, pp. 256-257.

Aplaudiu à “eliminação do fosso entre classes e grupos sociais”. “A nossa *intelligentsia* considera ser seu dever dedicar toda a sua energia criativa à construção da sociedade comunista”. Dizia isto apesar de que nesse momento uma parte importante desta *intelligentsia* já estar completamente despolitizada e fascinada pelo Ocidente. Nos sonhos de Brejnev, não eram somente as diferenças de classe que desapareciam, mas também as distinções entre nacionalidades. Brejnev inventou a noção de “povo soviético”, segundo a qual as classes e as nacionalidades teriam desaparecido sem deixar rastro. “Em nosso país temos sido testemunhas da formação de uma nova comunidade histórica: o povo soviético. Novas relações harmoniosas entre classes, grupos sociais e entre nações e nacionalidades surgiram do trabalho comum”. Com Brejnev, o marxismo-leninismo transformou-se de ciência da luta de classes em ideologia. Por “ideologia” entendemos aqui a falsa consciência que representa os interesses de um grupo privilegiado separado dos trabalhadores.

Nunca naqueles quatro congressos, Brejnev abordou a realidade viva das diferentes classes, estratos sociais e forças políticas, com vista a definir algumas orientações de luta ou de mobilização.

Sob o regime de Brejnev, a elite burocrática entrincheirou-se quase completamente. O brejnevismo assegurou o conforto à nova classe burguesa. Um dos partidários de Khrushchev, Jaurés Medvedev, escreveu:

“Na época de Stalin, os dirigentes do Partido sentiam mais a potencial ameaça do aparelho de segurança do que os cidadãos comuns”. E acrescenta: “Brejnev não era um verdadeiro líder em 1964. Era mais o representante da burocracia, que procurava uma vida fácil com privilégios crescentes e garantidos. O seu eleitorado era a elite burocrática.

Neste aspecto, Brejnev também mudou o sistema porque, mais do que qualquer outro, criou condições propícias para a expansão de uma autêntica elite privilegiada, uma autêntica *nomenclatura*".

Com uma vida confortável assegurada, os membros da elite não se contentaram com seus rendimentos legais. A estabilidade garantida à elite teve ainda outro efeito negativo. A corrupção dos funcionários desenvolveu-se rapidamente em todos os níveis. A disciplina do Partido diminuiu, o nepotismo tornou-se prática recorrente e o prestígio ideológico e administrativo do Partido foi danificado. A corrupção dos altos funcionários soviéticos tornou-se em uma espécie de "doença profissional". A distinção entre propriedade pública e privada deixou de ser respeitada.

Longe de denunciar os erros de Khrushchev, Brejnev seguiu pelo mesmo caminho desastroso, tornando ainda pior o desvio revisionista.

Além disso, Brejnev imprimiu uma orientação militarista a toda a política soviética. Contava quase exclusivamente com a expansão do poder militar soviético para defender e ampliar as posições da URSS. "O reforço do Estado soviético pressupõe a expansão máxima da capacidade de defesa da nossa pátria". Congratulou-se com "o equilíbrio militar e estratégico atingido pela União Soviética e pelos Estados Unidos". O caminho para a "paridade militar e nuclear" com o complexo militar-industrial ocidental não era praticável, além de destrutivo para um país socialista. Estando já no museu da História a mobilização das massas, a continuação da luta de classes e a educação revolucionária, Brejnev optou por um conceito militar digno dos seus adversários. Tudo aquilo que constituía a força de defesa do socialismo na época de Stalin

desapareceu. O esforço militar desproporcionado minou por completo a economia civil da União Soviética.

Efetivamente, através dos efeitos combinados do revisionismo e do hegemonismo, Brejnev arruinou o movimento comunista internacional. Em 1966, “excomungou” a China e a Albânia, acusando estes países de “stalinismo” e de “desvios esquerdistas”, porque tinham manifestado sua desaprovação ao revisionismo de Khrushchev. Três anos mais tarde, Brejnev transformou a política de confrontação com a China em um conflito armado. Intoxicados com as “novas ideias” de Khrushchev, numerosos partidos comunistas inclinaram-se para a reconciliação com a burguesia nos seus próprios países, provocando a ulterior desintegração do movimento comunista internacional. Nos países socialistas da Europa do Leste, Dubcek e outros da sua laia propuseram a liquidação dos últimos vestígios da ditadura do proletariado e a introdução do sistema socialdemocrata burguês. Os partidos que recusaram aceitar o modelo soviético como única referência e que se opuseram aos ditames e à intervenção soviética foram marginalizados por Brejnev por “nacionalismo” e “antissovietismo”. Finalmente, só restaram aqueles que demonstravam uma lealdade incondicional à URSS. Brejnev chamou-lhes “autênticos marxista-leninistas”. Dado que o revisionismo corroía as bases do socialismo na Europa do Leste, Brejnev recorreu ao controle militar para manter a aparência de unidade no seu campo. Proclamou então: “As fronteiras da comunidade socialista são invioláveis e inexpugnáveis. A irmandade dos países socialistas unidos é a melhor defesa contra as forças que tentam atacar e enfraquecer o campo socialista. Sob qualquer ponto de vista, a URSS demonstra deste modo a sua lealdade ao internacionalismo proletário”.

Mas sua interferência e tendência crescente para o controle direto desgastaram este socialismo enfermo. A teoria de “defender a União Soviética como a melhor proteção do

socialismo" era um fiasco. A melhor defesa do socialismo será sempre a mobilização dos trabalhadores, o desenvolvimento da sua consciência, o seu esforço independente para defender o seu poder. Nesta base, um país socialista pode pedir ajuda a outra nação amiga, mas apenas em circunstâncias excepcionais e por um período de tempo limitado. Assim fez por exemplo a República Popular Democrática da Coreia quando foi atacada pelo exército dos EUA em 1950.

A "revolução mundial", tal como era vista por Brejnev, consistia essencialmente no alargamento da influência soviética a todo o globo, seguindo o modelo da Europa do Leste. Brejnev negou que o socialismo mundial nasceria da mistura de diferentes experiências revolucionárias nacionais. Não reconheceu o fato de que os partidos revolucionários têm que se ancorar na realidade específica do seu país, que devem mobilizar amplas massas para a luta revolucionária e que têm que esmagar o imperialismo e a reação local. Brejnev rejeitou a ideia de que só as massas populares armadas podem constituir um baluarte eficaz contra o imperialismo e a reação. Continuou a enganar os povos do Terceiro Mundo apresentando o Exército Soviético como o garante da sua liberdade. Brejnev: "o socialismo é a melhor defesa dos povos que lutam pela sua libertação e independência". Sob a liderança de Brejnev, a URSS apoiou reformistas (Chile), putchistas e aventureiros (Etiópia, Afeganistão), militaristas (Egito, Síria), os quais apresentava invariavelmente como artesãos da revolução socialista. Como a URSS estava ao "seu lado" e seu exército "constituía a melhor defesa da sua liberdade", Brejnev interveio em vários países para manter forças reformistas pró-soviéticas no poder. A política aventureira atingiu o auge nas invasões do Kampuchea e do Afeganistão.

Gorbatchov: a restauração do capitalismo

A melhor análise das realidades existentes nos países socialistas durante o período entre 1956 e 1990 continua sendo a feita, nos anos 60, por Mao Tsé-tung. Hoje, esta análise pode ser definida com maior precisão e corrigida em alguns pontos, à luz dos recentes acontecimentos ocorridos na Europa do Leste, na União Soviética e na China. O camarada Mao via assim o futuro do socialismo:

“A sociedade socialista cobre um período histórico extremamente largo. Durante todo este período a luta de classes entre a burguesia e o proletariado segue. A questão sobre qual sistema sairá vitorioso, o capitalismo ou a via socialista, permanecerá em aberto durante este período. Isto significa que o perigo da restauração do capitalismo se mantém”.

“A revolução socialista realizada apenas no campo econômico (no que respeita à propriedade dos meios de produção) não é suficiente e não garante a estabilidade. É preciso haver também uma revolução socialista completa nos campos da política e da ideologia. No domínio da política e da ideologia, a luta para decidir a disputa entre capitalismo e socialismo prolongar-se-á por muito tempo. Algumas décadas certamente não serão suficientes; cem, talvez centenas de anos serão necessários para a vitória final. Durante este período histórico do socialismo temos que manter a ditadura do proletariado e levar a revolução socialista até o fim, se quisermos prevenir a restauração do capitalismo. Temos que realizar a reconstrução socialista de modo a criar as condições necessárias para a passagem ao comunismo”.

“Antes de Khrushchev chegar ao poder, as atividades dos novos elementos burgueses eram limitadas e em grande parte reprimidas. Mas desde que Khrushchev alcançou o poder, e gradualmente tomou o controle da direção do Partido e do Estado, esses novos elementos burgueses apareceram em posições dominantes no coração do Partido e do governo, no campo da economia, assim como no setor da cultura e outros. Tornaram-se uma classe privilegiada na sociedade soviética”.

“Mesmo sob o domínio de Khrushchev e da sua facção, a massa dos membros do PCUS e do povo seguiu as gloriosas tradições revolucionárias cultivadas por Lenin e Stalin, aderindo ao socialismo e aspirando avançar para o comunismo. Um grande número de quadros soviéticos continua a apoiar as posições revolucionárias do proletariado na via para o socialismo. Estão firmemente contra o revisionismo de Khrushchev”.

“A luta de classes, a luta pela produção e a experimentação científica são os três movimentos revolucionários principais na construção de uma nação socialista poderosa. Estes movimentos representam uma garantia segura, que permite aos comunistas combater a burocracia, armar-se eles próprios contra o revisionismo e dogmatismo e manter-se invencíveis para sempre. Constituem a garantia futura que permitirá ao proletariado unir as amplas massas laboriosas e praticar uma ditadura democrática. Vamos supor que, na ausência destes movimentos, os latifundiários, os agrários ricos, os contrarrevolucionários, os elementos obscuros e outras criaturas de diversos tipos terão rédea solta. Suponhamos ainda que, em certos casos,

nossos quadros fecham os olhos e já não distinguem entre o inimigo e nós próprios e que colaboram com o inimigo e se deixam corromper e desmoralizar. Se nossos quadros foram atraídos desta forma para o campo do inimigo ou se o inimigo logrou infiltrar-se nas nossas fileiras e se muitos dos nossos operários, camponeses e intelectuais ficaram indefesos perante as táticas brutais do inimigo, se estas suposições se tornar realidade, então em um curto espaço de tempo, talvez alguns anos ou uma década, terá lugar inevitavelmente uma restauração contrarrevolucionária em escala nacional. Neste caso, não demorará até o Partido marxista-leninista tornar-se um partido revisionista ou fascista e a China mudará de cor”.

No país de Lenin, Khrushchev tomou o poder em 1956, após três anos de hábeis manobras e complexos preparativos. Depois de assumir o controle, teve que consolidar seu poder dentro do partido eliminando a maioria do Birô Político, no decurso da luta contra o “grupo antipartido de Molotov, Malenkov e Kaganovitch”. Com ataques políticos e ideológicos contra os princípios essenciais da construção do socialismo, Khrushchev prosseguiu a alteração da orientação fundamental do PCUS. Isto serviu de pretexto para permitir que os quadros burocráticos e oportunistas adquirissem privilégios e se desenvolvessem em uma classe social distinta. Já depois do afastamento de Khrushchev, alguns quadros destacados fizeram tentativas para regressar aos princípios marxista-leninistas. A base da sociedade do socialismo ainda não tinha sido destruída e milhões de comunistas prosseguiram seu trabalho revolucionário. No entanto, durante o período de Brejnev, a classe dirigente continuou a acumular privilégios e a enriquecer por vias ilegais, vegetando como parasitas em uma base

econômica e política que não lhes pertencia. Os verdadeiros comunistas defendiam o conjunto de conquistas da classe operária. As leis socialistas, medidas favoráveis aos trabalhadores e a ideologia marxista-leninista continuavam a exercer uma grande influência em toda a sociedade. Contudo, a classe dirigente reduziu o marxismo a uma série de fórmulas feitas e importou todo tipo de teorias ideológicas do Ocidente. Enquanto o pensamento socialista era mutilado, ideologias burguesas ultrapassadas ganhavam novo impulso. Em um número crescente de setores, os novos elementos burgueses transformaram os meios de produção e a propriedade do Estado em propriedade privada sua. Permitiam o alargamento do setor informal e faziam acordos secretos com os novos capitalistas, cujo surgimento favoreceram.

No final da era Brejnev, uma nova classe capitalista tinha-se consolidado e perseguia seus próprios interesses, opostos aos interesses dos trabalhadores. Esta nova classe, agora totalmente desenvolvida, tentava cada vez mais instalar abertamente sua própria ditadura. Para isto tinha que desenvencilhar o país das últimas influências e aparências do marxismo-leninismo. Em Gorbatchov encontrou uma bandeira, na *glasnost* um meio de expressão e na *perestroika* a legitimação dos seus projetos restauracionistas.

Depois de um período de paralisia, conformismo e militarismo, sob liderança de Brejnev, tivemos a impressão de que as coisas estavam a mudar e que alguns dos erros mais graves de Brejnev seriam revelados. Porém, depressa se tornou claro que Gorbatchov criticava Brejnev a partir do ponto de vista dos liberais e pró-ocidentais. Gorbatchov somente aprofundou o revisionismo de Khrushchev e de Brejnev, o que conduziu à renúncia total e aberta dos princípios marxista-leninistas.

A União Soviética teve dois pontos de ruptura com o socialismo: o relatório de Khrushchev, em 1956, que continha

a rejeição de alguns princípios essenciais do leninismo, e a *perestroika* de Gorbatchov, que preparou o terreno para o restabelecimento da economia de mercado em 1990. O revisionismo de Khrushchev abriu o período de transição do socialismo para o capitalismo. Os velhos e novos elementos burgueses precisaram de 30 anos para ganhar força suficiente para tomar e consolidar suas posições na política, no campo da ideologia e na economia. O processo de degeneração, iniciado em 1956, precisou de três décadas para acabar com o socialismo.

Os ataques contra o legado de Stalin desempenharam papel importante ao longo de todo este processo de degeneração. Na URSS, os revisionistas trabalharam 35 anos para demolir Stalin. Uma vez Stalin demolido, Lenin seguiu o mesmo caminho. Khrushchev incitou todos contra Stalin e Gorbatchov, durante os 5 anos da sua *glasnost*, prosseguiu a cruzada contra o stalinismo. Alguém terá reparado que a demolição das estátuas de Lenin não foi precedida de nenhuma campanha política contra sua obra? A campanha contra Stalin foi suficiente. Dado que todas as ideias políticas de Stalin foram atacadas, denegridas e arrasadas, era simples concluir, ao mesmo tempo, que as ideias de Lenin também tinham sido destruídas. Khrushchev iniciou sua missão destruidora, destacando a crítica ao “culto da personalidade” de Stalin, para restabelecer o leninismo em sua forma pura e melhorar o sistema comunista. Gorbatchov fez a mesma promessa enganosa para desorientar as forças de esquerda. Hoje podemos ver o óbvio: com o pretexto de “regresso a Lenin”, Gorbatchov convidou o czar, e com o pretexto de melhorar o socialismo, implantou o capitalismo.

As lições históricas da experiência da URSS e dos países do Leste da Europa: a liderança do Partido Comunista é decisiva na construção do socialismo

No curso do desenvolvimento da luta de classes vimos, em muitos países, que todos partidos burgueses e pequeno-burgueses tentam contrariar as forças revolucionárias. Em países tão distintos como Rússia, China, Cuba ou República Democrática Alemã, a revolução triunfou sob a direção do Partido Comunista, o único partido verdadeiramente revolucionário. Para a vitória da revolução e a construção do socialismo é necessária a justa direção política do Partido Comunista, aplicando criativamente os princípios do socialismo científico, de acordo com a realidade de cada país. Fora do Partido não pode haver futuro para o socialismo!

Para a burguesia, que vive sob o socialismo, a questão fundamental é: Como alargar a democracia? Para os burgueses é muito importante criar um espaço legal para seus velhos partidos destroçados durante a revolução. Para o proletariado e os trabalhadores a pergunta chave é a seguinte: como assegurar que o Partido Comunista mantenha seu espírito revolucionário, sua linha socialista e sua ligação com as massas?

Se o Partido cometer muitos erros graves, a revolução será derrotada ou a construção do socialismo entrará em uma crise que pode ser fatal. O revisionismo no Partido Comunista representa a influência e a pressão da burguesia e do imperialismo. Se os quadros agem de forma burocrática, perdem o contato com as massas, se apropriam de vantagens e privilégios e se comportam como tecnocratas sem consciência revolucionária, sucumbindo à corrupção, então, inevitavelmente, desenvolve-se uma tendência oportunista no Partido favorável ao retorno à velha ordem, baseada na sociedade de classes e na exploração do homem pelo homem.

No socialismo, a luta de classes tem que seguir para consolidar a ditadura do proletariado

Os trabalhadores têm que estar ideológica e praticamente preparados para a batalha contra as forças antissocialistas, desenvolvida pelos inimigos de classe e encorajada pela intervenção e subversão imperialista.

Enquanto existir, o imperialismo nunca deixará de preparar seu regresso aos países socialistas. Primeiro, tentará ocupar o campo político-ideológico, apoiar forças hostis ao Partido Comunista, exigir liberdade para a imprensa burguesa, encorajar sindicatos a agir independentemente do Partido e criando partidos legais e ilegais hostis aos comunistas.

A luta para eliminar as bases internas e externas para a restauração do capitalismo é uma luta de várias gerações. Durante um longo período histórico, a ditadura das massas laboriosas deve ser mantida contra velhos e novos exploradores. Se a ditadura das massas laboriosas é relaxada, a burguesia renascerá e iniciará a batalha para a restauração da sua ditadura.

Na União Soviética fomos testemunhas disso: mesmo passados 70 anos da sua derrota, os partidários do czarismo, os feudalistas, os burgueses e kulaks tinham conseguido se manter e, mais tarde, ampliar sua influência ideológica e política em uma parte das massas.

Tendo em conta o desenvolvimento das forças produtivas e o aumento da produção em geral, é possível que um país socialista seja obrigado a aceitar, durante um período de tempo significativo, a existência de um setor de pequenos capitalistas e empresários privados e mesmo investimentos capitalistas estrangeiros. Será igualmente necessário aceitar várias formas de relações comerciais, financeiras e científicas com o mundo imperialista. Todos estes fatores tornam o reforço do trabalho ideológico e a manutenção da ditadura do

proletariado uma necessidade absoluta. No socialismo, o Partido deve utilizar a ciência marxista para analisar de modo materialista a diferenciação social que se desenvolve no seio da sociedade.

Na URSS, os revisionistas afirmaram que as camadas exploradoras já não existiam e que os operários, camponeses e intelectuais tinham o mesmo interesse na defesa do socialismo. Fomentando este ponto de vista, destruíram a vigilância de classe e permitiram o desenvolvimento da burocracia, do oportunismo e da tecnocracia nas fileiras dos quadros e intelectuais. Assim, uma nova classe surgiu no coração da sociedade.

O Partido Comunista é o instrumento essencial para a correta aplicação da ditadura do proletariado. Se o Partido for tomado por tendências oportunistas, o coração do socialismo será infectado. O Partido tem que permanecer como uma organização de luta política, educando e mobilizando os trabalhadores para a consolidação do seu poder. O exército socialista e a milícia popular têm que estar prontos para responder eventuais ações e agressões das forças imperialistas em geral.

O socialismo consolida-se através da democracia socialista

Se o Partido Comunista atuar de maneira verdadeiramente revolucionária, e a luta de classes for mantida corretamente contra os inimigos do socialismo, a democracia socialista tem um amplo espaço para se desenvolver. O modo como a democracia socialista se desenvolve depende, naturalmente, da situação nacional e internacional da luta de classes.

O Partido Comunista tem que se esforçar para aperfeiçoar e alargar continuamente a democracia socialista. Um dos aspectos mais fundamentais desta democracia é a possibilidade de as massas laboriosas poder observar e julgar as ações

e posições dos membros e quadros do Partido e dos funcionários do Estado socialista. Para desenvolver esta democracia, o governo socialista tem de assegurar uma educação geral científica de alta qualidade, treino e educação política a todos os cidadãos.

O Partido deve criar as condições para a participação ativa dos trabalhadores e das suas organizações representativas de massas na administração dos assuntos locais e na âmbito regional e nacional. A lei deve estabelecer direitos e obrigações dos cidadãos na sociedade socialista.

A revolução científica e tecnológica é essencial para demonstrar a superioridade do socialismo

O desenvolvimento da ciência e da tecnologia tem grande importância na luta global entre socialismo e capitalismo. Nestes campos, apoiando-se em cinco séculos de pilhagem em todo o mundo, o imperialismo continua a dispor de grande vantagem. O socialismo não poderá nunca se aliar sem adquirir o conhecimento científico mais avançado. A revolução cultural, científica e tecnológica deve ser firmemente estimulada sob a direção da ideologia socialista. Um país socialista deve fazer todos os esforços para assimilar as descobertas científicas e tecnológicas e o uso das técnicas desenvolvidas no mundo capitalista.

Não obstante, é preciso ter sempre em conta que todas estas descobertas foram feitas no contexto da estrutura social burguesa baseada na exploração dos trabalhadores. Com frequência, pertencendo à burguesia e vivendo em condições privilegiadas, a maioria dos cientistas, engenheiros e gestores do mundo capitalista mantêm uma visão burguesa ou mesmo reacionária do mundo. Esta ideologia reflete-se inclusive na concepção e aplicação de algumas das suas descobertas científicas. A assimilação da ciência e da tecnologia do mundo capitalista deve ser feita sob a direção do Partido e a partir de

um ponto de vista socialista. A educação marxista-leninista e a luta política contra as influências burguesas têm que acompanhar este processo de assimilação. Este é um aspecto importante da luta de classes sob a ditadura do proletariado. Efetivamente, a experiência da URSS demonstra o papel contrarrevolucionário desempenhado por numerosos cientistas e outros intelectuais altamente prestigiados, que se comprometeram inteiramente com a concepção burguesa do mundo.

O Partido deve manter o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário ao adotar uma posição independente

Há aqui dois aspectos de uma contradição, cujas relações e oposições devemos discernir com clareza. Acima de tudo, o essencial é a linha marxista-leninista e uma prática consistente do internacionalismo proletário. A classe operária é eminentemente uma classe internacionalista. Sua posição em todas as sociedades exploradoras é fundamentalmente a mesma, e as leis básicas que podem ser deduzidas da luta revolucionária são, em sentido lato, comuns a todos os países.

Beneficiando-nos de uma visão retrospectiva, podemos ver claramente que certos oportunistas recusaram estas posições básicas, invocando injustamente o princípio de uma “posição independente”. Em 1948, Tito defendeu “o direito de seguir na Iugoslávia uma via específica para o socialismo”. Sob este pretexto, apregoeou, de fato, uma política de reconciliação e de oposição à ditadura do proletariado. A recente catástrofe na Iugoslávia, devastada por guerras civis de tipo nacional e fascista, foi a última consequência desta posição de Tito.

Durante os anos 70 e 80, o Partido Comunista Italiano fez grande alarde sobre sua “independência”, com os méritos da “via italiana para o socialismo”. Sob esta bandeira, desfilaram-se dos últimos princípios do marxismo-leninismo,

romperam todos os laços com a URSS e finalmente entraram no campo das posições verdadeiramente socialdemocratas.

Se um Partido Comunista faz uma virada para uma direção oportunista, a intervenção de outros partidos comunistas nos assuntos internos desse Partido não pode resolver o problema, pelo contrário. Não obstante, o internacionalismo proletário significa que outros partidos, durante suas discussões com o Partido em causa, devem travar uma luta de princípios contra o oportunismo e o revisionismo. O partido criticado pode, com toda a independência, aceitar ou recusar esta análise e observações, uma vez que continuará a ser o único responsável por sua linha política perante a classe operária e o povo do seu país.

Um problema de natureza completamente diferente surgiu nos países socialistas do Leste da Europa. Em 1945, os partidos comunistas destes países eram muito fracos, mas com a ajuda do Partido Bolchevique, travaram a luta de classes, implantaram a ditadura do proletariado e lançaram as fundações de uma economia socialista independente. Após a morte de Stalin, Khrushchev interveio nos seus assuntos internos para afastar os quadros revolucionários que foram rotulados de “stalinistas”.

Os oportunistas que posteriormente chegaram ao poder aceitaram todas as teses antimarxistas de Khrushchev. A maioria não só liquidou o marxismo-leninismo, como também vendeu barato sua independência, seguindo todas as voltas e reviravoltas da política soviética. O Partido Comunista da Romênia, embora tenha também secundado as posições advogadas por Khrushchev, manteve, no entanto, certa independência. A rejeição do marxismo-leninismo e do princípio da independência foi a causa do fracasso do socialismo nos países do Leste da Europa.

Na época, todavia, um outro pequeno país socialista mostrou uma via alternativa. O Partido do Trabalho da Coreia

manteve sempre contatos com os partidos do Leste da Europa, que poderiam ter se beneficiado da experiência coreana. Na verdade, mesmo antes de o revisionista Khrushchev ter tomado o poder, Kim Il Sung afirmou o seguinte:

O que é que nós estamos a fazer? Não estamos a fazer a revolução em um país estrangeiro, mas sim a revolução na Coreia. Todo trabalho ideológico tem que se subordinar aos interesses da Revolução Coreana. Se estudamos a história do PCUS ou da Revolução Chinesa, ou se estudamos os princípios universais do marxismo-leninismo, apenas o fazemos com vista a realizar corretamente nossa revolução. Devemos estudar cuidadosamente nossa própria realidade e aprender a conhecê-la muito bem. Do contrário, não seremos capazes de resolver os novos problemas, com que nos confrontaremos, de forma criativa, que esteja em consonância com nossa realidade. Vários camaradas bebem de um trago o marxismo-leninismo ao invés de digeri-lo e aprendê-lo a utilizá-lo. É perfeitamente lógico que não possam empreender iniciativas revolucionárias. Devemos reger-nos inexoravelmente pelos princípios marxista-leninistas e aplicá-los de modo criativo, em função das condições concretas do nosso país e da nossa nação. O marxismo-leninismo não é um dogma, é um guia para a ação e uma doutrina criativa. O marxismo-leninismo só pode dar provas do seu poder invencível se for aplicado de forma criativa em função da situação concreta de cada país.

Em 1970, quando Brejnev praticava a política de “soberania limitada” Kim Il Sung expôs o conceito fundamental da independência com ainda maior clareza:

O estabelecimento da ideia Juche significa a adoção de uma boa atitude em relação à revolução e à reconstrução do próprio país. Significa manter uma posição independente, rejeitando o espírito de dependência em relação aos outros; significa ter confiança nos próprios líderes e nas nossas próprias forças e, mantendo um espírito revolucionário, resolver sempre os problemas assumindo nossa própria responsabilidade. Também significa adotar uma posição criativa, contrária ao dogmatismo. Os princípios universais do marxismo-leninismo e as experiências de outros países devem ser aplicadas de acordo com as condições históricas e características nacionais do nosso próprio país. A experiência histórica mostra que se o Partido se submeter às grandes potências, isso conduzirá ao declínio da revolução.

É importante sublinhar que o conceito de independência desenvolvido por Kim Il Sung se baseia na lealdade aos princípios revolucionários. Manter uma posição independente é, acima de tudo, confiar nas próprias forças para fazer a revolução e construir o socialismo, dando assim uma importante contribuição para a luta pela libertação do proletariado mundial. Não obstante, o Partido não pode vencer um inimigo poderoso, levar a cabo experiências sociais e resistir à pressão, à sabotagem e à intervenção imperialista se não educar o povo em um autêntico espírito marxista-leninista. Sem este espírito, o Partido não poderá sustentar-se sobre

seus próprios pés (ou seja, suas massas conscientes e organizadas) e, por conseguinte, não será capaz de manter o sistema socialista e sua independência face à interferência e agressão do mundo imperialista.

Podemos, também, dizer que durante o Grande Debate no movimento comunista internacional (1956-1964), o Partido do Trabalho da Coreia viu claramente o perigo do revisionismo, adotou uma posição independente e fez um esforço para manter a unidade do movimento comunista internacional.

Hoje, quando vemos certos antigos países socialistas restaurar a iniciativa privada e promover a invasão das multinacionais, é interessante recordar o que Kim Il Sung disse sobre o revisionismo em 1970:

O revisionismo é uma corrente ideológica oportunista, que tende a privar o marxismo-leninismo do seu espírito revolucionário. O revisionismo é prejudicial porque nega a linha marxista-leninista do Partido e a ditadura do proletariado. Opõe-se à luta de classes, faz com que as demarcações entre nós e o inimigo pareçam nebulosas e incertas e capitula face ao imperialismo estadunidense, assustado com a chantagem nuclear. É também prejudicial devido aos seus compromissos com o imperialismo, enquanto alega manter suas posições anti-imperialistas; desiste da luta anti-imperialista e busca acordos com este. O revisionismo significa espalhar o medo da guerra, ideias pacifistas burguesas e ilusões sobre o imperialismo e a reação em geral, com vista a desarmar o povo ideologicamente. Detesta os povos oprimidos e impede suas revoluções. Por fim, deve-se destacar que o revisionismo é ainda mais

prejudicial porque se opõe à disciplina da organização revolucionária; promove o liberalismo, incentiva o egoísmo e leva o povo à indiferença, à decadência e à indolência. Em resumo, é uma ideologia perigosa, que mina o socialismo e conduz à restauração do capitalismo.

Esta análise, estas predições revelaram-se exatas. E hoje devemos reconhecer que os oportunistas ignoraram estes alertas em nome da “luta contra o dogmatismo e o stalinismo”, para, passo a passo, retirarem-se para o campo do imperialismo, da guerra e do terror contra os povos.

No caminho de grandes convulsões no mundo

A nova burguesia na URSS proclamou sua ditadura política sobre a sociedade durante o XXVIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em julho de 1990. A partir deste momento, a intervenção política e o controle financeiro e econômico dos Estados Unidos e da Alemanha cresceram sistematicamente, conduzindo ao colapso da União Soviética e à criação de “repúblicas independentes” apoiadas pelo mundo imperialista. A aceleração do processo contrarrevolucionário foi saudada pela burguesia no Ocidente como uma “autêntica revolução” que garantiria a “paz, liberdade e democracia” para toda a eternidade.

Na Bélgica, todas as formações burguesas e pequeno-burguesas, dos fascistas aos socialdemocratas, dos ecologistas aos restos do moribundo “Partido Comunista”, todos saudaram tal “revolução de paz”, a “liberdade e democracia”. Passaram dois anos apenas e, no entanto, podemos ver facilmente que a contrarrevolução no Leste e na União Soviética não conduziu à paz, à liberdade e à democracia, mas sim à guerra, à opressão, à exploração e ao fascismo.

Pouco tempo depois de a URSS ter desertado para o campo ocidental, o imperialismo desencadeou uma guerra de agressão contra o Iraque, que provocou entre 150 mil e 250 mil mortes de civis e militares iraquianos. A manutenção do boicote econômico desde a guerra custou a vida de mais de 170 mil crianças até agora. Esta guerra criminosa revelou uma série de características novas nos métodos usados pelo imperialismo para dominar o Terceiro Mundo. As grandes potências imperialistas estão prontas a utilizar as mais sofisticadas tecnologias militares, como fizeram no Iraque, contra os países do Terceiro Mundo que ousem defender sua independência e soberania. Somos testemunhas do desenvolvimento de um terrorismo de Estado desumano e bárbaro.

A Guerra do Golfo nunca teve como objetivo salvar a independência do Kuwait, mas sim assegurar sua separação do mundo árabe, sua anexação como uma espécie de 53º Estado americano e o confisco por parte do Ocidente dos recursos petrolíferos do Oriente Médio.

“O dever de intervir” é o novo slogan com o qual o imperialismo nega a soberania aos países do Terceiro Mundo e desmantela o direito internacional, para o substituir pelos seus próprios regulamentos de tipo colonial, criando enclaves, estrangulando lentamente países com boicote econômico e organizando abertamente forças políticas pró-imperialistas.

As condições de rendição impostas ao Iraque provam que a recolonização econômica, em grande parte realizada nos anos 80, foi agora completada com a recolonização política e militar. Desta forma, estamos no processo de regresso à escravidão colonial.

Os partidos Democrata e Republicano nos Estados Unidos, os partidos democratas-cristãos, liberais, nacionalistas, conservadores e socialistas na Europa, tomaram parte nesta agressão. A democracia ocidental demonstra uma vez

mais desta forma que seu pluralismo funciona principalmente a favor das forças que apoiam a barbárie imperialista.

O Ocidente está pronto para mobilizar todo seu capital e toda sua tecnologia para aumentar a exploração e o terror. O imperialismo transformou-se em um sistema diabólico cuja existência é incompatível com a simples sobrevivência de milhares de milhões de pessoas no Terceiro Mundo.

Para esmagar um pequeno país de 18 milhões de habitantes no Terceiro Mundo, os Estados Unidos tiveram que mobilizar uma quantidade considerável de dinheiro e de forças armadas. Esta grande força destrutiva concentrada em um pequeno ponto do globo revela fraqueza no plano estratégico. Em um momento no qual a opressão e a miséria se tornam cada vez mais intoleráveis, desenvolvem-se favoravelmente as condições objetivas para um movimento revolucionário em grande escala. Arruinados e gemendo sob a pressão de uma crise após outra, os países do Terceiro Mundo oferecem algumas oportunidades para investimentos lucrativos. Por conseguinte, para conservar um sistema injusto, as potências imperialistas são obrigadas a recorrer, cada vez mais, à solução militar para a manutenção da ordem. O imperialismo nada tem a oferecer às massas do Terceiro Mundo e é alvo de um ódio crescente por parte dos povos.

Depois do colapso do socialismo no Leste, ideólogos famosos anunciaram que, a partir de agora, seria apenas o capitalismo a escrever a história. Contudo, o capitalismo aparece sob a forma de três grandes potências que se vigiam nervosamente umas às outras, prontas para empunhar suas armas. O mercado mundial, que agora se expande muito lentamente, tornou-se demasiado pequeno para acomodar os três “gangsters” insaciáveis – Estados Unidos, Japão e Alemanha.

Cada um mantém sua parte com a ajuda de investimentos colossais, sempre crescentes, aumentando a tendên-

cia para a baixa da taxa de lucro. As suas modernas instalações produzem em série enormes quantidades de produtos, que são absorvidos com dificuldade por mercados que quase não se expandem. A cada dia, surge um novo conflito comercial entre as três grandes potências nos setores da produção automotiva, do desenvolvimento da indústria aeronáutica e espacial, da química, das comunicações, etc. O mundo imperialista caminha lentamente para mais uma grande crise econômica e financeira.

Se as estruturas minadas do socialismo na Europa do Leste se desmoronaram tão depressa quando demora a demolição de um muro, a frágil estrutura do mundo capitalista pode ruir tão subitamente como a do seu adversário. Sob a pressão de três poderes que se confrontam entre si, o futuro do mundo capitalista apresenta-se sombrio.

Afirmou-se que o colapso do socialismo era a prova do perfeito estado de saúde do sistema capitalista e que proporcionaria ao capitalismo novas oportunidades de expansão. É verdade que a conquista do Leste pode acrescentar mais 5% à taxa de crescimento da economia germânica nos próximos anos. Mas, isto será feito à custa da destruição das estruturas econômicas do Leste e da antiga União Soviética, onde já se verificou uma queda de 20% do Produto Nacional Bruto no espaço de dois anos. Graças à livre iniciativa, cerca de dez milhões de trabalhadores, dos quais 2,2 milhões só na Polônia, já perderam seus meios de subsistência.

Os desempregados, que não se beneficiam de qualquer proteção social, e os pensionistas idosos encontram-se na miséria. Os números dos suicídios aumentam, tal como sobe a taxa de criminalidade. Desenvolve-se um capitalismo sem escrúpulos, criminoso, selvagem: aqueles que prometeram um “socialismo de rosto humano” trouxeram o capitalismo mais desumano que já conhecemos. Em 1989, o Ocidente es-

estimulou o êxodo dos alemães do Leste para desestabilizar política e economicamente a RDA. Aqueles que passaram a fronteira foram aclamados como “heróis da liberdade” pela imprensa burguesa. Hoje, há milhões de potenciais “heróis da liberdade” desses milhões de poloneses, húngaros, romenos que tentam fugir à pobreza e encontrar um trabalho no Ocidente. Agora, a mesma imprensa burguesa manifesta-se preocupada com o “perigo de uma invasão do Leste” e apela ao fechamento das fronteiras.

As “revoluções da liberdade” foram amplamente comemoradas. Certamente que a principal liberdade de um povo é a independência de qualquer dominação estrangeira. Em apenas alguns anos, os antigos países socialistas caíram em uma situação de crescente dependência econômica e financeira. O imperialismo dita suas leis, tal como o faria em qualquer país neocolonial do Terceiro Mundo. A União Soviética tinha um déficit nacional de 30 bilhões de dólares em 1985. Hoje atingiu os 80 bilhões e continua a aumentar. A nova burguesia fez o povo crer que o capital ocidental iria investir em seu bem-estar. Todavia, o grande negócio não correu riscos e limitou seus investimentos, comprando as melhores empresas a preços muito baixos. A riqueza nacional dos antigos países socialistas foi assim desbaratada.

O país que, sem dúvida, mais tem ganhado com estas vendas é a Alemanha, que também se beneficia das relações da RDA com os demais antigos países socialistas. A Alemanha é, de longe, o maior credor e o mais ativo comprador de empresas altamente lucrativas. É o mais importante parceiro comercial. Deste modo, graças ao seu domínio sobre a Europa do Leste, a Alemanha possui alguns trunfos na luta global que trava com os concorrentes japoneses e estadunidenses. Já dominante dentro da Comunidade Europeia, a Alemanha abre um novo campo imenso de exploração no Leste. Isto agudiza

as tensões entre este gigante dominador e os países menos sucedidos da Comunidade Europeia.

Em dois anos, a democracia nos antigos países socialistas, ou seja a democracia burguesa, promoveu a reabilitação dos líderes fascistas da Segunda Guerra Mundial: Stepan Bandera na Ucrânia, Tiso na Eslováquia, Antonescu na Romênia e Ante Pavelic na Croácia. A nova burguesia no Leste e na antiga URSS refugiou-se no chauvinismo e na ideologia nacionalista para granjear o apoio dos trabalhadores aos seus novos exploradores. As velhas formações nacionalistas e fascistas desenvolvidas sob o regime nazista regressam em força. A Iugoslávia já está devastada por guerras civis reacionárias. Guerras civis nacionalistas também estão em curso entre armênios e azeris, russos e moldavos. Graves distúrbios são preparados na Ucrânia.

Prevendo um colapso econômico, o caos total e a guerra civil na União Soviética, a Alemanha e a França, pressionam para a criação de um exército europeu, capaz de manter a ordem no Leste e em certas “repúblicas independentes”. Um envolvimento militar em tal pântano poderá ter consequências imprevisíveis, como demonstraram os acontecimentos que conduziram à Primeira Guerra Mundial nesta região.

No auge do triunfo, o capitalismo demonstra que nada tem mais a oferecer senão fome, repressão, agressão militar e destruição geral. Nas ruínas do socialismo derrotado, o capitalismo não pode oferecer senão desemprego, pobreza, superexploração, fascismo e guerra civil. Mesmo no coração do “mundo civilizado”, o capitalismo só pode prometer um futuro de desemprego e de regressão social, a qual deve se acrescentar racismo, crimes, fascismo e intervenção militar.

A traição dos revisionistas não pode encobrir de forma alguma a verdadeira natureza do capitalismo e do imperialismo. A verdadeira natureza do capitalismo revela um sistema sangrento e desumano, que no decurso da sua expansão

provoca contínuas crises econômicas, sociais, políticas e morais, as quais, à medida em que o tempo passa, se aprofundam, cada vez mais, em escala mundial.

A dura realidade deste mundo expôs totalmente a falsa arrogância do oportunismo.

Quando a burguesia proclama o colapso final do comunismo, se utiliza da triste bancarrota do revisionismo na Europa do Leste e na União Soviética para reafirmar seu ódio à inestimável obra realizada no passado por Marx e Engels, Lenin e Stalin. Ao fazê-lo, a burguesia pensa mais no futuro do que no passado. A burguesia quer nos fazer crer que o marxismo-leninismo foi enterrado para sempre, porque conhece muito bem a atualidade e a vitalidade da análise comunista na presente situação do mundo. Os quadros da burguesia também efetuam avaliações científicas sobre o futuro do mundo. Também predizem grandes crises, convulsões globais e guerras de todo o tipo. Ante o abismo do desemprego, da pobreza, da exploração e da violência, que se abre para as massas laboriosas em todo o mundo, só o marxismo-leninismo pode mostrar o caminho para a libertação nacional e social. Cabe aos comunistas de todo o mundo assumir este desafio.

*artigo **Balance of the collapse of the Soviet Union, on the causes of a betrayal and the tasks ahead for communists**, de 2 de abril de 1992*

Tiananmen, 1989: da deriva revisionista ao motim contrarrevolucionário

Seis meses antes dos acontecimentos de Timisoara o mesmo se passou em Tiananmen. Os meios de comunicação do mundo “livre” demonstraram ao mundo sua fisionomia macabra no momento da entrada em cena do “ossuário dos 4.630 cadáveres horivelmente mutilados” em Timisoara, já havia demonstrado seu compromisso político com a contrarrevolução, nos eventos da Praça Tiananmen em maio e junho de 1989. Na noite da intervenção do Exército Vermelho, imagens de televisão nos mostraram que tanques chineses reprimem as centenas de pacíficos estudantes na Praça Tiananmen. Em 5 de junho, a Anistia Internacional, máquina especializada em fabricar mentiras no que diz respeito à luta nacionalista e aos países socialistas, deu a cifra de no mínimo 1.300 mortos, com alguns estudantes esmagados por tanques sanguínários enquanto dormiam tranquilamente em suas tendas.

Domingo, 5 de junho, um trabalhador comunista em uma grande fábrica de automóveis gravou imagens em vídeo. “Esta noite revi essas imagens, por pelo menos vinte vezes. Cheguei à conclusão de que os comentários dos jornalistas eram falsos e que nas imagens não se via ninguém sendo esmagado pelos tanques”.

Mais tarde, a Anistia Internacional reconheceu que “se equivocou”. Porém, quantas pessoas, traumatizadas pela verdade sobre o comunismo chinês, “que pisoteia desapidadamente seus estudantes pacifistas sob os passos de seus tanques”, transmitida por estes violentos defensores dos direitos humanos, sabiam desta mentira?

Um ano depois dos acontecimentos de Tiananmen dispomos de suficiente informação confiável para elaborar uma análise de classes objetiva. Porém, para entender os interesses políticos e econômicos protegidos pelo “movimento pela democracia”, de abril a junho de 1989 em Pequim, encontramos três fenômenos negativos que vão se desenvolvendo entre 1979 e o ano fatal de 1989.

A ascensão do capitalismo e do revisionismo na China. Economia: a volta dos patrões

Falemos primeiro da esfera econômica. Os dez anos de reforma de Deng Xiaoping contribuíram para um progresso material inegável. Porém, também, vão aumentando a influência do capitalismo e do imperialismo na China, aumentando a base das novas classes sociais que aspiravam a uma contrarrevolução. A liberalização e a abertura das forças do mercado impulsionaram forças que se opõem ao socialismo que, cedo ou tarde, se lançariam a uma luta pelo poder. Sucedeu com o suposto “movimento pela democracia” na Praça Tiananmen.

A entrada do Imperialismo

De acordo com *Beijing Information*, a China havia firmado, no final de 1988, 16.325 ofertas de importação de capital estrangeiro em um total de 79,2 mil milhões de dólares. Deste montante, recebeu empréstimos de 33 milhões de dólares e 11,5 milhões de dólares em inversões diretas. Os maiores inversores são Hong Kong, com 8 milhões de dólares, Japão com 2 mil milhões e os Estados Unidos com 1,7 milhões.³¹

Com as inversões estrangeiras, os ideais econômicos do imperialismo mundial entraram na China. Assim, em 12 de

31. Informativo de Pequim, 6 de março de 1986, p. 21.

setembro de 1988, Zhao Zhiyang, deu boas vindas a Milton Friedman³² e elogiou suas ideias. Lee Iaccoca, o presidente de Chrysler, ministrou conferência sobre o espírito empresarial no Salão da Assembleia do Povo.³³ Segundo a agência de notícias chinesa, a Comissão para a Reforma do Sistema Econômico celebrada no final de 1988: “No marco da reforma da China, não há nada que não esteja aberto à participação estrangeira, como o estudo da transformação do sistema econômico”. No curso desse ano, a Comissão escutou a opinião de 1.500 especialistas estrangeiros, e concluiu que podia “aprender muito do desenvolvimento econômico do Ocidente”. Para a China foram enviados os especialistas ocidentais, especialmente no campo das finanças, no âmbito da gestão empresarial, da formação de preços, da política de inversão e do controle da inflação. Seus pontos de vista “apontaram uma contribuição positiva tanto prática como teoricamente para a reforma”.³⁴

A influência ideológica do Ocidente

Durante os últimos dez anos, dezenas de milhares de estudantes chineses estudaram nos Estados Unidos. O Partido Comunista da China estendeu o culto aos logros tecnológicos dos EUA e a sociedade de consumo estadunidense. As consequências negativas não se fizeram esperar. Centenas de milhares de intelectuais começaram a escutar as rádios do imperialismo: A Voz da América e a BBC.

32. Milton Friedman é um economista estadunidense, figura principal da Escola de Chicago e Prêmio Nobel de Economia em 1976. Criador da ultraliberal teoria monetarista, que defende o livre mercado frente ao investimento público. Entre suas obras está *Capitalismo e Liberdade*, de 1962.

33. *A China*, fevereiro de 1989, p.12.

34. *China Atual*, janeiro de 1989, p.19

Um periódico ligado ao governo dos EUA, escreveu sobre as manifestações em Pequim: “os participantes do movimento estudantil comunicavam-se com seus colegas da América do Norte e Europa por telefone, fax e correio eletrônico. O número de chamadas telefônicas entre os EUA e a China triplicou no mês de maio”.³⁵

Li Shaomin, um aposentado guarda vermelho e um ex-aluno de Pequim, um médico da Universidade de Princeton nos EUA, agora trabalha para a AT & T. sua posição é muito representativa da de muitos chineses que estudaram no Ocidente.

Muitos intelectuais chineses, incluindo eu, temos chegado a considerar Taiwan como um modelo para a reforma na China. (...) A propriedade privada e o livre mercado são os fundamentos da liberdade política. (...). As instituições capitalistas proporcionam a prosperidade e a liberdade, as instituições comunistas, a pobreza e o caos. (...) Com Taiwan como exemplo, a República Popular da China é mais propensa que outros países comunistas de refutar a doutrina marxista e realizar as reformas.

É por isso que Milton Friedman disse:

Eu sou mais otimista com respeito a China que a URSS. Os chineses têm este grande recurso da China de fora. O êxito dos chineses em Hong Kong, Singapura, Taiwan, há criado na China uma inspiração que o exemplo da Polônia, Hungria ou Iugoslávia não pode dar a URSS.

35. *Problemas do Comunismo*, setembro-outubro de 1989. Pag. 37.

Segundo uma enquete, levada a cabo por Li Shaomin entre 607 estudantes chineses nos Estados Unidos, 90% se manifesta favorável a supressão das referências ao marxismo-leninismo e a liderança do Partido Comunista na Constituição e 86% disse que a China tem que se basear na experiência de Taiwan, e 60% estava a favor de uma economia liberal no estilo de Taiwan.³⁶

O desenvolvimento de uma burguesia na China

Uma política razoável para um desenvolvimento limitado de um setor capitalista na China saiu do controle, terminando em uma maré de selvagem capitalismo privado. Segundo as estatísticas oficiais, em 1988, 22% da inversão imobiliária foi realizada pelo setor privado em um valor de 100 mil milhões de yuans, um aumento de 25% em relação ao ano anterior. O valor da produção industrial no setor privado registrou um aumento de 46% neste mesmo ano, a produção das empresas rurais, no mais muito próximas de uma empresa privada, se incrementou em 35%.³⁷

A publicação *Far Eastern Economie Review* estimou que, em 1988, 37% da produção industrial haviam caído no controle de setores privados, um percentual que tenderia a passar de 50% em 1993.³⁸ O *Business Week*, por sua parte, saudou, no momento em que os atos tinham lugar em Pequim, “o aparecimento de novas empresas prosperas na China. (...) As empresas privadas utilizam meios não autorizados para levantar dinheiro. (...) A nova China está asfixiando a China tradicional no domínio dos capitais ”.³⁹

36. *Orbis*, verão de 1989, p.327-335.

37. Informativo de Pequim, 6 de março de 1989, documento VIII.

38. *Far Eastern Economie Review*, 29 de maio de 1980. P. 18.

39. *Business Week*, 5 de junho de 1989, p. 21-22.

As forças por detrás do Movimento “Democrático”

O imperialismo e o capitalismo, muito presente na China no setor econômico, sustentaram o movimento supostamente democrático dos estudantes e dos “reformadores” do núcleo de Zhao Ziyang, com o fim de criar uma força política legal. Em maio de 1989, *Business Week*, escreveu: “muitos homens de negócio estrangeiros na China apoiam os reformistas na ideia de que um passo maior de liberdade na política só pode fortalecer em largo prazo, o comércio”.⁴⁰

O diário *The Guardian* assinalou: “é interessante observar que alguns apoios aos pontos de vista pró-democráticos vinha dos novos empresários ricos”.⁴¹ A *Far Eastern Economie Review* notava, sempre na mesma época de maio de 1989:

O mundo dos negócios de Hong Kong é favorável as solicitações dos estudantes para mais reformas e mais democracia. Os magnatas de Hong Kong, Li Kashing, Yk Pao y Stanley Ho expressaram publicamente seu apoio. A pressão para uma abertura política podia, segundo eles, ser muito positiva para o futuro do capitalismo na China”.⁴²

Política: a alavanca da Democracia Burguesa

O segundo fenômeno que marcou a evolução da China entre 1979 e 1989 se encontra no campo político, que viu o surgimento de uma nova força contrarrevolucionária.

40. *Business Week*, 5 de junho de 1989, p. 21-22.

41. *The Guardian*, 10 de maio de 1989, por Cliff Du Rand.

42. *Far Eastern Economie Review*, 1º de junho de 1989, p.66.

No momento em que China apostou no desenvolvimento de um setor capitalista e na introdução de multinacionais, vimos surgir, no âmbito político, as primeiras forças antissocialistas. Em 1979, Pequim vê como no “muro da democracia” se plasmavam todos os tipos de tendências anticomunistas. Em 9 de março de 1979, um famoso mural anunciava “lutamos para que a China cumpra com os verdadeiros direitos humanos e a verdadeira democracia”, mostrando assim as bandeiras sob as quais os comunistas marchariam nas próximas décadas. Assim, os “direitos humanos” e a palavra “democracia” são utilizadas pelo imperialismo para ocultar a mercadoria ideológica que põe a venda. Os principais pontos do programa que lançou este periódico mural são os seguintes:

Em primeiro lugar,

Apoiamos o estudo da cultura e da civilização inspirada pelo espírito de Cristo, nós propomos tomar o exemplo dos sistemas democráticos baseados nos ensinamentos do cristianismo”. Depois “reclamamos o abandono das noções antiquadas de Mao Tsé-Tung, para revisar os princípios do marxismo, que não estão de acordo com a realidade e a abolição da luta de classes.

Em terceiro lugar, “pedimos que o Partido Comunista, que é ele do próprio de Mao Tsé-Tung, seja o Partido de todo povo”.

E, por último, “chamamos o Partido Comunista Chinês e o Kuomintang a colaborarem novamente nas novas condições históricas”.⁴³

Wei Jing-Sheng, o pequeno Le Pen chinês

Wei Jing-Sheng é o homem que, entre 1978 e 1979, sustentou com maior força as concepções políticas do imperialismo. Conquistou certa fama na direita ocidental dizendo que a China necessitava de uma quinta modernização: a democracia. O que se esconde na palavra “democracia” é evidente quando uma pessoa se presta ao sacrifício de ler o programa de Wei. Essas são suas teses:

(...) as democracias burguesas ocidentais permitem que os cidadãos possam expressar sua vontade através das eleições e decidir o futuro do país (...) Esta é a razão pela qual nenhum político burguês pode ignorar as opiniões das pessoas sobre qualquer tema. (...) A base sobre a qual se manteve os governos democráticos é o sistema da livre empresa. (...) No Ocidente, trabalhadores poderiam enviar delegados operários aos conselhos de administração, ocupando ali a metade dos postos. (...). Na rivalidade que opõe capital e trabalho, os trabalhadores estão, de fato, em melhores condições num sistema onde a maioria pode decidir a política. (...). Faço um chamado aos que pensam assim para se pôr atrás dessa bandeira de democracia. O socialismo marxista é, sem exceção, uma ditadura antidemocrática. (...). Temos que canalizar nossa ira contra esse sistema

43. Lawrence Macdonald, Jean Christophe Tournebise, *Le Dragon et la Souris*, Bourgeois, 1987. Pag. 84. *Le Printemps de Pékin*, Gallimard, 1980, p.69-71. Le dégel, 9 de março de 1979.

de justiça criminal que trata o povo desta forma tão escandalosa.⁴⁴

Os estudantes contra o Socialismo

Estas ideias contrarrevolucionárias, defendidas em 1979 por Wei e um pequeno círculo de amantes do imperialismo, encontraram um crescente eco entre os intelectuais nos anos posteriores. As causas são muitas. O Partido Comunista terminou praticamente com a educação marxista-leninista entre os estudantes. Deixou de lutar contra as concepções políticas do imperialismo. O liberalismo, a corrupção e o enriquecimento ilícito se estenderam entre algumas frações do partido.

Quando, entre 1985 e 1986, um movimento estudantil se desenvolveu nas grandes cidades chinesas, “as emissões de *A Voz da América* desempenharam um papel determinante”, como confirmaria um jornalista norte-americano expulso da China por atividades de espionagem.⁴⁵ Por ocasião destas primeiras ações estudantis, o professor Fang Lizhi declarou que a China tinha que abandonar o marxismo, roupa velha e de segunda mão. Wag Ruowang reclamou uma “reavaliação completa do desastre criado por Mao Tsé-Tung”.

Lui Binyan denunciou “a ditadura feudal-fascista” do Partido Comunista e afirmou que o capitalismo era superior ao socialismo.⁴⁶ Tais afirmações encontraram um grande eco na fração dos estudantes e intelectuais que tinham como modelo as elites dos países imperialistas e neocoloniais.

Durante os anos de 1987 e 1988, estes elementos, alimentados diariamente pelas emissões de *A Voz da América*,

44. *De papieren lente*, Aula-paperback 64, Het Spectrum, 1981, p.96-97; 123; 128.

45. Lawrence Macdonald/Jean Christophe Tournebise, *Le Dragon et la Souris*, 1987, p. 84.

46. Ibidem, p. 204-205; 229-230.

podiam difundir amplamente suas ideias nas universidades: o Partido não fazia ali nenhum trabalho político digno desse nome.

No ano de 1988, os núcleos contrarrevolucionários prepararam ações de massa para celebrar os três aniversários que deviam brilhar no ano seguinte: o 70º aniversário do Movimento Quatro de maio⁴⁷, o 200º aniversário da Revolução Francesa e o 40º aniversário da Revolução Chinesa. Assim, em 6 de janeiro de 1989, Fang Lizhi escreveu uma carta a Deng Xiaoping na qual mencionava estas três comemorações e pedia que estes acontecimentos fossem celebrados com a libertação de Wei Jing-Sheng, indicando com clareza a plataforma política com a qual pensava atuar. Seguindo a Fang, 33 intelectuais repetiram em uma carta aberta a reivindicação de libertação de Wei. Entre os assinantes, Su Shaozhi, que foi um alto funcionário, até 1987, do Instituto de Marxismo-Leninismo e do Pensamento Mao Tsé-Tung. Em princípios de março de 1989, 42 personalidades dos meios científicos e acadêmicos, entre os quais se encontravam vários membros da Assembleia Popular, assinaram outra carta aberta que também exigia a libertação de Wei. Esta maré de cartas, orientada sobre Wei e suas ideias políticas, suscitam muitas discussões entre os estudantes. Assim foi como começou a preparação política do protesto de abril e maio de 1989.

O Partido as vésperas da ruptura

O terceiro fenômeno foi fundamental no surgimento do movimento de Pequim: a divisão interna do Partido Comunista da China e o crescimento de uma facção revisionista muito influente.

47. Movimento de protesto dirigido pelos estudantes de Pequim após a segunda guerra mundial. Os manifestantes que chegaram a Praça Tiananmen se queixavam que a China não assinara o Tratado de Versalhes.

Hu e Zhao, o casal revisionista

Hu Yaobang, nomeado Secretário-geral do Partido em 1982, foi o representante mais destacado desta corrente. Em 1981, seu grupo denunciou “a teoria segundo a qual as classes e a luta de classes existem durante todo período socialista, existindo a burguesia no interior do Partido Comunista”.⁴⁸

Quatro anos mais tarde, Hu declarou: “tomamos a decisão de não utilizar a partir de agora a expressão elemento antipartido e antissocialista”.⁴⁹ Hu assegurava, com estas teses, a tranquilidade aos elementos podres, aos burocratas, aos corrompidos e aos revisionistas. Em 1988, Hu foi substituído por um de seus cúmplices na facção revisionista, Zhao Zhiyang.

Para assinalar a virada ideológica, Beijing Information escrevia em 1988: “Khrushchev conheceu um ressurgimento de popularidade na China”; e “Stalin foi um ditador, em absoluto um revolucionário”. Houve um apogeu das traduções para o chinês da literatura antistalinista publicada esses últimos anos na URSS, entre as quais figuravam as memórias do professor de Stalin. Quando alguém começa a denegrir Stalin é necessário entender a verdadeira mensagem que querem passar. Assim, o professor Lu Congmig, da Escola do Partido que dependia do Comitê Central, aspirava que “a natureza de nossa época mude à medida que se passe da etapa imperialista à do capitalismo social”.⁵⁰

É o perigo da negação do imperialismo, tanto para o Terceiro Mundo como para a China! E prosseguia:

48. *Beijing Information*, 2 de novembro 1981, p.21.

49. Lawrence Macdonald, op. cit, p.34.

50. *Beijing Information*, 9 de janeiro de 1989, p.21-23.

o capitalismo desenvolvido pode produzir elementos socialistas e passar ao socialismo de forma pacífica. (...). Tanto a economia socialista como a economia capitalista são economias de mercado socializadas. (...) O capitalismo contemporâneo é um bom modelo para o mercado socializado.

Quando escutamos barbaridades como estas, compreendemos o furor de Mao Tsé-Tung que, em plena Revolução Cultural, criticava as “misturas dos revisionistas e contrarrevolucionários”.⁵¹

O professor Lu Lanza depois de um panegírico do capitalismo:

vemos ali uma mudança da propriedade dos meios de produção, a propriedade social substitui a propriedade privada. Por outro lado, assistimos à participação dos operários na gestão da empresa. O macrocontrole do Estado sobre a economia é, de fato, o princípio da economia planificada. A nova repartição das rendas pelo governo e o desenvolvimento da seguridade social contribuem para debilitar as diferenças entre ricos e pobres.

Este revisionista apresenta o capitalismo como uma sociedade que já realizou as promessas do socialismo; e depois predica para a China uma política capitalista como melhor forma de desenvolver o capitalismo. Que curioso parentesco ideológico entre Wei, sempre na prisão, e o professor Lu, que ensina aos quadros superiores do Partido!

51. Circular do Comitê Central de 16 de maio de 1966.

A situação se torna mais grave quando a mesma orientação política é expressa por Zhao Zhiyang, que em 1988 afirma:

O Partido Comunista Chinês vai trabalhar conjuntamente com o Kuomintang da China para a reunificação em breve prazo. Os dois lados do estreito (isto é, China e Taiwan) tem muitíssimo em comum desde o ponto de vista político, econômico e cultural. Ambos desejam a cooperação, o desenvolvimento conjunto da economia nacional, melhorar o nível de vida e uma China próspera, poderosa e moderna".⁵²

Esta concepção da convergência entre a China socialista e Taiwan, o reino das multinacionais e do capitalismo selvagem, mostra o correto da observação de Milton Friedman: os grandes capitalistas chineses de Taiwan, Hong Kong e Singapura empurram o continente até a restauração capitalista.

O enfrentamento no seio do Partido

Para compreender o enfrentamento político de maio e junho de 1989 na Praça de Tiananmen é necessário considerar que em janeiro de 1987 começou uma primeira luta importante no seio do Partido Comunista da China. O movimento estudantil de 1986, diretamente inspirado e dirigido por Fang Lizhi, atacou as bases do socialismo na China. Deng Xiaoping que, até esse momento, seguira firmemente ao revisionista Hu Yaobang, mudou então de opinião. Em 28 de setembro de 1986, declarou:

52. Ibidem. Pag.242.

Em Hong Kong e em Taiwan, correntes de opinião procuram lutar contra os quatro princípios fundamentais (o marxismo-leninismo e o pensamento Mao Tsé-Tung, a via socialista, a ditadura popular e a direção do Partido Comunista) e predicam a via capitalista para dar a impressão de que assim lograremos a modernização do país. De fato, esta liberalização simplesmente nos levaria a via capitalista”.⁵³

Em 19 de janeiro de 1988, Po Yipo apresenta, ao birô político, um informe no qual critica o trabalho de Hu Yaobang.

Hu Yaobang animou a elementos ativos que advogavam pela liberalização burguesa e adotou uma posição condescendente e de proteção ante eles. Tudo isto levou diretamente a que nos reivindicassem a supressão dos quatro princípios fundamentais e a passagem para uma ocidentalização integral e por um sistema político e econômico capitalista”.⁵⁴

A queda de Hu Yaobang debilitou ao núcleo revisionista na direção do Partido. Contudo, Deng Xiaoping nomeou a outro representante da mesma corrente, Zhao Zhiyang como novo secretário-geral.

Porém, no transcurso da luta que leva a queda de Hu, as posições da esquerda do Partido recebem um eco crescente. Chen Yun declarou: “a fonte da liberalização burguesa se encontra no setor econômico. Uma economia planificada é

53. Lawrence Macdonald, op. cit., p.238.

54. Ibidem, p.242

socialista, uma economia de mercado é capitalista e promover uma economia de mercado é promover o capitalismo".⁵⁵

Denunciando a via capitalista, Chen Yun critica também a corrupção que estava associada a ele:

Os dirigentes do Partido têm que dar exemplo ao povo. Devem estar à frente da luta pela eliminação da corrupção da classe capitalista e as negativas tendências que se originam da mesma. Muitas empresas são dirigidas por familiares próximos dos dirigentes. Isto é um problema muito grave".⁵⁶

Em 1988, Zhao Zhiyang, o novo Secretário-geral, continua protegendo aos grupos revisionistas colocados por Hu Yaobang na direção de certas instituições do Partido, permitindo-lhes, inclusive, estender sua influência. Em 1986, o colaborador mais próximo de Zhao, Bao Tong, autorizou a criação, em Pequim, dos Fundos para a reforma e a abertura da China, financiado por Georges Soros, um importante homem de negócios estadunidense.⁵⁷ O grupo de Zhao Zhiyang defendia o seguinte ponto de vista, expresso por intelectuais chineses residentes nos Estados Unidos: "acreditamos que uma mudança no sistema de propriedade do Estado não só é uma necessidade histórica, mas que é realizável na prática. Nosso projeto é este: organizar um programa global de privatização do sistema de propriedade estatal".⁵⁸

Em novembro de 1988, Li Yining, professor da Universidade de Pequim e colaborador próximo de Zhao, reafirma:

55. *The China Quarterly*, junho de 1988, p.182.

56. *The Mirror Monthly*, abril de 1989, p.22-24, em *Inside Mainland China*, junho de 1989, p. 7.

57. *Problems of Communism*, setembro-outubro de 1989, p.19.

58. *Wide Angle Monthly*, 16 de abril, p.62-65, em *Inside Mainland China*, junho de 1989, p. 14.

“o objetivo final é a criação de mercados bem geridos, de tipo capitalista, para bens, finanças, trabalho e viveres”.⁵⁹

Esta posição é confirmada por outro colaborador de Zhao, Chen Yi-zi: “Zhao estava convencido de que uma economia planificada de tipo stalinista não podia fazer avançar a China e que era necessária uma economia de mercado”.⁶⁰

É interessante notar um último ponto. No momento das manifestações estudantis, um jornal de Hong Kong escreveu: “Zhao solicitou a uma comissão preparar uma proposta de reforma política que incluísse ideias para multipartidarismo e uma imprensa independente”.⁶¹

O multipartidarismo na China significa, antes de tudo, a legalização do Kuomintang, o partido fascista no poder em Taiwan. No relativo à imprensa “independente”, dependeria totalmente dos meios financeiros de Taiwan, de Hong Kong e dos Estados Unidos. Porém, com sua opção pelo multipartidarismo, Zhao é aclamado no Ocidente como um democrata. E, contudo, é precisamente o grupo de Zhao Zhiyang que reclama, no final de 1988 e início de 1989, um “novo autoritarismo” para levar adiante as reformas capitalistas. Reproduzimos o que Zhao disse a Deng Xiaoping em 6 de março: “um país subdesenvolvido que quer modernizar-se tem que passar por uma certa etapa em que precisa do impulso de um governo forte e autoritário”.⁶²

Está claro: para fazer voltar a democracia burguesa e a liberdade de mercado, faz falta um governo autoritário e capaz de vencer as resistências a restauração capitalista.

No final de dezembro de 1988, a luta entre os revisionistas e os marxista-leninistas alcançou um segundo auge.

59. *International Herald Tribune*, 2 de novembro de 1988.

60. *Le Monde*, 8 de setembro de 1989.

61. *Problems of Communism*, setembro-outubro de 1989, p. 19.

62. *Pai-hsing Semi-monthly*, 16 maio de 1989, p.25 em *Inside Mainland China*, julho de 1989, p. 22;

Uma pessoa pr3xima de Zhao Zhiyang reune trezentos intelectuais em um semin3rio no qual os “reformadores” c3lebres do Partido, como Yan Jiaqi e Su Shaozhi, tomam a palavra para denunciar as campanhas passadas contra o liberalismo burgu3s. Os textos, uma impetuosa defesa do capitalismo, s3o publicados posteriormente no *World Economic Herald* de Shangai. Em seu editorial, o per3dico precisa: “h3 que tomar valentemente o exemplo das formas democr3ticas modernas desenvolvidas no capitalismo ocidental”.⁶³

Esta agitaç3o de direita por parte dos intelectuais reformadores do Partido influenciou diretamente os meios estudantis da capital. Chen Yun declarou nesse momento que “toda a frente ideol3gica est3 ocupada pela burguesia, n3o restou nada de prolet3rio”.

Wang Zhen e Po Yipo insistem, por tr3s vezes e na companhia de Deng Xiaoping, na necessidade de substituir Zhao Zhiyang do posto de Secret3rio-geral. Em março de 1989, Li Sien-nien vai 3 casa de Deng para insistir de novo na necessidade desta demiss3o, que poderia realizar-se na quarta seç3o plen3ria prevista para as pr3ximas semanas.⁶⁴ O movimento estudantil se p3e em marcha em abril em meio a esta luta dentro do Partido Comunista.

O que realmente querem os estudantes de Pequim

Nossos meios de comunicaç3o nos contaram que os estudantes de Pequim se manifestaram por reivindicaç3es democr3ticas e contra a corrupç3o, e que de nenhuma maneira queriam derrubar o regime socialista. Como prova at3 cantavam a Internacional. Pode existir prova mais brilhante de que sob o socialismo a democracia 3 imposs3vel? Uma camarilha

63. *Problems of Communism*, setembro-outubro de 1989, p 4.

64. *Problems of Communism*, setembro-outubro de 1989, p.4-5.

de velhos burocratas, que se sentem superados, destroem com um banho de sangue um movimento inocente e ingênuo.

Toda a direita, desde o PSC (Partido Social-Cristão) até o Vlaams Blok (Vlaams Belang desde 2004), nos apresentam esta versão. Os trotskistas realizaram uma atividade febril, após a repressão do movimento pró-imperialista, para conseguir que a esquerda belga defendesse os “estudantes”. Reclamaram apoio de centenas de progressistas a uma petição que dizia que os estudantes “exigiam, de fato, uma democracia no socialismo” que também declarava que “o pretexto de que a contrarrevolução estava levantando a cabeça é inaceitável”.⁶⁵ Pelo contrário, nós afirmamos que, atuando desta forma, os trotskistas estavam comportando-se como verdadeiros agentes do imperialismo estadunidense e do fascismo de Taiwan. O leitor jugará se esta acusação é fundamentada ou não.

Uma Revolução contra o Socialismo

Qual o caráter e a natureza do movimento de Pequim? Horas após a intervenção do Exército, em 4 de junho de 1989, Shaw Yuming, porta-voz do governo de Taiwan, declarou:

(...) ainda que algumas pessoas acreditem que este movimento estudantil representa só uma luta no seio do sistema e um movimento revolucionário dirigido contra o Partido Comunista, temos que sublinhar que, se se examinam bem as coisas, vemos que seu lema “democracia ou morte” e o fato de erigir uma estátua da “deusa da liberdade” sobre a Praça Tiananmen, comprova de maneira evidente que lutavam por uma democracia ao estilo ocidental.⁶⁶

65. Petição contra a repressão na China, Annemie Desmedts, Socialisme Sans Frontières.

66. *The Free China Journal*, 8 de junho, 1989, p. 2.

Duas semanas mais tarde, o porta-voz do governo de Taiwan informa a um jornalista japonês:

Senhor Yuan Mu, o porta-voz do governo de Pequim afirmou que os manifestantes buscavam derrubar o regime socialista (...) Dizia a verdade. Certas pessoas, como Fang Lizhi e outros intelectuais, são perfeitamente conscientes do que exigem. Porém, muitas pessoas pediam só algumas mudanças; não conheciam as implicações lógicas do que reclamavam (...). Em uma revolução uns são chefes e outros seguidores. Os chefes sabem o que querem, porém, os seguidores têm só uma vaga ideia do que fazem. Muitas pessoas que estão na Praça Tiananmen pensavam que pediam apenas algumas mudanças, porém não sabiam que se tratava de uma revolução para sair do sistema.⁶⁷

Em algo, o Partido Comunista da China e o partido fascista de Taiwan concordam. Uma questão importante: o movimento “democrático” de Pequim tem absolutamente um caráter contrarrevolucionário.

O programa de Fang Lizhi

Para julgar se esta avaliação está correta, é importante analisar, com toda objetividade, o programa político preparado pelo núcleo da Praça Tiananmen.

O movimento, previsto originalmente para 4 de maio de 1989, foi preparado durante todo o ano de 1988. No início de 1989, Fang Lizhi, o pai espiritual indiscutível do movimento, visita as capitais ocidentais com o objetivo de receber

67. *Sinorama*, Taipei, vol. 14, nc8, agosto de 1989, p. 55.

apoio para o iminente movimento. No *Libération* de 17 de janeiro de 1989, Fang Lizhi publicou um artigo intitulado “A China necessita de democracia”, consigna repetida depois pelo movimento estudantil de Pequim. Denegrindo os 40 anos da construção socialista, Fang Lizhi declarou: “a lógica só leva a uma conclusão: as desilusões dos últimos 40 anos devem ser atribuídas ao sistema social (...). O socialismo, em seu modelo Lenin-Stalin-Mao, foi completamente desacreditado”. Partidário da introdução das leis do capitalismo na China, acrescenta:

pode uma economia livre ser compatível com o modelo especificamente ditatorial do governo chinês? Um olhar sobre a China de 1988 prova que a única resposta é não. A China difere de outros países porque seu sistema de ditadura não suporta uma economia totalmente livre. E isto porque a ditadura socialista está intimamente vinculada a um sistema de ‘propriedade coletiva’ e ideologia fundamental é antagônica aos direitos de propriedade requeridos por uma economia livre.

Fang Lizhi continuava precisando que entendia a expressão “liberdade de imprensa” como a liberdade de expressão para a ascendente classe dos capitalistas chineses: “o editor de um jornal de Cantão escreveu recentemente que a função do seu jornal era escrever, não em nome do Partido, mas sim no da classe média emergente de Cantão.”

E para concluir seu artigo, Fang Lizhi precisou a tática que havia de seguir, inspirado amplamente pelas experiências polaca e húngara:

a democracia é algo mais do que um slogan: exerce uma pressão consubstancial a ela. O objetivo desta pressão é obrigar as autoridades, progressivamente através de meios não violentos, a aceitar mudanças na direção da democracia política e da economia livre.⁶⁸

No momento em que o suposto movimento pela democracia foi lançado sobre Pequim, seus diferentes porta-vozes, quando negociavam as perspectivas s e políticas da China, só repetiam essas orientações.

Esta declaração-programa de Fang Lizhi mostra todo seu alcance quando se examina, paralelamente, a política declarada por Taiwan. Recentemente, o primeiro-ministro de Taiwan, Lee Huan, manifestou, antes de seu governo, a linha de atuação. Segundo Lee Huan, Taiwan “só levou a cabo uma ofensiva política sobre o continente, porque uma ofensiva militar exigiria sacrifícios demasiado elevados e custaria demasiados danos.”⁶⁹

E nos documentos do Kuomintang, as linhas diretrizes seguintes:

seguir ativamente o trabalho ideológico sobre o continente com o fim de combater a estratégia do Partido Comunista. Eliminar a ditadura marxista-leninista no continente. Destruir a ditadura de partido único do comunismo na China. Permitir a propriedade privada da terra e o desenvolvimento da empresa privada.⁷⁰

68 **Libération**, 17 de janeiro de 1989, p.5.

69 **Echos de la République de Chine**, 21 de junho de 1989, p. 1.

70 **The Free China Journal**, 22 de março de 1990, p.5; **Echos de la République de Chine**, *Ibidem*.

A Federação para a Democracia e o Kuomintang: coincidências

Três meses após a repressão do movimento, seus principais líderes se reencontram em Paris para criar a Federação para a Democracia na China. Elegem sua direção: Yan Jiaqi, principal dirigente dos intelectuais da Praça Tiananmen, Wuer Kaixi, próximo a Zhao Zhiyang e principal dirigente estudantil e Wan Runnan, um dos mais importantes capitalistas da República Popular.

O programa adotado pela Federação não se distingue em nada do perseguido pelo Kuomintang. A federação dos “democratas” denunciou que o Partido Comunista criou um

sistema onde, o totalitarismo stalinista se une ao despotismo oriental”. Afirma que “a tolerância do povo chinês, no que diz respeito ao Partido Comunista, alcançou limites extremos”. Seus objetivos principais são formulados assim: “desenvolver a economia de iniciativa privada e acabar com a ditadura de partido único”.⁷¹

Desde o momento em que o programa foi publicado, o paralelismo entre a política dos fascistas de Taiwan e os dirigentes de Tiananmen teriam que alarmar a todos progressistas e anti-imperialistas. Desde então, as posições destes dos grupos anticomunistas não fizeram outra coisa que senão coligar-se. Em primeiro lugar, tanto o Kuomintang como a Federação para a Democracia buscavam derrubar o Partido Comunista, apoiando-se nas forças da alta burguesia de Taiwan, dos Estados Unidos, de Hong Kong e de Singapura.

Ante um auditório em São Francisco, Shaw Yuming, diretor geral de informação do governo de Taiwan declarou:

71. Manifesto da FDC, Paris, 26 de setembro de 1989.

o governo de Taiwan acompanhou de perto o movimento estudantil desde o primeiro momento e estudou diversas contra estratégias. Sem embargo, para não dar nenhum pretexto aos comunistas chineses para suprimir o movimento, devemos adotar uma atitude extremamente prudente. (...) Nossa esperança é utilizar o modelo de desenvolvimento de Taiwan como base para alcançar nosso objetivo: a reunificação da China baixo um sistema livre e democrático. (...) Os chineses do continente, de Taiwan, de Hong Kong, de Macau, dos EUA, do Canadá, da Europa e da região oriental da Ásia chegaram ao consenso, depois da matança de Tiananmen, de acabar com a tirania dos comunistas chineses.⁷²

Esta orientação política de Taiwan é repetida praticamente palavra por palavra pelo porta-voz dos intelectuais do movimento de Pequim, Yan Jiaqi. Em 28 de julho de 1989, por ocasião da primeira sessão do Congresso dos Estudantes Chineses nos EUA, em Chicago, declarou:

as contribuições devem vir dos chineses do ultramar. Os comunistas chineses podem controlar o povo com tanques, porém não podem suprimir a empresa privada fora da China. A democracia depende da expansão. A formula de que Taiwan tivera um governo democrático baixo a direção da República da China não é bem-vinda. O importante não é que a China está dividida entre forças socialistas e capitalistas, mas sim que umas são ditatórias e outras democráticas. Para nós,

72. *The Free Journal*, 10 de agosto de 1989.

qualquer um que apoie a ditadura é nosso inimigo e qualquer um que se oponha a ditadura é nosso amigo. O povo de Taiwan vê com esperança a bandeira democrática. Isto, penso, é a base fundamental para a reunificação de Taiwan e da China continental.⁷³

A segunda coincidência: o Kuomintang e a Federação para a Democracia, os dois, denigrem a experiência socialista na China desde a libertação em 1949. A pergunta dos jornalistas: “você acredita que os chineses idealizam muito os primeiros anos do comunismo? ”. Yan Jiaqi responde:

Não! O começo dos anos 50 é a época em que o Partido Comunista instala as bases do seu poder, que perseguia aos partidários do Kuomintang de Chiang Kai-shek, em que expropriava aos capitalistas a plena luz do dia, no campo, repartia a terra entre os camponeses expropriando os bens imóveis dos proprietários. Esta época em que o Partido Comunista começava sua primeira campanha contra os intelectuais e todas as pessoas que pensavam de forma diferente.⁷⁴

Sua argumentação é retirada da tese dos fascistas do Kuomintang que pretendem que, desde a chegada ao poder, o Partido Comunista levou a cabo uma política “criminosa”. A terceira coincidência: todo o discurso do Kuomintang, como ocorre com a Federação para a Democracia, está orientada sobre uma base central: a empresa privada, o capitalismo selvagem. O secretário-geral da Federação para a Democracia na

73. *The Free Journal*, 14 de agosto de 1989.

74. *The Nation*, New York, 23 de abril de 1990, p.563-564.

China é o milionário Wan Runnan, ex-diretor geral da sociedade de equipamentos eletrônicos Stone, uma das empresas privadas mais importantes da China. Tinha um benefício aproximado de 50 milhões de dólares anuais. Em fevereiro de 1990, Wan Runnan apresenta suas impressões a revista *Boletim de Sinologia*, editada em Hong Kong: “Wan Runnan acredita que a ditadura de partido único constitui um freio para o desenvolvimento econômico. Defende instauração, na economia, de um sistema de propriedade privada e, na política, sistema pluralista”.⁷⁵

Perante a City University de New York, Wan Rumman declarou: “uma solução simples para os problemas da China consiste em privatizar a propriedade, fazendo possível a emergência de uma classe média”.⁷⁶

Yan Jiaqi confirma esta opinião definindo que uma economia socialista é a base do totalitarismo, ideia central de Fang Lizhi. “Se a China não adotar um sistema de propriedade privada na economia, estará condenada ao totalitarismo e ao controle do pensamento”.⁷⁷

Seu “pacifismo” era uma mentira: aqui estão as provas

Hu Yaobang morreu em 15 de abril de 1989. O setor direitista dos estudantes de Pequim aproveitou isto para reivindicar que a tendência de Hu, cuja orientação liberal pró-imperialista é bem conhecida, tivesse a direção absoluta do Partido e que os últimos representantes da linha marxista-leninista fossem eliminados. O primeiro requisito desta direita é a restauração dos méritos de Hu Yaobang, criticado em

75. *Bulletin de Sinologie*, Hong-Kong, fevereiro de 1990, traduction de Solidarité Etudiants Chinois, maio de 1990, L-L-N, p.5.

76. *The Nation*, New York, 23 de abril de 1990, p.563-564.

77. *Libération*, 2 de outubro de 1989.

1987, e a reabilitação política de todos os seus partidários excluídos do Partido, cuja figura principal é Fang Lizhi, o célebre adorador do imperialismo americano e do regime de Taiwan. Em 24 de abril, este núcleo de estudantes anuncia a formação de um comitê preparatório da Federação Nacional dos Estudantes e sua ruidosa defesa do *Solidariedade* indica a intenção de construir um centro político legal capaz de reunir todas as forças anticomunistas.⁷⁸

Como resposta, o Birô Político do Partido Comunista denunciou em 26 de abril “uma conspiração organizada” e “uma agitação que intenta acabar com a direção do Partido Comunista e com o regime socialista”.

Em 2 de maio, o grupo estudantil envia uma petição ao Partido em que afirma responder a oferta de diálogo feita pelo governo. Quando se estuda isto cuidadosamente, se comprova que este grupo não busca de nenhuma maneira o diálogo, senão o enfrentamento e que seu fim último é a derrubada do Partido Comunista. No primeiro ponto, demandam “a igualdade absoluta” entre as duas partes, os estudantes e as autoridades nacionais, com a presença dos mais altos responsáveis do Partido e do Estado. Os estudantes devem ser representados pela Federação Autônoma dos Estudantes, o que implica o reconhecimento oficial das organizações antissocialistas. O grupo demanda também que o encontro seja retransmitido integralmente pela televisão, facilitando assim a implantação da organização anticomunista no conjunto do país.⁷⁹

Compreendendo perfeitamente o sentido político da tática, uma revista do governo norte-americano declara: “se esta petição fosse conceito, os estudantes obteriam a legali-

78. *Problems of communism*, The Tiananmem massacre, p.6.

79. [nota ilegível no original]

zação da primeira organização política completamente independente da história da República Popular e a negação dos quatro princípios fundamentais de Deng Xiaoping”.⁸⁰

As peregrinações à Taiwan

Recentemente, a Federação para a Democracia na China, através de seu presidente Jan Jiaqi, deu a conhecer uma estratégia em quatro fases: a) primeira fase: a queda de Li Peng. b) segunda fase: revisão do juízo sobre a natureza do movimento de Pequim. c) terceira fase: volta dos dissidentes e reforma da constituição na direção de um sistema pluripartidário como o da Polônia, Hungria e União Soviética. d) quarta fase: estabelecimento de um sistema federal e eleições multipartidárias, com a participação do Partido Comunista, o Kuomintang e a Aliança Democrática.⁸¹

Quando menos, nesta lista de intenções, o objetivo estava claro: a volta do velho partido fascista e a chegada de um novo partido criado nos Estados Unidos por agentes chineses da CIA.

Quando, meses depois da repressão do movimento a favor do imperialismo de Pequim, afirmamos que ele foi dirigido por contrarrevolucionários e que pretendiam estabelecer o regime de Taiwan na China, os trotskistas se fizeram de indignados. Mandel teve o atrevimento de escrever: “a vitória dos estudantes havia reforçado a base do socialismo na China. Seu esmagamento por uma camarilha de despostas militares foi um duro golpe ao socialismo”.⁸²

80. *Problems of Communism*, setembro-outubro de 1989, p. 25.

81. *Problems of Communism*, setembro-outubro de 1989, Chinese Democracy.

82. *Rood*, 20 de junho de 89, p.7.

Agora vimos todos os protagonistas do suposto movimento democrático ser desmascarados e mostrar abertamente como são agentes de Taiwan e dos EUA. Vemos de quem foi advogado Mandel.

Yan Jiaqi, o pensador do movimento “democrático”, foi a Taiwan em 8 de maio de 1990, para declarar isto: “para a democratização da China continental, a experiência de Taiwan tem um grande valor como referência”.⁸³

O segundo herói da Praça Tiananmen era Wuer Kaixi. Em 29 de janeiro solicitou uma entrevista com John Chang, o diretor do departamento de negócios chineses do Kuomintang, quer dizer, o chefe dos serviços secretos de Taiwan na República Popular. Nosso democrata declarou aos fascistas: “a comunicação entre os chineses anticomunistas é o primeiro passo em face da unidade”.⁸⁴

Su Hsiao-Kang, o célebre escritor, chegou a Taiwan no início de janeiro acompanhado por outros quatro escritores, militantes da Praça Tiananmen. Ali denunciou: “o totalitarismo de tipo stalinista imposto por Mao Tsé-Tung”. Segundo a imprensa de Taiwan,

“Criticou a Taiwan pela pouca contundência de seu apoio ao movimento democrático do continente”. Sempre segundo a imprensa do Kuomintang: “Su afirmou que certos membros da Federação para a Democracia na China pensavam que a ação sangrenta e a guerra civil eram inevitáveis no combate pela democracia.”⁸⁵

83. *The Free China Journal*, 11 de janeiro de 1990.

84. *The Free China Journal*, 5 de fevereiro de 1990

85. *The Free China Journal*, 22 de janeiro de 1990, p. 2.

Yueh Wu, dirigente do Sindicato Operário de Pequim, muito bem considerado por nossos trotskistas, chegou em 16 de janeiro a Taiwan, convidado pela Liga Anticomunista Mundial!⁸⁶

Em janeiro, todos os dirigentes da Federação, liderados pelo secretário-geral Wan Runnan, assim como cinquenta estudantes e escritores do movimento de Tiananmen, foram convidados a Taiwan. Um quadro do Kuomintang declarou: “hoje é um segredo público que todos os grupos importantes do movimento democrático recebem a maior parte de seus fundos de ajuda de Taiwan”.⁸⁷

Estas informações podem provocar calafrios em todos os que acreditaram, em um momento ou outro, que os estudantes de Tiananmen eram moços ingênuos, politicamente virgens. Agora, as provas são contundentes: para toda a direção do movimento, a “liberdade” é a liberdade da empresa capitalista e da exploração, a “democracia” e o multipartidarismo são a volta do partido fascista do Kuomintang e de seus esquadrões da morte a China. A grande campanha anticomunista que a Anistia Internacional lançou em maio de 1990 tem por lema: “no ano passado, a primavera florescia na China cheia de Esperanças”.⁸⁸ Uma expressão claramente política que repetia a versão difundida pelos estrategistas do imperialismo: o movimento pela democracia era uma primavera cheia de esperanças. Agora bem, se a Anistia Internacional quer fazer política (e a faz com grande refinamento), não pode impedir um debate aberto em suas fileiras sobre a análise deste movimento. E uma análise objetiva leva a uma conclusão indiscutível: este movimento apontava para o restabeleci-

86. *The Free China Journal*, 22 de janeiro de 1990, p. 2.

87 *The Nation*, p.564.

88 *Bijlage Amnesty Nieuws*, 6º ano, junho de 1990.

mento da dominação neocolonial sobre a China e o renascimento da dominação fascista do Kuomintang. E está é a orientação que defende a Anistia Internacional-Belga sobre o pretexto de “não fazer política”.

Zhao Zhiyang se une a contrarrevolução

Um feito importante se produziu em 4 de maio, com o discurso de Zhao Zhiyang, em seu retorno de Pyongyang. Ante os membros do Banco Asiático de Desenvolvimento, Zhao apresenta uma avaliação positiva do movimento estudantil e reprova os que consideravam que este movimento estava dirigido por forças antissocialistas.

Uma revista do governo estadunidense fez, pouco depois, a seguinte análise da intervenção de Zhao:

Apesar da enorme dimensão das manifestações, ainda não constituem uma rebelião popular. Estas manifestações só foram possíveis no momento em que os manifestantes viram que tinham a simpatia de uma fração do Partido e do aparato governamental, que via nos manifestantes uma ajuda ao seu combate contra os conservadores. Este processo começou depois do discurso de 4 de maio de Zhao.⁸⁹

Muitos membros do Partido Comunista são desorientados pelas apreciações sobre o movimento estudantil que veem da direção do Partido. Zhao dá instruções a todos os meios de comunicação para que apoiem o crescente movimento. Graças aos meios de comunicação, o movimento es-

89. *Problems of communism*, setembro-outubro de 1989, *Political sociology of the Beijing Upheaval*, p.38.

tudantil se transforma em movimento popular. Depois da declaração da lei marcial, em 20 de maio, até o dia 25 de maio, a imprensa, a rádio e a televisão chamam a população a opor-se a entrada do Exército em Pequim.⁹⁰ E, neste momento, de confusão política geral, quando as forças autenticamente de esquerda, que criticavam as reformas de Deng Xiaoping a partir dos princípios de Mao Tsé-Tung e Zhou En-lai, se comprometeram com o movimento. Desde esse momento, os manifestantes perseguiram fins totalmente opostos, uns querendo o regresso aos princípios socialistas dos anos de Mao e outros impulsionando as reformas até a introdução da economia de mercado. Estes últimos tiveram a direção política do movimento em todo o momento.

A direita ao assalto do poder

Em 17 de maio, Yan Jiaqi, um dos principais dirigentes do movimento e colaborador próximo de Zhao, publicou o Manifesto de 17 de maio. Em apoio a Zhao Zhiyang contra o “imperador” Deng Xiaoping e contra “o governo controlado por um ditador absolutista”. Yan escreve: “abaixo o editorial de 26 de abril! Abaixo a ditadura! Viva o espírito de oposição à tirania!” Seu manifesto é publicado no dia seguinte pela imprensa de Taiwan.⁹¹

Desde este dia, fala abertamente da eliminação da esquerda marxista do governo. Podemos ler em uma declaração da direção do movimento de Tiananmen, em 21 de maio: nós não somos a “classe de pessoas que buscam um compromisso com um governo que trata este movimento patriótico

90. Ibidem, p.39.

91. *United Daily News*, 18 de maio, Taiwan, em *Inside Mainland China*, junho de 1989, p. 3.

de modo errado". Se o governo não desaparecer, então "os distúrbios nunca terão fim".⁹²

No mesmo 21 de maio, Yan Jiaqi reclama em uma declaração a derrubada do premier Li Peng, do presidente da República Yang Shangkung e da autoridade superior militar, Deng Xiaoping. Yan reclama sua expulsão do Partido e de sua corrente em acusação diante do tribunal.⁹³

Porém, no final de maio de 1989, a grande maioria do Comitê Central do Partido, liderada por Deng Xiaoping e Li Peng se une contra a fração pró-capitalista de Zhao Zhiyang.⁹⁴

Em 1º de junho, o quartel general dos estudantes em Tiananmen demanda o fim da lei marcial e a retirada das tropas. Anunciando as violências que preparam, afirmam: "se estas reivindicações não forem aceitas os estudantes estarão dispostos a sacrificar suas vidas".⁹⁵

Claramente o movimento perde o dinamismo. Contudo, o núcleo duro não pensa em ceder de nenhuma maneira. Pelo contrário, preparam ações desesperadas. Os estudantes decidem continuar ocupando a Praça Tiananmen até a seção do Congresso dos deputados de 20 de junho. Um novo auge de protestos sempre é possível em Pequim. Alguns distúrbios já se manifestavam nas províncias. Uma revista do governo norte-americano que comprova a decadência do movimento escreve: "por causa do financiamento procedente do setor privado chinês e dos simpatizantes de fora e do reforço

92. Carta aberta a Deng Xiaoping, *Inside Mainland China*, agosto de 1989, p. 7.

93. *Inside Mainland China*, agosto de 1989, p.7-8.

94. Ming Pao, 22 de maio de 1989, em *Inside Mainland China*, junho de 1989, p. 1.

95. Joint Declaration, em *Inside Mainland China*, agosto de 1989, p. 9.

proporcionado por novos manifestantes que chegam a capital, é difícil que o movimento se dissolva por si mesmo”.⁹⁶

Depois de uma campanha de informação de duas semanas, durante a qual as autoridades não aplicaram a lei marcial, decidiram desocupar a Praça por meio do Exército e das forças de ordem. Em 2 de junho, enviaram soldados desarmados para fazer com que estudantes marchassem. Não é de nenhum modo uma “provocação”, como disse a imprensa anticomunista. O envio de soldados sem armas corresponde perfeitamente com a fase de decadência do movimento e a vontade do Partido de acabar com as desordens sem violências, política praticada há seis semanas e absolutamente impensável em qualquer país imperialista. Neste 2 de junho, os soldados desarmados são atacados, golpeados e feitos prisioneiros por estudantes e elementos desclassificados.

Preparação sistemática da violência

Se é indiscutível que a maioria dos estudantes não queriam a violência, é também evidente que a direção do movimento, desde o princípio e de forma sistemática, preparou os ânimos para o enfrentamento e a violência. Em 21 de abril de 1989 se faz, na universidade de Pequim, um chamamento à greve. “Queremos fazer progredir a democracia pela sinceridade do nosso sacrifício, pouco importa a repressão, escalfaremos montanhas de laminas cortantes, nós submergiremos em oceanos de fogo!”⁹⁷, é uma linguagem que chama ao sangue.

Outro dazibao de 23 de abril segue textualmente a propaganda de Taiwan: “a democracia e a liberdade é o fim de nossa greve. A luta é inevitável, temos de aceitá-la sem temor.

96. *Problems of Communism*, setembro-outubro de 1989, The Tiananmen, p.12.

97. *Libération collection*, nº 1, junho de 1989, p.30.

Haverá vítimas, porém o sacrifício vale a pena. Podemos aceitar a dor de haver nascido na escravidão? Nascemos livres, eles querem fazer-nos escravos”.⁹⁸

É uma tática posta em prática desde há muito tempo pela CIA para a luta nos países socialistas: evitar por tanto tempo quanto seja possível o enfrentamento direto com os órgãos da ditadura do proletariado; ganhar vasta influência entre as massas vacilantes proclamando sua vontade pacifista; preparar psicologicamente o enfrentamento inevitável para, finalmente, destacar que as autoridades puseram em marcha a agressão e que os manifestantes têm o direito à legítima defesa.

Em 13 de maio, os dirigentes decidem dramatizar a luta iniciando uma greve de fome de 3 mil estudantes. Preparando o enfrentamento, falam, cada vez mais, a frequentemente da morte. Na petição da greve de fome, os estudantes da universidade de Pequim falam do momento crucial, de vida ou morte, que decidirá a sobrevivência ou o naufrágio da nação. “A morte não é nosso fim. Porém se a morte de uma pessoa pode melhorar a vida de muitos outros, se pode conseguir uma nação próspera e poderosa, então não temos o direito de atuar vilmente”.⁹⁹ Um professor chinês explica a um jornalista do *Libération* a tática do movimento.

A direção do Partido comunista deve, primeiro, reconhecer a associação de estudantes e a legitimidade do nosso movimento. Porém estas são só nossas primeiras demandas. Devem abandonar a praça. E se utilizam a violência, passará na China como na França de 1789, a tomada da Bastilha.¹⁰⁰

98. Ibidem, p.37.

99. *Inside Mainland China*, agosto 1989, p.6.

100. *Libération collection*, op. cit. p.37.

Em 22 de maio, a estudantada da Praça Tiananmen eleva ainda mais a temperatura. “Li Peng e Yang Shangkun deram um golpe de Estado contrarrevolucionário. Destituíram o Secretário-geral Zhao Ziyang. Todo o povo deve esmagar este golpe de Estado e rechaçar o governo de Li Peng”.¹⁰¹ Esmagar um golpe de Estado contrarrevolucionário: é possível fazer isto com gentileza e pacifismo?

Na terça-feira, 30 de maio, uma bandeira tremula sobre a Praça Tiananmen: “o 1789 da China”, abertamente apelando a uma revolução para derrotar o regime. Wang declara a um jornalista do *Libération*:

A história prova que não se pode conquistar a liberdade sem o recurso da violência. É lamentável, porém o sangue deve fluir. Na China não chegou ainda o momento. A violência nos afastará das massas. Primeiro temos que despertar o povo e ganhar seu apoio para a causa da democracia.¹⁰²

Às 21 horas do dia 3 de junho, antes da intervenção das forças da ordem, quando Chai Ling pede aos estudantes da praça que levantem a mão e jurem:

Pelo progresso do nosso país até a democracia, pela prosperidade do nosso país e para impedir que um milhão de chineses morram na guerra, juro proteger a Praça Tiananmen e a República com a vida. Nossas cabeças podem ser cortadas e podem derramar nosso sangue, porém a praça do povo não se pode

101. Ibidem, p.78

102. Ibidem, p.78

perder. Estamos prontos para brigar até o fim até o último de nós. ”¹⁰³

Os pacifistas: “Sabemos que deve correr o sangue!”

Encontramos uma discussão extremamente significativa e reveladora do “caráter pacífico” do movimento, na revista *Problems of Communism*, publicada pela Agência de informação do governo norte-americano. Comprova, indiscutivelmente, duas coisas. Primeiro: a opção não violenta do movimento de Pequim era uma simples tática, uma manobra inteligente para recolher um apoio tão grande quanto fosse possível para as atividades e as teses anticomunistas. Em segundo lugar: há uma divisão de papéis. Enquanto as vozes “oficiais” declamavam a não violência, elementos “especializados” estavam preparados para a violência. Isto é o que diz a revista do governo norte-americano a propósito da “ação sem violência” destes dirigentes estudantes tão inocentes:

Considerações de tipo prática aconselharam uma aproximação não violenta. O regime comunista, todavia, controla forças militares e policiais impressionantes. O exército e as forças da polícia se mantiveram firmemente do lado do regime. Seria ilusão para o movimento democrático reunir-se nas montanhas como fez Mao nos anos 30. Os democratas dizem que se a violência tem um papel no futuro da China, terá que vir do interior do exército chinês. O presidente da Primavera da China, Hu Ping, disse no IV Congresso da organização em Los Angeles: “Nossa organização não tem a força de dar um golpe militar”. Wan Runnan, da Federação Democrática afirmou: “Nosso princípio da ação sem

103. The Free China Journal, 15 de junho de 1989, p.3.

violência não significa que o sangue não correrá. Há uma divisão de papéis. Nosso papel é organizar atividades agradáveis, racionais e não violentas. Contudo, outros cumpriram outros papéis. A ação sem violência e o apoio ao socialismo oferecem melhores possibilidades para construir uma grande coalizão contra o regime e para atrair ao máximo de apoio oficial e não oficial no estrangeiro. Um dirigente da Primavera da China declarava no momento dos debates do IV Congresso: ‘só a bandeira dos métodos pacíficos pode reunir uma audiência ampla e plural. Se alguém aqui me pedisse dinheiro para fuzis, daria certamente os fuzis para a caça de aves’.¹⁰⁴

Os amotinados atacaram primeiro

Quando o exército e a polícia quiseram reestabelecer a ordem, após duas semanas de trabalhos explicativos, os primeiros feridos, os primeiros mortos também, caíram do lado do exército.

O jornal *Libération* descreveu os acontecimentos da sexta-feira, 2 de junho, nesses termos: “as massas se lançaram sobre os militares, a imensa maioria muito novos e sem armas. Milhares de soldados foram feitos prisioneiros. Seus oficiais os ordenavam que não resistissem”.¹⁰⁵

No sábado, 3 de junho, às 15 horas, o jornalista do *Libération* anotou que manifestantes atearam fogo em veículos militares. E continua: “armas, recolhidas de um dos veículos, apresentam-se. Pequim tinha já, esta tarde, um ar de motim”.

“Sem violência não podemos conquistar mudanças. Devemos nos preparar para isso. Não tememos a violência”,

104. *Problems of Communism*, setembro-outubro de 1989, Chinese democracy in 1989, p. 2.

105. *Libération*, 5 de junho de 1989.

grita um operário. Esta violência já está no ar. No sábado, às cinco da tarde, no Palácio do Povo, jovens patrulham com pedras e largos cacetes recolhidos das mãos dos policiais. “Estamos preparados para o sacrifício”, clama um orador improvisado. “Se cai um de nós, serão um milhão os que se levantam”. As massas gritam: abaixo o regime fascista! Cada vez mais gente fala de “responder a violência do Estado”.¹⁰⁶ Lemos em *Le Soir*: “ao redor de quilômetros, tanto no Oeste como no Leste da Praça Tiananmen, a Avenida Chang’na não é mais que uma sucessão de barricadas”.¹⁰⁷

O jornal direitista *The Far Eastern Economic Review* escreve:

Na tarde de 3 de junho, uma nova intervenção de soldados a pé e desarmados foi parada diante do Hotel de Pequim, porém desta vez, alguns soldados são golpeados brutalmente por bandos de jovens criminais que apareceram pela primeira vez na Praça Tiananmen com barras de ferro e cassetetes. Durante vários incidentes, vários soldados perdem a vida, golpeados por mãos e pedras. Em Chong Wen Men, o corpo de um soldado foi queimado. Em outro incidente, manifestantes mutilaram o corpo de outro soldado.¹⁰⁸

Um cidadão belga em Pequim declara no telefone: “primeiro enviaram os tanques do 38º Exército contra os ocupantes de Tiananmen. Trataram para que não houvesse violência. Não conseguiram, houve mortos em suas fileiras”.¹⁰⁹

106. *Libération*, 8 de junho de 1989, p. 3-4.

107. *Libération*, 8 de junho de 1989, p. 2.

108. FEER, 15 de junho de 1989, p. 12.

109. *De Morgen*, 7 de junho de 1989, p. 5.

Quem são estes grupos de assassinos? Johan Galtung examinou os vídeos da violência e escreveu: “se movem rápido e muito, lançam coquetos molotov, sabendo exatamente como destruir um veículo, até um tanque. Aparentemente, têm uns trinta anos”.¹¹⁰

Podemos razoavelmente pensar em agentes vindos de Taiwan, base mundial de esquadrões da morte, agentes que podem atuar desde há muito tempo graças à passividade e à frouxidão do governo, e tem papel importante nesta violência. Taiwan tem interesses em que o movimento termine violentamente e tem os meios para realizar as provocações necessárias para este fim.

Empurrados deliberadamente para a morte?

Até um jornal tão anticomunista como o *Libération*, se viu obrigado a sugerir a hipótese segundo a qual os dirigentes do movimento estudantil provocaram deliberadamente o fim violento de um movimento que sabiam perdido. O *Libération* cita um dirigente ligado ao Ocidente, Lao Um: “duas semanas antes da matança, sabíamos que tudo estava perdido e Wang Jun Tao fez preparar documentação falsa para assegurar a fuga dos intelectuais e de alguns estudantes que dirigem o movimento, entre os que estavam eu”. E *Libération* formula a pergunta necessária:

Por que Wang Jun Tao se opôs a evacuação de Tiananmen, enquanto as informações comunicadas aos ativistas pelo jornalista Dai Qing, alguns dias antes, falavam de uma iminente e indiscriminada intervenção militar? Alguns dirigentes do movimento consideravam que um mártir serviria melhor a causa? “Toda a estratégia do movimento se baseou

110. De *Groene Amsterdammer*, 11 de outubro de 1989, p. 9.

na busca de um mártir”, dizia recentemente um dos líderes da rede democrática.¹¹¹

O Exército tinha a obrigação de acabar com o motim

Em 4 de junho, era urgente para o exército intervir para encerrar aquelas provocações assassinas e aquela ocupação da Praça Tiananmen.

Desde o 1º de junho, *A Voz da América* informava sistematicamente que unidades do exército estavam a ponto de enfrentar-se entre elas, que os soldados se negavam a impor a lei marcial, que o governo não contava com nenhum apoio. Em outras palavras, a emissora de rádio da CIA incitava abertamente a insurreição.

O exército não podia eclipsar-se ante a violência e os assassinatos, tampouco podia permitir que os anticomunistas continuassem ocupando o coração da capital. Isto seria considerado por todas as forças antissocialistas como uma expressão da impotência do exército ante as forças da contrarrevolução, como um indicador da paralisia e da debilidade do governo e, que logo, podia ser derrubado.

A intervenção do exército para pôr fim ao motim anti-comunista se fazia necessário, porém, constituía, ao mesmo tempo, a prova do fracasso de certa política. A orientação pró-capitalista, ou, pró-imperialista de Hu Yaobang e de Zhao Zhiyang provocam um descontentamento justificado na população, criando uma grande confusão política. Não compreendendo o alcance do programa do núcleo duro de Tiananmen, uma parte da população de Pequim se opõe a intervenção do exército.

Para combater a violência justificada com que o país socialista se defende contra o imperialismo, os piores fascistas juram pelo humanismo e o humanitarismo. Isto demonstra

111. *Libération*, 25 de abril de 1990, p. 36-37.

que quando uma força política começa a falar de humanismo é necessário fazer sempre uma análise de classe. O porta-voz do governo fascista de Taiwan, sobre as ingerências norte-americanas na República Popular da China, comentam: “os EUA provaram que eram dignos de ser os dirigentes do mundo livre ao manter bem altos os princípios do humanismo e dos direitos humanos”.¹¹²

Agora, nos primeiros meses de 1990, em El Salvador, grupos fascistas enviados por Taiwan, bombardeiam cegamente os bairros populares da capital, massacrando a população. Em visita à Taiwan, em 21 de fevereiro deste ano, o presidente salvadorenho, Christiani, declarou: “juntos marchamos pelo caminho da liberdade e da democracia”.¹¹³

No momento da agressão contra Panamá, um Estado independente, os EUA mataram, segundo Eduardo Galeano, 7 mil pessoas. Todos os crimes inqualificáveis do imperialismo, sistematicamente são apagados da memória de nossos povos, enquanto que a repressão justificada dirigida contra a sublevação imperialista, em Pequim, é recordada pela BBC, diariamente, semana após semana há mais de um ano, como o maior crime contra a humanidade. Não podemos estar do lado dos povos de El Salvador, da Guatemala, de Granada, do Panamá, da Argentina, das Filipinas, povos aterrorizados pelos Estados Unidos e por Taiwan, e não estar do lado do governo socialista chinês que combate as tentativas de reconquista da China por parte de Taiwan e dos Estados Unidos.

A China em uma encruzilhada

Como pensar o futuro deste imenso país que é a China Popular, um ano depois da repressão do motim contrarrevolucionário de Pequim?

112. Sinorama, nº 8, agosto de 1989, ROC-Taiwan, Shaw Yu-ming, p. 51.

113. *The Free China Journal*, 26 de fevereiro de 1990, p. 36-37.

Hoje, existe o risco de que a agitação contrarrevolucionária levante-se novamente e sempre existe o perigo de que a linha revisionista e pró-capitalista se fortaleça com a direção do Partido Comunista da China. Se dessa maneira a direita pode minar o interior do Partido para depois arrematá-lo, a China se submergirá em um caos catastrófico que, em alguns anos, custará a vida de milhões de pessoas.

A China poderá evitar este cataclismo se a correção, a retificação e a revolucionarização do Partido Comunista continuar até o fim. Só o socialismo pode salvar a China e só o Partido Comunista pode dirigir a construção socialista. A história recente, tanto a da Europa do Leste, como a da China, nos diz que nos países socialistas existem dois tipos de luta de classes. Uma luta contra os reacionários, os elementos inimigos do socialismo e os agentes do imperialismo. E outra que tem lugar no interior do Partido para a conservação das suas tradições revolucionárias. Está luta pela revolucionarização constante do Partido, está luta contra as tendências face a degeneração é, sem dúvida, a mais complexa, porém também a mais cruel.

Nós estamos em desacordo com os que fazem da luta pela “democracia” a questão essencial. O exemplo de Tiananmen demonstra claramente que a palavra “democracia”, supostamente acima das classes, é utilizada para propagar o livre desenvolvimento de toda classe de organizações antissocialistas e pró-imperialistas. Assim, a “democracia” é a palavra de ordem em Taiwan e significa, nestes casos, o direito do partido fascista Kuomintang de regressar à China. Defendemos a democracia socialista, quer dizer, a participação ativa e constante das massas populares na edificação do socialismo, em sua defesa e no aperfeiçoamento de seu sistema político e econômico. O desenvolvimento da democracia socialista está condicionado pela revolucionarização do Partido.

Um elevado grau de democracia socialista depende do trabalho exemplar dos comunistas, dos seus laços com as massas, do seu estilo de vida simples e da dura luta, do seu espírito de sacrifício, da sua fidelidade, não em palavras, mas em feitos, ao marxismo-leninismo e da sua capacidade de centralizar todas as ideias progressistas das massas.

Porém o Partido cometeu erros...

Objetam-nos, em certas ocasiões, que o Partido Comunista da China cometeu erros e falhas. Isto é evidente. Contudo, quais são as conclusões que se retiram destas considerações? Situar-se no campo da contrarrevolução e do revisionismo é a cura para a enfermidade do socialismo? Todas as correntes demagógicas acentuaram sempre os erros e as debilidades do Partido, para impulsionar as concepções antisocialistas e contrarrevolucionárias.

Os que apoiaram os heróis da Praça Tiananmen puderam agora constatar que apoiaram uma direção ferozmente antissocialista e pró-Taiwan. Os que apoiaram ao moderado, ao reformador, ao homem que das provas da sua flexibilidade e da sua vontade de diálogo, Zhao Zhiyang, veem hoje que apoiaram uma linha política de privatizações e livre mercado. Lutar contra os erros e as debilidades do Partido de um ponto de vista revolucionário e lutar pela depuração do Partido dos elementos burgueses, oportunistas, burocráticos e podres, é lutar pela conservação dos princípios marxista-leninistas e por seu desenvolvimento.

Gerontocracia positiva e negativa

Os eventos na China mostraram-nos, mais uma vez, que sob o socialismo, a luta de classes no partido é extremamente complexa. É necessário adotar uma atitude de estudo, de pesquisa e de análise para encontrar verdadeiros interesses de classe que estão por detrás de algumas proposições

tentadoras. Queremos desenvolver esta ideia, a partir do exemplo de demagogia da imprensa burguesa contra a gerontocracia, os antigos despóticos, os velhos corrompidos e conservadores opostos à juventude democrática e desinteressada. Primeiro, na China, entre a velha guarda do partido, alguns são de direita, de esquerda e de centro. Vamos começar direito. Em um documento do Partido Comunista da China, em 1984, podemos ler:

Há um pequeno número de antigos membros e funcionários do Partido que não é capaz de respeitar os princípios do Partido. Quando encontram uma tendência doentia, seguem-na. No momento que se comprometeu a discutir a abertura para o mundo exterior, algumas pessoas do governo e do Partido foram atraídas como abelhas pelo mel.¹¹⁴

Na luta no seio do Partido, estes velhos defendiam as posições de Hu Yaobang e de Zhao Zhiyang e nem o imperialismo de Taiwan se inquietou por sua idade, já que lutavam pela causa boa, a mesma que destes bons velhinhos: o papa de Roma, Ronald Reagan e Willy Brandt.

Pelo contrário, Deng Xiaoping era, para os olhos do Ocidente, o protótipo do velho tirânico e retrógrado. E, porém, quando Deng apoiou a política revisionista de Hu Yaobang e de Zhao Zhiyang, o Ocidente não o poupou por isso. Deng defendeu a política nefasta de Zhao Zhiyang até abril de 1989. E até o momento do começo do movimento estudantil, a imprensa do Kuomintang manteve a esperança de que Deng

114. Chen Yun, en *Inside Mainland China*, Taiwan, novembro de 1985, p. 19-20.

se posicionasse ao lado da reforma e da democracia. Uma revista de Taiwan escreveu: “o lugar de Deng na história depende desta decisão”.¹¹⁵

Durante dez anos, o velho Deng manteve uma posição centrista, ainda se inclinando mais à direita.

Outros velhos, como Chen Yun e Li Sien, criticaram há muitos anos vários aspectos da política de Deng Xiaoping. Chen Yun foi o que mais fortemente combateu a orientação para o livre mercado e o abandono da planificação. Também é – e vale a pena assinalar, já que Chen Yun representa, aos olhos do imperialismo, aos conservadores e corrompidos – quem com mais constância criticou todos os casos de corrupção no seio do Partido.

Resumindo, a luta de classes afeta tanto aos velhos como aos jovens, a população e ao Partido. Portanto, é preciso analisar o fundo e a coerência das diferentes correntes políticas.

A direita pró-imperialista foi derrotada na China

Qual a conclusão que podemos tirar dos meses da confrontação política em Pequim? A luta de classes que se desenvolve na primavera de 1989 acabou em uma importante derrota para a direita pró-capitalista do Partido Comunista da China. Com Zhao Zhiyang, foram depurados toda uma série de intelectuais de direita e de extrema-direita, como Yan Jiaqi.

No conjunto, a atual direção se situa mais à esquerda. As seguintes são algumas indicações, primeiro no campo político e ideológico.

Há uma nova consciência do perigo de subversão e de infiltração, organizadas a grande escala na China pelo imperialismo e por Taiwan. O Partido Comunista retoma a concepção de Mao segundo a qual a luta de classes continua sob o

115. *Issues and Studies*, maio de 1989, Student Démonstrations, p. 6.

socialismo, assim como que persiste o perigo de uma restauração capitalista. Dentro do Partido Comunista da China, a política revisionista de Gorbachev é duramente criticada e igualmente sua atitude de capitulação frente ao imperialismo. O Partido põe em primeiro plano o trabalho político e ideológico como princípio diretivo. A necessidade dos intelectuais de fundir-se com os camponeses e operários é reafirmada. Alguns redescobriram as obras de Mao Tsé-Tung, em uma tentativa de compreender as características da luta de classes.

No campo econômico encontramos acentos novos

A planificação socialista recupera seu papel, importantes fundos são destinados à agricultura, o desenvolvimento da empresa privada foi freado, a campanha contra a corrupção e as desigualdades se fortaleceu.

A importância de se informar

Entretanto, a luta é complexa e seu desenvolvimento incerto. É importante seguir os debates e analisar os pontos de vista diferentes que se manifestam no seio do Partido Comunista da China. Queremos sublinhar a importância de obter informação de primeira mão sobre as posições dos comunistas chineses. É preciso dizer que o desprezo de numerosos progressistas ocidentais à experiência socialista de milhões de pessoas é simplesmente escandalosa. Os que nem sequer dão ao esforço de ler os documentos do Partido Comunista da China, mantêm fixas, com absoluta arrogância, suas críticas e suas receitas infalíveis para salvar o socialismo chinês. A mais elementar honradez intelectual nos obriga a seguir com atenção e interesse as publicações chinesas. Ali encontramos tanto análises pertinentes, como teses discutíveis e, também, pontos de vista revisionistas. Informar-se objetivamente sobre a política do Partido comunista é instrutivo em si mesmo. Nem estamos obrigados a emitir um juízo sobre

todas as medidas e todas as teses, nem devemos mudar nossas opiniões demasiado rápido e de forma categórica.

O futuro da China é incerto

A partir de 1986, certos especialistas estadunidenses consideravam que a China chegava a um ponto no qual não havia mais retorno e no qual a restauração do capitalismo era inevitável. As descoletivizações no campo, o desenvolvimento da empresa privada, a autonomia das empresas, o nascimento de uma classe tecnocrata influenciada pelo modelo ocidental, as zonas especiais, o investimento estrangeiro, tudo isto, diziam, constituía uma base sólida para o capitalismo. Certos revolucionários consideravam que Deng Xiaoping concluirá a restauração do capitalismo na China. Porém, a mudança na orientação política após junho de 1989, demonstraram a prematuridade destas conclusões. Poderá o Partido Comunista Chinês continuar durante muito tempo seus esforços de retificação e aprofundar suas críticas sobre os erros cometidos?

Os especialistas em China lançam hipóteses sobre o futuro. Alguns acreditam que os revisionistas no Partido utilizaram um discurso “mais à esquerda” aguardando o surto de graves problemas econômicos e sociais para voltar ao poder.

Outros consideram que a retificação política e ideológica atual será superficial, que o burocratismo, a corrupção e o parasitismo continuarão difundindo-se e que o processo de putrefação prosseguirá, como está se sucede desde 1978. Os acontecimentos de junho de 1989 tão só seriam uma pausa na marcha rumo ao capitalismo.

A terceira escola pensa que Deng Xiaoping virará de novo à direita para apoiar outra tendência na linha da de Hu Yaobang e Zhao Zhiyang. Recordando que, em fevereiro de 1989, Deng ainda afirmava que o Partido não cometia erros importantes desde 1978. Esta escola pensa que Deng regres-

sará a uma linha de reformas de tipo capitalista. As três hipóteses falam de uma vitória final das tendências revisionistas na China. Outros especialistas preveem um surto na China sob a pressão de terríveis problemas econômicos, sociais e demográficos, pelo crescimento dos particularismos provinciais e pela ação das forças contrarrevolucionárias e pró-Taiwan. A China conheceria então uma nova era de guerras civis vorazes cuja saída é imprevisível. Finalmente, podemos considerar que a direção atual do Partido conseguirá fazer uma síntese entre os princípios políticos corretos que Mao elaborou no momento da Grande Revolução Cultural Proletária e a política mais flexível posta em prática desde então. Assim, a China poderia encontrar um novo dinamismo tanto no domínio político como no econômico.

Uma confirmação de certas teses de Mao Tsé-Tung

Durante a Revolução Cultural, Mao não utilizou os métodos adequados para resolver o problema da degeneração capitalista, ainda que tenha abordado corretamente um problema crucial. A evolução política dos últimos dez anos confirmou amplamente algumas de suas análises. Mao disse:

Se nos afastarmos das massas, se não nos esforçarmos em resolver seus problemas, os camponeses levantarão suas foices, os operários sairão às ruas para manifestar-se, os estudantes provocarão distúrbios. Hoje, existe gente que crê que com a conquista do poder do Estado se pode descansar em paz e até agir como um tirano. Se se encontram com as massas que lhes recebem a pedradas ou a golpes de foice consideram que não merecem isso, mas sim aplausos. Não podemos deixarmo-nos contaminar por esse estilo de trabalho burocrático, que forma uma casta

aristocrática apartada das massas. No passado, levamos a luta ao campo, às fábricas e aos meios culturais, empreendemos o movimento educativo socialista, sem chegar por isto a resolver o problema; porque não encontrávamos a forma de mobilizar as massas em todos os campos, a partir da base, para que denunciasses nosso lado negativo. A sociedade socialista abarca um período bastante largo no qual continua existindo as classes, as contradições de classe e a luta de classes, ao mesmo tempo em que a luta entre a via socialista e a via capitalista e o perigo de uma restauração do capitalismo. É necessário compreender que esta luta será longa e complexa, redobrar a vigilância e buscar a educação socialista. Tem-se de resolver corretamente os problemas relativos as contradições de classe, distinguir as contradições entre nós e o inimigo, e as contradições no seio do povo, para depois buscar uma solução justa. Se não for assim, um país socialista como o nosso passará a ser o contrário, mudará de natureza e começará a restauração capitalista.

No XI Congresso do Partido Comunista Chinês, Hua Kuofeng explicou um princípio essencial, avançado por Mao:

Afirmando que a burguesia existe no Partido Comunista, o presidente Mao queria dizer que existem membros que apostam na via capitalista. Enquanto o poder do Partido e do Estado está nas mãos do núcleo que segue a via marxista-leninista, os seguidores da via capitalista serão muito poucos e serão expulsos um após o outro. Impedindo assim a formação de uma burguesia. Só quando os pró-

capitalistas se apoderarem do poder do Partido e do Estado – como na URSS – será possível a formação de uma burguesia monopolista e a conversão do Partido em uma organizao burguesa”.¹¹⁶

O imperialismo em crise lança uma ofensiva planetária para reconquistar tanto os países nacionalistas do Terceiro Mundo, como os países socialistas, acentuando a explorao dos operários da metrópole. Um internacionalista estará sempre do lado dos operários e dos trabalhadores em luta no seu próprio país. Defender sempre os movimentos que, no Terceiro Mundo, combatem ao imperialismo e  reoo. Apoiar sempre os países socialistas, nos xitos e nas dificuldades, e aprender com suas vitórias e suas derrotas. No clima atual, triunfalista da direita e do anticomunismo, é importante tomar conhecimento das experiências e dos pontos de vista dos países que preservaram a via socialista. Não temos que nos deixar intimidar pela arrogância estúpida da direita, senão devemos atrevermo-nos a defender o socialismo, atrever-se a defender a China, Cuba, a Albânia ou a República Popular Democrática da Coreia. Resumindo, os povos, unindo seus esforços, conseguirão enterrar o imperialismo e a causa do socialismo triunfará.

EPÍLOGO

Os ecologistas e a ofensiva do Imperialismo Americano

No primeiro aniversário do “movimento democrático” de Pequim, aconteceu na Câmara um debate sobre este acontecimento, em 29 de junho de 1990. Este debate nos ensina, mais uma vez, até que ponto a lavagem cerebral diária dos

116. *La rectification*. Fdrop. Lion, 1977, p.170. Apud in: AlainBouc.

meios “livres” influem sobre os meios que se consideram progressistas. Em sua intervenção, em nome do grupo ecologista Agalev-Ecolo, Xavier Winkel, conhecido por suas posturas progressistas, defende a linha seguida pela direita norte-americana. Vendo a maré de mentiras e intoxicações da imprensa “livre”, é compreensível que militantes ecologistas honrados se deixaram enganar pelas vozes das multinacionais. Buscamos debate franco, apoiado por fatos indiscutíveis, por documentos e provas. Estamos seguros da nossa causa. A arrogância do imperialismo não nos impressiona, ao contrário, estamos seguros de que as pessoas que mantêm o espírito lúcido, que não padecem da histeria antissocialista, se verão obrigadas a refletir seriamente sobre a correção de nossa postura, depois de escutar nossas provas e nossos argumentos. Xavier Winkel repete uma tese central do imperialismo estadunidense e europeu, quando reclama “uma continuação das reformas (na China) que tornaram possível a chegada das pessoas aos Estados democráticos”.

No seio do poder norte-americano, bem unido em sua política anticomunista e de dominação mundial, se dividem duas tendências táticas: a fração dominante, representada por Bush e Nixon, quer manter as relações com a China com o objetivo de proteger, apoiar e animar as forças pró-capitalistas no seio do Partido Comunista da China. Outra fração predica um anticomunismo mais aberto e uma tática mais agressiva para, no prazo mais breve possível, dobrar a China socialista e criar as condições propícias para uma contrarrevolução vitoriosa de tipo polonês, romeno ou húngaro. Xavier Winkel defende o programa desta última fração do imperialismo norte-americano. “O que não aceito, disse, é que representantes do governo belga se reúnam com responsáveis chineses. A China necessita manifestamente do apoio de outros países e as sanções são eficazes. Bélgica e os doze devem manter as sanções políticas”.

Em resposta, Eyskens respondeu que a Bélgica “continua mantendo uma atitude firme e decidida”. Xavier Winkel respondeu: “estou contente com a resposta do ministro”.¹¹⁷ Isto demonstra como gente que se crê progressista, está, às vezes, completamente intoxicada pela propaganda imperialista. O Exército Popular teve que intervir em Pequim para acabar com um motim violento que pretendia derrubar o socialismo; houve trezentos mortos. Winkel pensa que todo encontro com dirigentes chineses é censurável com o sucedido e que faz falta sanções políticas e s contra este país do Terceiro Mundo que conta com bilhões de habitantes. Provavelmente Xavier “esqueceu” que o exército norte-americano acaba de cometer uma agressão militar injustificada contra o Panamá, em que foram massacradas entre 5 mil e 7 mil pessoas. O Ecolo-Agalev exigiu que a Bélgica acabasse com todos os contatos com o governo norte-americano e que aplicasse sanções políticas contra os Estados Unidos? Entretanto, estas medidas estariam justificadas já que a causa do imperialismo norte-americano é indefensível. Mas o Ecolo-Agalev prefere não fazer nada contra o imperialismo norte-americano e continuar repetindo cegamente a agitação antissocialista que o conjunto das forças imperialistas manejam há muitos anos contra as decisões justificadas da China.

publicado em *Etudes Marxistes*, nº 12, 1º de setembro de 1991.

117. Reunião pública da Câmara belga, 29 de junho de 1990, Informe analítico, p. 1235-1237.

O Trotskismo a serviço da CIA contra os países socialistas

Depois do triunfo da contrarrevolução burguesa no Leste Europeu e na União Soviética, não pode haver divergências de opinião entre comunistas sobre a verdadeira natureza do trotskismo.

O desenvolvimento do processo contrarrevolucionário no Leste e na União Soviética permite atestar o significado de classe do discurso que os trotskistas mantêm há 60 anos. É fácil de perceber hoje, no seu fraseado de “esquerda”, a real natureza e o verdadeiro objetivo desta corrente. Basta simplesmente reler as declarações trotskistas de há dois ou três anos para que a verdade salte diante dos olhos. O trotskismo é uma corrente ideológica cuja essência é o anticomunismo desenfreado, uma corrente que recruta elementos progressistas da pequena burguesia para os doutrinar no anticomunismo, uma corrente que trava um único combate com perseverança, continuidade e convicção: o combate contra o marxismo-leninismo e contra o movimento comunista internacional.

Demonstraremos estas afirmações através do estudo das posições trotskistas quando das contrarrevoluções de “veludo”, que conduziram à restauração do capitalismo no Leste da Europa e na União Soviética.

A restauração do capitalismo é impossível!

Nos anos 30, Stalin levantou uma questão essencial: será que depois de o socialismo ter sido instaurado em um país, enquanto ditadura das massas trabalhadoras, a restauração do capitalismo continua a ser possível nesse país?

Trotsky respondeu que a restauração do capitalismo era impossível sem uma insurreição armada da burguesia e sem uma guerra civil prolongada. A sua tese sobre a impossibilidade da restauração do capitalismo visava eliminar a vigilância política e ideológica e favorecer uma atitude conciliadora com o oportunismo, tanto no interior do partido como em relação ao inimigo de classe na sociedade.

Desde a Revolução Cultural que os marxista-leninistas reafirmaram que um partido comunista pode degenerar politicamente e ser invadido por concepções e teorias burguesas e pequeno-burguesas. O revisionismo é a adoção de ideias da burguesia e da pequena-burguesia embrulhadas em uma terminologia marxista-leninista. Quando o revisionismo consegue dominar um partido comunista, este torna-se o instrumento principal de uma progressiva restauração burguesa nos domínios ideológico, político e econômico. Ernest Mandel, o líder principal da chamada IV Internacional, lançou-nos à cara que esta era uma teoria “stalinista”, que servia unicamente para justificar a arbitrariedade. Ele insiste muito nesta ideia mestra de Trotsky.

“Só idiotas manifestos...”

Em 1934, Stalin demonstrou que a linha do grupo oportunista Zinoviev/Kamenev conduziria necessariamente ao restabelecimento do capitalismo na União Soviética. A história provou que as críticas de Stalin a Trotsky, ao grupo de Zinoviev/Kamenev e depois aos seguidores de Bukharin, eram inteiramente pertinentes. A refutação de suas ideias no decorrer dos anos 20 e 30 permitiu conservar a ditadura do proletariado e construir o socialismo, bem como forjar as forças políticas e militares necessárias para defender vitoriosamente o socialismo da agressão fascista. Um quarto de século mais tarde, os revisionistas Khrushchev e Brejnev retomaram grande parte das ideias de Trotsky, Zinoviev e Bukharin. E,

somente dois anos após a reabilitação oficial destas figuras por Gorbatchov, a restauração do capitalismo tornou-se um fato consumado. Porém é preciso recordar que, em 1934, Trotsky replicou a Stalin:

Só idiotas manifestos seriam capazes de acreditar que as relações capitalistas, ou seja a propriedade privada dos meios de produção, incluindo a terra, podem ser restabelecidas na URSS por via pacífica e desembocar em um regime de democracia burguesa. Na realidade, se fosse possível, o capitalismo só poderia ser restaurado na Rússia como resultado de um violento golpe contrarrevolucionário, que exigiria dez vezes mais vítimas que a Revolução de Outubro e a guerra civil.¹¹⁸

Dez vezes mais, o que faria entre 50 e 90 milhões de mortos para que o capitalismo pudesse ser reintroduzido na Rússia...

1989: A restauração impossível a médio prazo

Mesmo em 1989, quando já estavam em campo as forças abertamente contrarrevolucionárias, Mandel insistia que o espectro da restauração capitalista não passava de uma mentira “stalinista” para justificar a “repressão”. Em 1989, a Polônia e a Hungria já tinham tombado para o lado do imperialismo, porém, Mandel escrevia:

A pequena e média burguesia representa apenas uma pequena minoria da sociedade em cada um destes estados operários burocratizados. Ela se beneficia de apoio, aliás

118. Trotsky: *L'appareil policier du stalinisme*, Ed. Union générale d'Éditions, 1976, Collection 10-18, p. 26.

fortemente limitado, por parte do grande capital internacional. Mas no conjunto, esta convergência de interesses é insuficiente para poder impor, a curto ou a médio prazo, qualquer restauração do capitalismo.¹¹⁹

Os marxista-leninistas identificaram há muito as quatro forças sociais que formam a base da restauração: a primeira é a camada dos burocratas, tecnocratas e elementos corruptos no seio do partido e do aparelho do Estado; a segunda são as forças políticas e ideológicas das velhas classes reacionárias; a terceira são os novos elementos burgueses e exploradores surgidos na sociedade socialista; e, por último, as forças imperialistas que atuam aberta ou clandestinamente nos países socialistas. Com Reagan, a ingerência e a infiltração do imperialismo redobram nos países socialistas. Mandel nega a existência das duas primeiras forças e minimiza as duas últimas.

De resto, recorreu ao mesmo argumento para apoiar a contrarrevolução: “Para onde vai a URSS de Gorbatchov? Excluamos, antes de mais, a eventualidade de uma restauração do capitalismo na União Soviética. Da mesma forma que o capitalismo não poder ser gradualmente suprimido, tão pouco pode ser gradualmente restaurado.”¹²⁰

Os trotskistas difundiram com alarde sua teoria sobre a impossibilidade da restauração enquanto existisse alguma resistência por parte do Partido Comunista e do aparelho do Estado contra as forças anticomunistas. Desde os anos 30, essa “teoria” lhes serviu para justificar o apoio a todas as correntes oportunistas e contrarrevolucionárias. Durante os

119. Mandel, *Inprecor*, n.º295, 16-29, Outubro, 1989, p. 20.

120. Mandel, *Où va l'URSS de Gorbatchev?* Ed. La Brèche, Montreuil, 1989, pp. 20 e 23.

anos 30 e 40, os trotskistas apoiaram todas as correntes e facções oportunistas que desencadearam a luta contra a direção marxista-leninista do partido. Em 1956, aplaudiram o “antitalinismo corajoso” de Khrushchev, converteram-se em propagandistas do reacionário czarista Soljenítsin, apoiaram todas as forças nacionalistas reacionárias e fascistas, todos os dissidentes pró-ocidentais, propagaram galhardamente todas as teorias anticomunistas do círculo de Gorbachov, chegando a encher dois terços do seu jornal com artigos de direita publicados no *Notícias de Moscou* e na revista *Sputnik*.¹²¹ Resumindo, em nome da teoria da impossibilidade da restauração, os trotskistas apoiaram todos os contrarrevolucionários até o dia em que já nada subsistia das ideias revolucionárias e as instituições socialistas criadas e defendidas por Lenin e Stalin.

Uma vez terminada a batalha, Mandel se refere de passagem, hipocritamente, à hipótese de uma restauração. Em 12 de outubro de 1989, em uma única entrevista, consegue defender as duas posições. “Excluo um restabelecimento gradual, pacífico, imperceptível do capitalismo. Isto é uma ilusão reformista. Será preciso quebrar a resistência operária (...)”. Mais adiante, cita a trotskista Catherine Samary, que afirma que não é de excluir uma restauração, mas esta será feita exclusivamente segundo o modelo turco.¹²² Mas esta alusão à possibilidade de uma restauração não tem qualquer reflexo na política trotskista, que se mantém fiel ao princípio da destruição de tudo o que se assemelhe com o comunismo. Assim, três meses mais tarde, no final de dezembro de 1989, no mo-

121. *Rood*, nº 14, 15 agosto de 1989.

122. *Rood*, 24 de outubro de 1989, pp. 6-7.

mento do assalto final da contrarrevolução, os trotskistas lançam a seguinte palavra de ordem na primeira página: “Solidariedade com a revolução que começa no Leste!”¹²³

De um lado “a burocracia”, do outro “as massas”

Esta tese da impossibilidade da restauração serviu durante sessenta anos de camuflagem aos trotskistas, permitindo-lhe desertar decorosamente para o lado dos anticomunistas.

Com efeito, Stalin e, depois dele, Mao Tsé-tung afirmaram sempre que a luta de classes continua no socialismo, que a luta entre a via socialista e a via capitalista mantém-se durante um longo período histórico e que a restauração do capitalismo é, deste modo, sempre possível. O socialismo, para se poder manter e progredir, necessita de um partido comunista autenticamente marxista-leninista, um partido que depura, em intervalos regulares, de suas fileiras das correntes oportunistas. O socialismo deve defender-se dos seus inimigos, dos restos das antigas classes reacionárias, dos novos elementos burgueses que nascem no novo regime e dos agentes do imperialismo.

Atacando tais ideias, Mandel e os trotskistas desenvolveram uma “teoria” original, que reconhece que a luta de classes existe na realidade no socialismo... mas ela opõe a “burocracia” às “massas populares”. Denunciando a “burocracia” como uma violência só igualada pelos fascistas, os líderes trotskistas apoiam todas as oposições reacionárias contra o socialismo, afirmando que estas exprimem a vontade das “massas populares”. Arvorando-se como advogados de todas as forças burguesas e anticomunistas, os trotskistas colocam de um lado a “burocracia”, que quer “suprimir as liberdades

123. *Rood*, n.º 24, 26 de dezembro de 1989, p.1.

democráticas” e, do outro lado, as forças da “revolução política”, que aspiram ao “socialismo autêntico”. Assim escreveu Mandel em outubro de 1989:

O objetivo principal das lutas políticas em curso não é a restauração do capitalismo. O que está em causa é, ou o avanço em direção à revolução política antiburocrática, ou a supressão parcial ou total das liberdades democráticas que as massas conquistaram durante a glasnost. A luta principal não opõe as forças pré-capitalistas às forças anticapitalistas, mas a burocracia ao povo.¹²⁴

Pretendendo que a luta “opõe a burocracia às massas populares”, Mandel apoia aberta e explicitamente as forças liberais, sociais-democratas, monárquicas e fascistas na sua luta contra os últimos resquícios do socialismo.

A glasnost é um trotskismo...

Em um momento em que a burguesia internacional já reconhecia que o restabelecimento do capitalismo na URSS estava praticamente concluído, Mandel teve as honras da imprensa anticomunista soviética. O seu descaramento levou-o a afirmar que Gorbatchov era um grande revolucionário que tinha adotado as teses trotskistas. Em seguida, Mandel declara que a partir de agora todos os comunistas podem compreender quem são os verdadeiros revolucionários e quem são os contrarrevolucionários. Trotsky, os trotskistas, Gorbatchov e gorbatchovianos estão no campo da revolução, Stalin e os stalinistas estão no campo da contrarrevolução. Stalin representa uma “contrarrevolução violenta”, declarou em

124. Mandel, *Inprecor*, nº 295, 16-29, outubro de 1989, p. 20.

Manágua.¹²⁵ E, desta forma, graças ao esforço conjunto de Mandel e Gorbatchov, nesse ano bendito de 1990 iniciou-se a verdadeira revolução.

Eis a declaração de Mandel a *Temps Nouveaux*:

Gorbatchov proclama, de fato, que a *perestroika* é uma verdadeira nova revolução?

Mandel: Sim, proclama-o efetivamente, e isto é mais uma vez muito positivo. O nosso movimento defende há 55 anos a mesma tese, e por essa razão foi qualificado de contrarrevolucionário. Hoje compreendemos melhor, tanto na URSS, como em boa parte do movimento comunista internacional, onde se encontravam os verdadeiros contrarrevolucionários e onde se encontravam os verdadeiros revolucionários.¹²⁶

Não foi preciso esperar dois anos para ver a União Soviética cair nas mãos da máfia czarista e pró-estadunidense, ver o recrudescimento das forças fascistas e czaristas na Rússia e nas outras repúblicas, e assistir a guerras civis reacionárias entre as diferentes facções burguesas. O que ilumina na perfeição o rosto dos “revolucionários” da *glasnost* e da *perestroika* e mostra para que forças políticas Mandel – este profissional do anticomunismo – trabalha. Catherine Samary, outra estrela da IV Internacional, afirmou à imprensa soviética que Gorbatchov aplicava o programa desenvolvido por Trotsky. Fez o elogio da *glasnost* nestes termos:

Em vosso país ainda não foi publicada a Plataforma da Oposição de Esquerda, que com-

125. *Inprecor*, 11-24, setembro de 1992, p. 19.

126. *Temps Nouveaux*, n° 38, 1990, p. 41-42.

bateu Stalin e propôs um caminho alternativo para a construção do socialismo. De fato, agora, adotam suas ideias: construir a democracia socialista autêntica e a autogestão.¹²⁷

O apoio de Mandel a Yeltsin

Embora sendo um ardente partidário da *glasnost*, Mandel considerou ser seu dever apoiar as forças ainda mais à “esquerda” de Gorbatchov, e foi de Yeltsin e Sakharov que se tornou porta-voz!

No início de 1989, Mandel apresentou Yeltsin como representante dos trabalhadores, homem da democratização que exprime as ideias da classe consciente da URSS! Em seu livro sobre Gorbatchov, escreve:

A eliminação de Yeltsin [em 11 de novembro de 1987] enquanto dirigente do PCUS representa um grave retrocesso no processo de democratização da URSS.¹²⁸ Yeltsin é hoje a personalidade política mais popular entre os trabalhadores soviéticos. (...) Dezenas de milhares de crachás com a inscrição “Reintegram Yeltsin!” foram espontaneamente fabricados. Isto indica a vontade de uma camada politicamente consciente de conservar e ampliar as liberdades democráticas parciais obtidas durante o período entre 1986 e 1988.¹²⁹

Em 3 de abril de 1989, Mandel saúda “o surgimento de uma esquerda mais radical e massiva. Três linhas de força,

127. Catherine Samary, *Argumenti e fakti*, 2 de dezembro de 1989, *Inprecor*, n.º302, 9-23, fevereiro de 1990, p. 27.

128. Mandel, *Où va l'URSS de Gorbatchev?* Ed. La Brèche, Montreuil, 1989, p. 303.

129. Idem, *ibidem*, pp. 305-306.

progressistas, sobressaem na plataforma de Yeltsin e Sakharov: contra os privilégios da burocracia; por mais igualdade; e por um sistema multipartidário”.¹³⁰

Sakharov, esse representante da “esquerda radical”, tinha na prática o estatuto de agente oficial da CIA na União Soviética há muitos anos. Apoiara com entusiasmo a agressão norte-americana ao Vietnã. Considerava que os estadunidenses teriam podido vencer essa guerra “se tivessem demonstrado um espírito mais determinado e consequente no plano militar e, sobretudo, no plano político”.¹³¹

Quanto a Yeltsin, durante sua primeira viagem aos Estados Unidos, a imprensa internacional havia comentado sobre suas afirmações elogiosas ao capitalismo norte-americano e relatado os contatos com a CIA. Até um jornal belga de direita, como o *De Gazet van Antwerpen*, considerou que Yeltsin tinha exagerado ao declarar:

O capitalismo não está a apodrecer, pelo contrário, desabrocha. Podemos comprar tudo por pouco dinheiro. À noite, nas ruas, não se corre o menor perigo. Até nos sem teto encontrei atitude otimista perante a vida.¹³²

Depois destas declarações tão abertamente antissocialistas, Yeltsin continuou a ser saudado por Mandel como “a esquerda radical democrática” do Partido Comunista da União Soviética!

Assim, no início de 1990, a imprensa trotskista manifestou mais uma vez o seu apoio à ala “radical-democrática”

130. *Inprecor*, nº 285, 3 abril de 1989, p. 4.

131. Sakharov, *Mon pays et le monde*, Ed. Seuil, 1975, p.75.

132. *Gazet van Antwerpen*, 18 de setembro de 1989, p. 6.

da oposição na URSS: O *Moskóvskaia Pravda*, de 23 de fevereiro de 1990, publicou “a plataforma democrática” da oposição radical-democrática dirigida por Yeltsin. A plataforma reclama o exercício do poder pelos soviets, eleitos na base de um sistema multipartidário, a abolição do “papel dirigente do PC” e a adoção de uma lei que institua o sistema multipartidário.¹³³

Notamos que os trotskistas continuaram a insistir nos pontos desenvolvidos por Yeltsin, os quais coincidiam com sua linha “revolucionária”. Mandel chegou a declarar que Yeltsin era o novo Trotsky. Hoje, o reformador Boris Yeltsin representa a tendência favorável à redução do enorme do aparelho burocrático. Assim, segue as pegadas de Trotsky.¹³⁴

Quando, em agosto de 1991, Yanayev improvisou o seu estranho golpe, montou profissionalmente um verdadeiro golpe de Estado, que destruiu toda a legalidade do sistema existente com o apoio de uma desmesurada mobilização internacional de todas as forças imperialistas. Mandel e os trotskistas estavam, evidentemente, ao lado de Yeltsin.

A mobilização galvanizada por Yeltsin e a rejeição do antigo sistema explicam o fracasso do que parece mais ter sido um golpe de força do que um golpe de Estado. Era preciso não hesitar em se opor ao golpe e, neste sentido, lutar ao lado de Yeltsin. O desenvolvimento da auto-organização, do pluralismo político e da total liberdade de expressão são as únicas garantias de uma democracia em relação às opções essenciais futuras. Somos

133. Inprecór n°304, 9-22, Março de 1990, p. 36.

134. Mandel, *Financieel-Economische Tijd*, 23 de março de 1990: Ernest Mandel: “Gorbatchev is te vergelijken met Roosevelt en De Gaulle”.

a favor da nacionalização dos bens do partido comunista e dos sindicatos oficiais.¹³⁵

Nesta altura, para todos os anticapitalistas honestos, era evidente que Yeltsin representava a facção ultraliberal e pró-estadunidense da nova burguesia russa e se preparava para reabilitar a herança czarista. No entanto, os trotskistas aclamaram o golpe de Estado contrarrevolucionário de Yeltsin porque abria caminho à “auto-organização”, quer dizer, à auto-organização das massas contra o Partido Comunista, e porque introduzia o “pluralismo”, quer dizer, a liberdade para os partidos liberais, socialdemocratas, fascistas e czaristas... Liberdade para os partidos burgueses, acompanhada da inevitável repressão contra as organizações comunistas, podendo conduzir eventualmente à sua interdição, como acontece em todo o sistema burguês “pluralista”. Um ano depois, ninguém podia negar, incluso nos círculos da grande burguesia internacional, o caráter de extrema-direita e pró-imperialista de Yeltsin.

Como verdadeiros provocadores anticomunistas, os trotskistas ousaram então titular: “estará Yeltsin a seguir as pegadas de Stalin?”¹³⁶ Este exemplo mostra bem que anticomunistas não se detêm perante nenhuma baixeza ou canalhice. Apoiaram até ao fim o liberal Yeltsin em seu combate anticomunista, comparando-o com seu chefe revolucionário, o grande Trotsky; alguns meses depois, concluída a restauração capitalista e tendo Yeltsin saudado a memória dos antigos czares, os trotskistas declaram que, na realidade, Yeltsin se parece com o seu pior inimigo: Stalin.

135. *Inprecor*, número especial, 29 de agosto de 1991, pp. 1-3.

136. Harry Mol, *Rood*, n.º2, 22 de janeiro de 1992, p. 20.

Um grande suspiro de alívio

Em abril de 1989, Mandel publicou um livro em que escreve tudo o que pensa de positivo sobre Gorbatchov, Yeltsin e sobretudo da *glasnost*. Recorde-se que, nesta altura, a burguesia se esforçava para esconder seu entusiasmo por todas as mudanças introduzidas por Gorbatchov. A senhora Thatcher já tinha exclamado que era uma partidária da *glasnost* e da *perestroika*. A burguesia anunciava o fim do comunismo e o início de uma grande era de paz, de democracia e liberdade. Na sua linguagem de “esquerda” pérfida, Mandel apoiou, como sempre, a corrente burguesa em voga. Em seu livro escreve: “o pesadelo do stalinismo e do brejnevismo está definitivamente superado. O povo soviético, o proletariado internacional e toda a humanidade pode dar um suspiro de alívio”.¹³⁷

Nesta altura, nosso partido tinha destacado que a contrarrevolução no Leste Europeu e na União Soviética constituía uma vitória estratégica do imperialismo, que provocaria um desastre para os povos dos antigos países socialistas, reforçaria a opressão do Terceiro Mundo, cujos povos seriam as primeiras vítimas das mudanças em curso, e que acentuaria todas as contradições do mundo capitalista. Os trotskistas titularam então: “a loucura da direção do PTB agrava-se”.¹³⁸ No mesmo jornal, explicavam “o suspiro de alívio da humanidade”, prometendo um futuro sem intervenções militares imperialistas aos povos do Terceiro Mundo! “Os movimentos de massas no Leste Europeu constituem também uma ameaça (...) para o imperialismo. Uma intervenção estrangeira do imperialismo no Terceiro Mundo torna-se agora mais difícil”.¹³⁹

137. Mandel: *Où va l'URSS de Gorbatchev?*, Ed. La Brèche, Montreuil, 1989, p. 23.

138. *Rood*, 9 de janeiro de 1990, p. 10.

139. *Ibidem*, p. 12.

E quando um ano depois a coalizão imperialista desencadeou sua bárbara agressão contra o Iraque, os trotskistas apregoaram que se batiam tanto contra Saddam Hussein, como contra os aliados. Entretanto, no Leste Europeu e na União Soviética, verificava-se que o “suspiro de alívio” era afinal um grito de horror ante o desemprego, a miséria, a pobreza, o nacionalismo reacionário e a guerra civil.

Desenvolvendo a sua ideia do “suspiro de alívio” do povo soviético, Mandel imaginou fechar o seu livro com chave de ouro. Eis, em resumo, a última página:

A evolução atual confirma que a análise e as previsões feitas por Trotsky, há quase meio século, eram bastante realistas e verdadeiras: “Assim que o proletariado começar a entrar em ação, o aparelho stalinista ficará suspenso no ar. Se tentar, apesar de tudo, oferecer resistência, não deverá recorrer a medidas de guerra civil, mas antes a medidas de caráter policial. Trata-se, em todo o caso, não de uma insurreição contra a ditadura do proletariado, mas da abolição de uma excrescência perniciosa dentro dela. A revolução que a burocracia prepara contra si mesma não será uma revolução social, como a de 1917: não se tratará de mudar as bases econômicas da sociedade, nem de substituir uma forma de propriedade por uma outra. Assim acontecerá.”¹⁴⁰

É louvável que Mandel tenha associado o velho Trotsky às suas análises da *glasnost* (que, apenas um ano depois, o irá desmascarar como um anticomunista irredutível).

140. Mandel: *Où va l'URSS de Gorbatchev?*. Ed. La Brèche, Montreuil, 1989, p. 340.

Com efeito, os grotescos artifícios contrarrevolucionários de Mandel levam até às últimas consequências os propósitos antibolcheviques mais sofisticados de Trotsky. Em 300 páginas de análises, Mandel conclui que a “predição” de Trotsky podia agora concretizar-se graças à *glasnost*. Há meio século, Trotsky esforçava-se para provocar uma insurreição antibolchevique. Uma vez que a ditadura do proletariado estava firmemente estabelecida, uma vez que o partido bolchevique mobilizava energeticamente as massas operárias e camponesas, Trotsky teve de recorrer a uma aliciante demagogia de “esquerda”: quando derrubarmos o partido “stalinista”, a ditadura do proletariado restará intacta, apenas amputaremos uma “excrescência burocrática”. A insurreição eliminará um parasita de um corpo são. Não haverá mais classes reacionárias ou revanchistas no corpo da sociedade soviética, nem novas forças burguesas: o corpo socialista erguer-se-á contra o “parasita stalinista”. Trotsky teve que assegurar aos operários que a sua insurreição não alteraria as bases econômicas do socialismo, que estava fora de questão restabelecer a propriedade privada. Evidentemente! Cinquenta anos mais tarde, Mandel dará as mesmas garantias na seguinte citação com que conclui o seu livro: a *glasnost* e a “democratização” da sociedade soviética, levados até a fim, manterão e melhorarão a ditadura do proletariado, e não mudarão a base econômica da sociedade. Dois anos depois pudemos assistir às convulsões contrarrevolucionárias criminosas, que foram apresentadas e justificadas com estes propósitos benignos.

A revolução política antiburocrática trotskista

Há 60 anos que os trotskistas alegam que querem derubar “a burocracia” nos países socialistas através de uma “revolução política”. O ódio de Trotsky ao sistema socialista manifesta-se na forma como qualifica a direção bolchevique

da URSS: a “casta dos arrivistas rapaces”, a “oligarquia totalitria”, “a nova aristocracia”, a “gangu crimmosa de Stalin”,¹⁴¹ “a casta dos novos opressores e parasitas”, “a burocracia totalitria”, “a claue autocrática”, “a hierarquia de incapazes e escória”.¹⁴² Encontramos a mesma linguagem na literatura fascista nos finais dos anos 30.

Segundo Trotsky, a mobilização de todas as forças de oposição à “burocracia” conduzirá a uma “revolução política” que livrará a sociedade socialista autêntica dos parasitas burocratas. Esta teoria, segundo as afirmações do grupo de Mandel, constitui em si o núcleo da doutrina trotskista: “A teorização da degeneração burocrática da URSS e da revolução política é o avanço programático mais importante do movimento trotskista. A revolução política e as tarefas que implica a sua preparação são as verdadeiras razões da existência da IV Internacional”.¹⁴³

Provocações a serviço dos nazistas

O significado real da teoria da “revolução política” foi demonstrado nas lutas dos anos 30. Toda a burguesia ocidental exprimiu então a sua apreciação positiva das “análises penetrantes da revolução traída”, feitas por Trotsky. Na realidade, Trotsky manifestou-se como um anticomunista enraivecido e as suas afirmações contra o partido bolchevique e contra Stalin foram e continuam a ser aplaudidas pelos ideólogos do imperialismo.

Limitemo-nos a um exemplo altamente significativo. Em 1982, Henri Bernard, professor emérito da Academia Real

141. Trotsky: *L'appareil policier du stalinisme*, Union générale. d'Editions, Paris, 1976, collection 10-18, pp. 193, 256, 257 e 247.

142. Trotsky, *La lutte antibureaucratique en URSS*, Union générale. d'Editions, 1975, pp. 300, 301, 169 e 213.

143. *Turpin Pierre: Le trotskisme aujourd'hui*, Ed. L'Harmattan, Paris, 1988, p. 61-62.

Militar da Bélgica, publicou um livro para alertar a opinião pública contra o perigo de uma agressão soviética. Disse-nos o seguinte: “1939 parece-se com 1982, os nazistas de então são os comunistas de hoje, o antifascista Einstein tem o seu sucessor no anticomunista Soljenítsin”.¹⁴⁴

Para nos demonstrar a ameaça terrível que pesava sobre o Ocidente em 1982, Henri Bernard considerou útil guiarnos em uma digressão através da história da União Soviética desde 1927. Eis algumas frases colhidas ao longo do percurso:

No plano privado, Lenin era, tal como Trotsky, um ser humano. Sua vida sentimental não era desprovida de fineza. Trotsky devia normalmente suceder a Lenin. Apesar de algumas divergências de opinião, Lenin manteve sempre uma grande afeição por Trotsky. Pensava como seu sucessor. Achava que Stalin era demasiado brutal. No plano interno, Trotsky manifestava-se contra a burocracia que paralisava o aparelho comunista. Por último, Trotsky afirmava que um regime só poderia desenvolver-se com maior liberdade de opinião e um espírito crítico construtivo. Artista, homem de letras, inconformista e frequentemente profeta, não podia se entender com os dogmáticos primários do Partido.¹⁴⁵

Eis como fala um dos principais chefes do serviço de informações militares sobre os méritos de Trotsky.

A partir de 1938, quando a agressão hitleriana pesava como uma ameaça constante sobre a URSS, em um momento em que o Partido Comunista travava uma luta decisiva contra

144. Bernard Henri, 1982, p. 9.

145. Ibidem, pp. 48-49.

os derrotistas e capitulacionistas, e em que mobilizava todas as suas forças para a batalha gigantesca que se aproximava, Trotsky fazia agitação como provocador e as suas afirmações tornaram-se armas nas mãos dos agentes nazistas. Em 1938, todos os comunistas e patriotas soviéticos se entregavam de corpo e alma às tarefas políticas e militares na expectativa da agressão nazista. Os apelos dementes de Trotsky à insurreição armada só poderiam encontrar eco entre os piores inimigos do socialismo. Eis algumas afirmações feitas por Trotsky entre 1938 e 1949: “só é possível assegurar a defesa do país destruindo a clique autocrática dos sabotadores e derrotistas”. (3 de julho de 1938).¹⁴⁶

Neste momento, ante a ameaça nazista, as tensões eram muito fortes na União Soviética. Certos grupos oportunistas, para os quais os sacrifícios eram demasiado pesados, e certos grupos contrarrevolucionários conceberam planos para um golpe de Estado. A depuração, inteiramente necessária face à de uma guerra de resistência, foi dirigida contra estas forças. Trotsky ofereceu-lhes um novo argumento de agitação contra o partido, afirmando que a derrota da URSS para os nazistas seria certa se Stalin e os stalinistas permanecessem no poder. Consequentemente, era preciso destruir a direção do Partido através de uma insurreição. Estes propósitos correspondiam exatamente às intenções dos nazistas, que pretendiam provocar uma guerra civil para realizar mais facilmente os seus planos de invasão.

Só o derrubamento da claqué bonapartista do Kremlin poderá permitir a regeneração do poderio militar da URSS. Aqueles que defendem direta ou indiretamente o stalinismo, que exageram o poderio do seu exército, são

146. Trotsky: *L'appareil policier du stalinisme*, Union générale d'Éditions, Paris, 1976, collection 10-18, p. 169.

os piores inimigos da revolução socialista e dos povos oprimidos. (10 de outubro de 1938).¹⁴⁷

Assinale-se que os nazistas acreditaram nesta propaganda, que os animou na sua determinação de acabar com o bolchevismo. Mas depois de seis meses de guerra tiveram que reconhecer que haviam subestimado o potencial militar e a combatividade dos soviéticos...

Só uma insurreição do proletariado soviético contra a tirania infame dos novos parasitas pode salvar o que ainda subsiste das conquistas do outubro nos fundamentos da sociedade. (14 de novembro de 1938).¹⁴⁸

As conquistas da Revolução de Outubro não servirão o povo se este não se mostrar capaz de agir contra burocracia stalinista como antes fez com a burocracia czarista e a burguesia. (...) Isto só pode ser realizado de uma única maneira: pelos operários, os camponeses e os soldados do Exército Vermelho que se levantarão contra a nova casta de opressores e parasitas. Para preparar um levantamento em massa, é preciso um novo partido, a IV Internacional". (maio de 1940).¹⁴⁹

O leitor terá reparado na data em que tal prosa delirante foi produzida: maio de 1940. Já há 7 meses que a Inglaterra e a França tinham declarado guerra à Alemanha de Hitler; dois meses antes, a Finlândia, aliada da Alemanha, tinha capitulado perante a URSS após três meses de guerra. Stalin

147. Idem, ibidem, p. 188.

148. Idem, ibidem, p. 206.

149. Idem, ibidem, pp. 302-303.

tenta por todos os meios ganhar tempo, mas sabe que, a partir deste momento, a agressão nazista pode acontecer a qualquer momento. É neste contexto que Trotsky lança suas provocações mais infames e criminosas: apela à insurreição popular, após uma insurreição do exército contra a “nova casta dos parasitas”, termos que então eram populares entre os hileristas. Seria possível os bolcheviques não concluírem que Trotsky tinha degenerado ao ponto de agir como agente de Hitler?

Todas as suas declarações anticomunistas, durante o período entre 1938 e 1940, mostravam que Trotsky e os seus pequenos grupos de acólitos tinham se transformado em provocadores, consciente e inconscientemente, a serviço dos nazistas. Contudo, não puderam exercer a menor influência no desenrolar dos combates. Graças a um trabalho gigantesco de organização da população e de mobilização do Exército Vermelho e das formações de guerrilheiros, graças aos esforços sobre-humanos no domínio da produção militar e da construção de novas fábricas, os bolcheviques conseguiram preparar eficazmente o país para a confrontação inevitável com os criminosos nazistas.

No final da guerra antifascista, por todo o mundo, os pequenos grupos trotskistas estavam completamente desacreditados e isolados.

Foi Khrushchev quem permitiu aos anticomunistas trotskistas levantar a cabeça, atacando a obra gigantesca do camarada Stalin nos termos retomados à reação mundial. A linha de Khrushchev, aprofundada e desenvolvida por Brejnev, resultou hoje na restauração do capitalismo.

Hoje podemos dizer que quem não é capaz de reconhecer o caráter provocador, anticomunista e pró-fascista das referidas teses desenvolvidas por Trotsky, nada tem de comunista.

Mandel apoia os nazistas ucranianos

Vejamos agora quais as forças políticas e sociais que os trotskistas apoiaram em nome da sua “revolução política”, desde a Segunda Guerra Mundial. Quando os nazistas ocuparam parte da URSS em 1941, fundaram e apoiaram na Ucrânia um movimento nacionalista e pró-nazista que massacrou centenas de milhares de judeus, poloneses e comunistas. Em 1944, no momento da retirada, os nazistas deixaram grupos fascistas ucranianos, dirigidos por oficiais alemães nazistas, atrás das linhas do Exército Vermelho. O grupo de Mandel aclamou esta contrarrevolução nazista, como parte da “revolução política antiburocrática”. Inacreditável? Julguem vós próprios: em 1988, o grupo de Mandel escreveu o seguinte:

Durante a Segunda Guerra Mundial, a IV Internacional subestimou gravemente as potencialidades revolucionárias do movimento nacionalista ucraniano. A Internacional só percebeu da existência do movimento revolucionário de libertação nacional 5 anos depois da guerra, quando os guerrilheiros ucranianos travavam seu último combate.¹⁵⁰

Aqui, os trotskistas revelaram-se abertamente como provocadores a serviço dos nazistas. Os trotskistas retomaram a mentira difundida desde 1945 pelos serviços secretos norte-americanos, segundo a qual os nacionalistas ucranianos tinham combatido “contra Hitler e contra Stalin”. O que aconteceu na realidade?

Em uma revista para antigos combatentes da Frente Oeste, um oficial alemão da *Waffen-SS* relatou sua experiência na Ucrânia. Ele reconhece que o povo ucraniano “estava

150. Turpin Pierre: *Le trotskisme aujourd'hui*, Ed. L'Harmattan, Paris, 1988, p.23.

bastante desiludido com a política alemã durante a ocupação". Antes da sua retirada, o exército alemão formara a divisão Galitzia da *Waffen-SS*, composta por ucranianos e dirigida por militares alemães. O chefe do Exército Insurrecional Ucraniano, Melnik, tomou "a decisão muito responsável de lutar nas duas frentes: contra os soviéticos e contra os alemães" (Contra os alemães que... já estavam em retirada). O oficial nazista descreve então os combates em que participou com "seus ucranianos" contra o Exército Vermelho, em julho de 1944. "O fato de soldados alemães e ucranianos terem combatido juntos contra o inimigo comum conferiu uma nova dimensão à história das relações germano-ucranianas".¹⁵¹ A "revolução política" trotskista torna-se realmente maravilhosa com a *Waffen-SS* na sua vanguarda!

Com a contrarrevolução em Berlim e em Budapeste

A grande maioria da população alemã apoiou ativamente o regime hitlerista ao longo da guerra. Cinco anos após a derrota, a influência dos nazistas ainda era consideravelmente presente, tanto na Alemanha Ocidental como na Oriental. Na Alemanha Ocidental, os antigos nazistas e os seus colaboradores continuaram à frente das grandes empresas, da magistratura e do exército. A Guerra Fria, desencadeada pelos EUA e a Inglaterra, alimentava o anticomunismo dos nostálgicos da Nova Ordem na RDA. Quando em 1953, em Berlim-Leste rebenta uma revolta dirigida por antigos nazistas e apoiada pela rede do general Gehlen, antigo chefe dos serviços secretos nazistas que passaram para a CIA, Mandel aclamou esta "luta antiburocrática". "A casta burocrática não

151. *Berkenkruis*, junho de 1992, nº 6, pp. 4-5, artigo publicado em *Der Freiwille*, de outubro de 1956.

recua ante os crimes mais revoltantes. Esta lição da história já foi escrita com sangue nos muros de Berlim em 1953".¹⁵²

Na Hungria, o regime fascista de Horthy tinha dominado o país de 1919 até 1944. Em 1956, rebenta a contrarrevolução húngara, desencadeada pelos fascistas com o apoio da CIA. Mandel aplaudiu: "A revolução húngara de 1956 foi a que mais longe chegou na via da revolução política antiburocrática plenamente desenvolvida".¹⁵³

Acrescentemos que aqueles que, em 1989, em Budapeste, proclamaram o reino da livre iniciativa e pediram a adesão à OTAN, estavam assim a realizar o programa da insurreição anticomunista de 1956. Saudaram a memória do "herói nacional", Imre Nagy, que, em 31 de outubro de 1956, tinha rompido com o Pacto de Varsóvia e decretado a "neutralidade" da Hungria... o que era precisamente a palavra de ordem mais avançada, formulada pela *Rádio Europa Livre*.¹⁵⁴ A imprensa trotskista saudou as grandes manifestações anticomunistas do verão de 1989 na Hungria. Assim, Mandel escreve:

Nesta semana, um milhão de pessoas manifestou-se, em Budapeste, para prestar homenagem à memória do camarada Imre Nagy, líder comunista do governo dessa revolução que foi fuzilada pelos stalinistas".¹⁵⁵ (a imprensa fascista também saudou a memória de Nagy, esse eminente nacionalista executado pelos stalinistas...).

152. *Rood*, 6 de junho de 1989, p. 2.

153. Inprecór, XIe Congrès mondial de la IVe Internationale, novembro de 1979, p. 250.

154. Martens Ludo, *L'URSS et la contre-révolution de velours*, Ed. EPO, Bruxelles, 1990, p. 107.

155. *Rood*, 20 de junho de 1989, p. 6.

Mais adiante, o mesmo jornal trotskista afirma: “Imre Nagy pagou com a vida a sua ação corajosa ao lado dos conselhos de operários da grande Budapeste. Estes conselhos exigiam a democracia no quadro do socialismo”.¹⁵⁶ No livro *A URSS e a Contrarrevolução de Veludo* dedicamos um capítulo à análise da contrarrevolução de 1956 na Hungria.

Com o *Solidarnosc*, o “poder operário”

Na Polônia, o *Solidarnosc* foi apresentado pelos trotskistas como uma organização empenhada na luta contra a burocracia stalinista e pelo socialismo proletário! A IV Internacional escreveu em 1981:

Cada vez mais, o *Solidarnosc* funciona objetivamente, pelo menos a nível local e regional, como um órgão de duplo poder; a revolução política antiburocrática já começou, de fato, na Polônia. A experiência polonesa ilustra o conteúdo proletário revolucionário das reivindicações democráticas e nacionais nos estados operários burocratizados¹⁵⁷.

Ainda em 1981, os trotskistas queixaram-se de que o *Solidarnosc* não queria tomar o poder, apesar de representar uma alternativa, o poder dos trabalhadores.

As pessoas estão desarmadas pela incapacidade de *Solidarnosc* de tomar o poder. (...). Seria particularmente trágico neste momento que o ódio do totalitarismo pudesse servir para desarmar os trabalhadores confrontados com a ditadura totalitária. Surgiu

156. *Rood*, n.º 12, 20 de junho de 1989, p. 12.

157. *Inprecor*, n.º 105, 6 de julho de 1981, p. 14.

um poder contra o Estado: o poder dos trabalhadores poloneses.¹⁵⁸

E quando em 1989, com apoio de Reagan, Bush, Thatcher e de todos os serviços secretos ocidentais, o *Solidarnosc* se preparava para tomar o poder, Mandel ainda não mudara de opinião sobre a natureza do *Solidarnosc*, e afirma: “sua legalização é uma vitória para a classe operária”.¹⁵⁹

Com a CIA na Tchecoslováquia

Em 1990, na Tchecoslováquia, o conhecido colaborador da *Rádio Europa Livre* e da CIA, Vaclav Havel, toma o poder. Ele nomeará o trotskista Peter Uhl como diretor da agência de imprensa tchecoslovaca e porta-voz oficial do novo Estado burguês pró-estadunidense! Uhl escreve então: “pode-se discutir em que medida a teoria de Trotsky sobre a revolução política se justificou. Eu penso que é na Tchecoslováquia que a realidade se aproxima mais desta teoria”.¹⁶⁰ Em 12 de novembro, Mandel desenvolve o mesmo raciocínio, levando-o até ao absurdo (ou ao sórdido, como queiram). Compara a contrarrevolução tchecoslovaca... com a Revolução de Outubro! No seu relatório, os trotskistas escrevem: “mais brilhante do que nunca, nosso camarada Ernest Mandel reafirma que não há nenhuma dúvida: o que nós vivemos agora na Tchecoslováquia e na RDA é uma verdadeira revolução, com uma magnitude e uma profundidade sem precedentes desde a revolução russa de 1917”.¹⁶¹

Peter Uhl fez também uma excelente descrição da “revolução política” na Tchecoslováquia, enquanto revolução

158. Sean Connolly, *Inprecor*, n° 108, 14 de setembro de 1981, p. 24.

159. Mandel, *Inprecor*, n° 283, 6 de março de 1989, p. 4.

160. Petr Uhl, *Inprecor*, n.° 304, 9-22 de Março de 1990, p. 26.

161. Rood, 26 de Dezembro de 1989, p. 5.

anticomunista, levada a cabo por uma frente de todas as forças reacionárias:

Havia quem visse na Carta 77 um passo na direção da revolução política. É o meu caso. Outros viam nela um meio para propagar a palavra de Cristo. Foi um verdadeiro laboratório de tolerância. Desde que se afirme que somos contra o “comunismo”, contra o stalinismo, contra a burocracia, todos estão de acordo.¹⁶²

Bela descrição da frente que reagrupava os clérigo-fascistas, os nacionalistas reacionários, os socialdemocratas, os agentes da *Rádio Europa Livre* e os três trotskistas a serviço.

Acrescentemos que os trotskistas nos ensinaram, em 1989, que “a história da Tchecoslováquia realizou uma vingança estrondosa: Dubcek foi reabilitado”.¹⁶³ Ainda que os verdadeiros comunistas possam divergir de opinião, quando se trata de apurar se a intervenção soviética de 1968 foi ou não justificada, são unânimes em considerar a “Primavera de Praga” como uma contrarrevolução de tipo socialdemocrata.

Em *A URSS e a Contrarrevolução de Veludo* consagramos um capítulo à Tchecoslováquia entre 1969 e 1989. A relação entre as ideias socialdemocratas de Dubcek em 1969 e as da “revolução de veludo” de Havel-Uhl é ali analisada. Também comentamos os pontos de vista de Castro, que apoiou a intervenção, e de Mao, que a condenou.

162. *Inprecor*, n.º 296, 30 de outubro - 12 de novembro de 1989, p. 4.

163. *Rood*, 26 de dezembro de 1989, p. 8.

A revolução proletária na RDA!

A partir de setembro de 1989, a burguesia revanchista da República Federal Alemã apoiou com enormes recursos financeiros, com as suas estações de televisão e de rádio, a agitação anticomunista. O grupo de Mandel defende que “começou uma verdadeira revolução política”.¹⁶⁴

Duas semanas após, Mandel saúda a “revolução proletária” ali:

O recrudescimento do movimento de massas que abalou a RDA tem a magnitude de uma verdadeira revolução. Este movimento ultrapassa tudo o que já se viu na Europa desde maio de 1968, talvez mesmo desde a revolução espanhola. O caráter proletário da revolução que começou na RDA é demonstrado pela grande efervescência nas fábricas.¹⁶⁵

Um mês depois, a excitação de Mandel atinge o auge:

Estou realmente entusiasmado com o que acontece em Berlim. Tudo o que Rosa Luxemburgo, Trotsky e Lenin sempre desejaram pode agora realizar-se. É a primeira revolução, desde a revolução na Holanda no século XVI, que não está ameaçada por uma intervenção militar estrangeira. Estamos perante a primeira geração alemã, após cerca de 200 anos, que é completamente antimilitarista e antinacionalista. O que estimula o meu entusiasmo é a magnitude e a força excepcional deste movimento popular. Dos 500 mil habitantes de Leipzig, 200 ou 300 mil saíram à rua todas as segundas-feiras, durante

164. *Inprecor*, n.º 296, 30 de outubro - 12 de novembro de 1989, p. 4.

165. Mandel, *Inprecor*, n.º 297, 13-26 de novembro de 1989, p. 3.

oito semanas consecutivas. Na Alemanha Oriental, a corrente antissocialista é particularmente fraca. Em sete mil slogans, nem sequer 1% era antissocialista. Ninguém pode dizer se a próxima revolução irá ter lugar na Rússia, França, África do Sul ou em Espanha, mas é certo que as revoluções no Leste alemão e na Tchecoslováquia terão repercussões.¹⁶⁶

Para ilustrar o caráter “socialista” do movimento em curso, a IV Internacional cita uma declaração... de um grupo socialdemocrata. Ora, a socialdemocracia alemã é uma força de choque do imperialismo alemão, poderosa, em crescimento e expansionista. A estratégia e as táticas utilizadas por Willy Brandt, para infiltrar e influenciar, dividir e destruir o Partido Comunista da RDA, tiveram um papel importante na degeneração oportunista do SED. Eis o texto citado pelos trotskistas:

A democratização da RDA pressupõe a contestação do monopólio do poder e da pretensão à verdade do partido dominante. Para nós, a formação de um partido socialdemocrata é muito importante. São nossas orientações programáticas: Estado de direito; democracia parlamentar e multipartidarismo; economia social de mercado com rigorosa proibição dos monopólios; liberdade de criação de sindicatos independentes.¹⁶⁷

166. *Humo*, 21 de dezembro de 1989, pp. 18-20.

167. Grupo Iniciativa para um Partido Socialdemocrata na RDA, 12 de setembro de 1989, em *Inprecor*, n° 297, 13-26 de novembro de 1989, p. 10.

Deste modo, os trotskistas chegaram ao ponto de apresentar, como ilustração do caráter “proletário” da “revolução política” em curso, um programa que propugna abertamente o regime burguês... Apesar de Mandel afirmar que menos de 1% dos slogans era contra o socialismo!

A glasnost e o multipartidarismo contra “stalinistas”

Mandel definiu três critérios para distinguir os partidários do “stalinismo” das forças favoráveis ao rumo para o “socialismo democrático e autogestionário”: a atitude em relação à *glasnost* de Gorbatchov, ao Partido Comunista e à repressão na praça Tienanmen.¹⁶⁸

Viva a glasnost!

Definimos a *glasnost* como o processo de mudanças políticas que alargam o campo de exercício das liberdades democráticas, escreveu Mandel.¹⁶⁹ No livro *A URSS e a Contrarrevolução do Veludo* reservamos um capítulo inteiro para demonstrar que os cinco anos da *glasnost* prepararam de forma sistemática os espíritos para a restauração do capitalismo integral; que a *glasnost* ressuscitou os ideais da grande burguesia russa de 1917; que a *glasnost* deu a palavra a todos os anticomunistas, a agentes da CIA como William Colby, seu antigo diretor, ou ao reverendo Moon, aos adeptos do czarismo e da Igreja Ortodoxa czarista, a antigos colaboradores nazistas, aos homens de Vlassov e de Bandera.

Mandel falaria das “liberdades democráticas” em geral, sem caráter de classe, no momento em que Gorbatchov dava liberdade a todos os contrarrevolucionários que queriam enterrar definitivamente as últimas estruturas e influências

168. *Inprecor*, n° 295, 16-29 de outubro de 1989, pp. 15-16.

169. Mandel, *Inprecor*, n° 295, 16-29 de outubro de 1989, p. 15.

socialistas. A ideia mais elementar do leninismo é que o socialismo é uma ditadura de classe, que une os trabalhadores contra as forças da burguesia, contra as forças da exploração. “Reconhecemos que toda a liberdade”, afirma Lenin, “se ela não se subordina aos interesses da libertação do trabalho do jugo do capital, é um logro”.¹⁷⁰

Abaixo o partido único!

A *glasnost* deu a palavra a todas as correntes anticomunistas, e permitiu também que todas as forças capitalistas e pró-imperialistas se organizassem e lutassem abertamente pela restauração. Em 1989, Mandel aclamou a organização de partidos anticomunistas e contrarrevolucionários na URSS: “O início de eleições autênticas, que se verifica hoje na União Soviética, é um grande passo em frente. Mas é preciso que haja eleições realmente livres, com liberdade para constituir tendências, fracções e partidos diversos, sem restrições ideológicas”.¹⁷¹

Entre 1989 e 1990, Mandel assistiu à realização do seu maior sonho: a legalização “de partidos diversos, sem restrições ideológicas”; e a nova burguesia soviética manifestou-se através dos partidos socialdemocratas, liberais, democratas-cristãos, nacionalistas czaristas, etc. Este pluralismo burguês marcou a liquidação final do socialismo e a restauração completa do capitalismo. Hoje, a prática da luta de classes mostrou o carácter e a natureza desta reivindicação principal fundamental dos trotskistas, formulada desde 1979. Em seu IX Congresso Mundial, o grupo de Mandel aprovou uma resolu-

170. I Congresso de Toda a Rússia sobre Ensino Extra-Escolar, V.I. Lenin, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante, Lisboa 1986, t. 5, pág. 257. (N. Ed.)

171. Mandel, *Inprecor*, n° 283, 6 de março de 1989, p. 4.

ção que “reinventa”, quase palavra por palavra, as teses anti-comunistas do renegado Kautsky, contra as quais Lenin lançou a sua célebre polémica. Deste modo, comprova-se, mais uma vez, a verdade muitas vezes repetida pelo partido bolchevique e pelo camarada Stalin: O trotskismo é a socialdemocracia de direita, adornada com um fraseado de “esquerda”.

No capítulo “Partido único ou pluripartidarismo”, Mandel afirma:

Se dissermos que só os partidos e organizações que não tenham programas burgueses (e pequeno-burgueses?) podem ser legalizados, onde é que iremos traçar a linha de demarcação? Os partidos cujos membros sejam majoritariamente oriundos da classe operária, mas que ao mesmo tempo tenham uma ideologia burguesa, deverão ser proibidos? Qual a linha de demarcação entre um “programa burguês” e a “ideologia reformista”? Devemos desde logo proibir igualmente os partidos reformistas? Iremos suprimir a socialdemocracia? (...) Nenhuma democracia operária autêntica será possível sem a liberdade de constituir um sistema multipartidário.¹⁷²

Sim, é verdade que Lenin proibiu os partidos socialdemocratas, isto é, os mencheviques e os socialistas-revolucionários. Isto porque, na guerra civil, eles combateram ao lado do czarismo, da burguesia e das forças intervencionistas; e porque foram esmagados juntamente com as forças feudais e burguesas. Lenin sublinhou várias vezes que um representante inteligente da grande burguesia, como Miliukov, compreendia perfeitamente que, em uma primeira fase, só um

172. *Inprecor*, número especial, IX Congresso Mundial, 1979, pp. 236-237.

partido de “esquerda”, socialdemocrata, teria possibilidades de arrastar as massas para a luta antibolchevique. É por isso que Miliukov contentar-se-ia com mera legalização de um partido socialdemocrata...

Não reprimir a contrarrevolução!

O trotskismo nunca perde de vista seu único inimigo: o marxismo-leninismo e o movimento comunista internacional. Assim, negando insistentemente o perigo de uma restauração, Mandel concentra os seus ataques contra aqueles que denunciam os processos contrarrevolucionários e que enfrentam efetivamente a contrarrevolução em marcha.

Ao longo de 1989, duas tendências políticas ousaram enfrentar a contrarrevolução em ascensão. Em primeiro lugar, na Europa do Leste, forças com orientações oportunistas há muitos anos, do tipo khrushchevistas, que praticaram o seguidismo em relação à União Soviética e se deram conta das intenções reais de Gorbatchov. Em segundo lugar, o Partido Comunista da China, que reprimiu a revolta antissocialista em Pequim.

Para acelerar o processo de restauração na URSS, Gorbatchov deu deliberadamente luz verde a todas as forças anticomunistas na Europa do Leste. Levando a *glasnost* à sua conclusão lógica, Gorbatchov queria impedir que os autênticos comunistas dos países do Leste e da União Soviética pudessem formar uma frente antirrestauracionista. Ao mesmo tempo, a restauração integral do capitalismo na Europa do Leste deveria encorajar e ajudar os “reformadores” da URSS.

Em uma altura em que a restauração estava praticamente terminada na Polónia e na Hungria, Mandel afirma:

A Europa do Leste está atualmente abalada por uma crise sem precedentes desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Ao contrário do

que uma análise superficial poderia fazer parecer, a burguesia europeia não vê com bons olhos esta desestabilização. Não tem a esperança de recuperar o capitalismo na Europa do Leste.¹⁷³

Um ano mais tarde, a afirmação de que o imperialismo não tem a esperança de recuperar os países do Leste seria suficiente para qualificar Mandel como o bobo da contrarrevolução. Procurou justificar assim a sua ajuda a todas as forças antissocialistas que se lançavam no assalto contra a “burocracia”. Ao mesmo tempo, Mandel minava toda a vigilância em relação à nova burguesia e ao imperialismo.

Em contrapartida, Mandel mantinha uma vigilância cerrada em relação às fracas forças comunistas que tentavam resistir à ofensiva da burguesia! Assistimos à coordenação de uma espécie de “frente internacional” anti-Gorbatchov, que inclui os chamados “conservadores” na Romênia, na Tchécoslováquia, na Alemanha Oriental, as minorias neostalinistas na Polónia e na Hungria.¹⁷⁴

Em abril de 1989, Mandel saúda os notórios progressos na Polónia e na Hungria da restauração burguesa, designada “experiência pluralista”. Havel é o seu herói e os opositores à restauração são os seus inimigos obstinados. “Em um momento em que na Polónia e na Hungria têm lugar experiências de pluralismo, a direção de Praga reafirma o princípio do “papel dirigente do partido” (...) A imprensa da Alemanha Oriental segue a apoiar a repressão na Tchécoslováquia e pressiona para a constituição do eixo Praga-Berlim-Bucareste contra a *perestroika*. O *Neues Deutschland* descreveu Havel como “um provocador”. “Enviem mensagens de solidariedade

173. Mandel, *Inprecor*, n.º 283, 6 de março de 1989, p. 4.

174. *Inprecor*, n.º 283, 6 de março de 1989, p. 3.

a Vaclav Havel na prisão”.¹⁷⁵ Para os trotskistas, toda a repressão das forças antissocialistas, todas as prisões de agentes subversivos ao serviço da CIA, como Havel, é um crime monstruoso.

Em maio de 1989, os estudantes anticomunistas de Pequim aclamaram Gorbatchov com gritos de “Viva a glasnost e a perestroika” e “Viva o Solidarnosc”. Quando o motim contrarrevolucionário de 4 de junho de 1989 foi reprimido, Mandel juntou-se à extrema-direita internacional, dirigida na ocasião pelo Kuomintang, partido fascista reinante em Taiwan. Em uma primeira reação aos acontecimentos de Pequim, o grupo de Mandel escreveu:

A casta burocrática não recua perante os crimes mais repugnantes. Esta lição da história já foi escrita com sangue nos muros de Berlim em 1953, em Praga em 1968, em Gdansk em 1970 e em Varsóvia em 1981. A dimensão dos horrores em Pequim só pode ser comparada com a forma como a revolução húngara foi esmagada em 1956. (...) Os verdugos de Pequim não ganharam ainda a batalha. Hesitaram em demasiado tempo! Hoje, o povo chinês revolta-se. A insurreição se alastra através do país. O exército desmorona-se, há a ameaça de uma verdadeira guerra civil.¹⁷⁶ Tal como os fascistas de Taiwan, os trotskistas esperavam ver desenvolver-se na China uma “verdadeira guerra civil” contra a “classe burocrática”. Mais tarde, o próprio Mandel produziu uma análise “teórica” em que afirma: “A comuna (!) de Pequim de abril e maio de 1989 foi o início de uma revolução

175. *Inprecor*, n° 287, 1 de maio de 1989, pp. 8-9.

176. *Rood*, 6 de junho de 1989, p. 2.

política autêntica que tentou substituir o poder corrupto e ineficaz de um clique de dspotas burocratas pelo verdadeiro poder das massas populares. (...) As massas que se insurgiram em Pequim não tinham nenhum interesse em restaurar o capitalismo. Também não tinham a intenção de o fazer.¹⁷⁷

Felizmente, os trotskistas não foram os únicos a salvar a honra, como logo se apressaram a declarar:

Só a ala esquerda do Partido Comunista da URSS salvou a honra do comunismo. Sentimo-nos orgulhosos de estarmos hoje ombro a ombro com outros comunistas em nosso protesto contra a repressão sangrenta na China. A primeira reação foi de Yeltsin. "O que está a acontecer na China é um crime", declarou este membro do Soviete Supremo recentemente eleito.¹⁷⁸

Eis, pois, Mandel, novamente orgulhoso por estar na companhia de Yeltsin. No ensaio *Tienanmen 1989: da deriva revisionista ao motim contrarrevolucionário* fornecemos provas sobre o verdadeiro caráter do movimento de Pequim. Fang Lizhi, o pai espiritual incontestável do "protesto" estudantil de Pequim, declarou em 17 de janeiro de 1989:

O socialismo, em sua mistura Lenin-Stalin-Mao, foi completamente desacreditado. Será que uma economia livre pode ser compatível com a forma especificamente chinesa de governo ditatorial? A ditadura socialista está in-

177. Rood, 20 de junho de 1989, pp. 6-7.

178. Rood, 20 de junho de 1989, pp. 6 e 12.

timamente ligada a um sistema de propriedade coletiva e a sua ideologia é contrária ao tipo de direito de propriedade requerido por uma economia livre.

Três dos principais dirigentes do movimento de Pequim, Yan Jiaqi, Wuer Kiaxi e Wang Runnan, refugiaram-se em França e criaram a Federação para a Democracia. No seu programa definem como objetivo: “desenvolver uma economia de iniciativa privada e pôr fim à ditadura do partido único”. Em nome do multipartidarismo, os três juntaram-se ao partido fascista de Taiwan, o Kuomintang. Wuer Kiaxi, que teve grande destaque na imprensa trotskista, encontrou-se em 29 de janeiro de 1990, na República Popular da China, com o chefe da espionagem taiwanesa, John Chang, a quem afirmou:

“O diálogo entre os chineses anticomunistas é o primeiro passo para a unidade”. Yan Jiaqi e Wang Runnan também estiveram em Taiwan. Yan declarou: “O fato de Taiwan ter um governo democrático é para nós importante. Parece-me que esta é a base fundamental para a unificação de Taiwan e da China continental”.

Yueh Wu, o líder do dito “Sindicato Operário Independente”, tão caro aos trotskistas, chegou a Taiwan em 16 de junho de 1990, a convite da... Liga Mundial Anticomunista.¹⁷⁹

Assim, no seu intuito de distinguir os stalinistas, que defendem os princípios do marxismo-leninismo, dos partidários do “socialismo multipartidário”, Mandel definiu um terceiro critério:

179. *Tien An Men 1989: de la dérive révisionniste à l'émeute contre-révolutionnaire*, in *Etudes marxistes*, n.º12, setembro de 1991, Bruxelas, pp. 62-63.

Outro indicador é a atitude em relação à repressão sangrenta da Comuna de Pequim. No campo daqueles que condenaram os massacres da Praça Tiananmen estão quase todos os partidos favoráveis à *glasnost*.¹⁸⁰

Os “stalinistas” de Pyongyang até Havana

Em outubro de 1989, Mandel classificou como forças “stalinistas” os partidos comunistas da China, da República Democrática Alemã, do Vietnã, da Romênia, da Tchecoslováquia, da Bulgária, do Japão, da Índia (PCI-Marxista), da Coreia do Norte, da Albânia, de Portugal, os grupos que designou como pró-albaneses e maoístas, e também o Partido Comunista Cubano. Quando afirma que “o Partido Comunista de Cuba ocupa uma posição à parte”, Mandel refere-se à sua tática particular em relação a Cuba com vista à destruição do partido comunista. Isto ressalta claramente ao desenvolver a seguinte tese:

“Os ataques de Fidel Castro e da direção cubana contra a *glasnost*, ou seja, contra o processo de democratização parcial em curso na URSS, são contrários aos interesses do proletariado soviético, aos do proletariado mundial e aos da Revolução Cubana. Eles ameaçam provocar uma grave crise de legitimidade da direção cubana perante uma parte das massas, sobretudo dos jovens”. “Os entraves à liberdade de pensamento multiplicam-se em Cuba”. O Partido Comunista “substitui” as massas. “Esta penosa regressão ideológica é, a longo prazo, suicida”. Castro não pode lutar eficazmente contra “a degeneração burocrática do Estado cubano”

180. *Inprecor*, n° 295, 16-29 de outubro de 1989, pp. 15-16.

porque “rejeita a *glasnost*, a democratização pluralista, o controle institucionalizado pelas massas”. “Assim não lhe resta senão a luta burocrática contra a burocracia. É caminhar para um fracasso certo, como já vimos na URSS e na República Popular da China”.¹⁸¹

Isto mostra bem que o ódio dos trotskistas ao “regime burocrático de partido único” atinge também o “partido único cubano”. Se a abordagem tática é diferente, é porque os trotskistas consideram que assim serão mais eficazes para destruir o movimento comunista na América do Sul, infiltrando o Partido Comunista de Cuba e os partidos próximos de Cuba. Isto já aconteceu em resultado do trabalho destrutivo realizado durante dez anos por estes anticomunistas no interior da Frente Sandinista. Agora esperam poder aproximar-se da ala “progressista, antiburocrática e reformista” do Partido Comunista de Cuba. Têm a esperança de que o longo convívio dos cubanos com os soviéticos possa ter sido suficiente para formar partidários da *glasnost* e do multipartidarismo.

Entretanto tivemos oportunidade de verificar na Europa de Leste e na URSS no que resultaram os judiciosos conselhos de Mandel: triunfo da contrarrevolução, restabelecimento integral do capitalismo, ressurgimento do fascismo e do nacionalismo reacionário, um capitalismo selvagem, onde super ricos passam ao lado de uma massa de milhões de pessoas lançadas na miséria desumana e na guerra civil. Não duvidamos de que o Partido Comunista de Cuba tomará as medidas que se impõem para impedir a infiltração destes contrarrevolucionários e anticomunistas profissionais.

artigo publicado em 20 de outubro de 1992

181. Inprecór, nº 295, 16-29 de outubro de 1989, pp. 18-19.

